







UM NOIVO
A DUAS NOIVAS

OBRAS QUE SE ACHÃO A VENDA NA MESMA CASA :

Emm. Liais

SUPREMACIA INTELLECTUAL DA RAÇA LATINA, resposta ás alle-
gações germanicas. Versão de Abranches Gallo. 1 v. in-8 br.
2\$000, enc. 3\$000

C. Paulo de Kock

A NOIVA DE FONTENAY-DAS-ROSAS. 1 v. in-8º br. 2\$, enc. 3\$000
CAROTIN. 3 v. in-8 br..... 3\$000
GALUCHO. 4 v. br. 4\$000, enc..... 6\$000
PAULO E SEU CÃO. 8 v. br. 4\$000

Ponson du Terrail

O CAPITÃO DOS PENITENTES NEGROS. 1 v. br. 1\$000 enc. 2\$000

A. A. de Pascual

A MORTE MORAL. 4 v. br. 8\$000, enc..... 12\$000

J. Norberto de Souza e Silva

ROMANCES E NOVELLAS. 1 v. br. 3\$000, enc..... 4\$000
BRASILEIRAS CELEBRES. 1 v. in-8º enc..... 2\$000
FLORES ENTRE ESPINHOS. 1 v. in-8º enc..... 2\$000

A. Zaluar

CONTOS DA ROÇA. 2 v. br..... 2\$000
REVELAÇÕES. 1 v. in-4º enc..... 5\$000
PERIGRINAÇÕES pela provincia de S. Paulo. 1 v. in-4º enc. 6\$000

Eugenio Sue

A INVEJA. 1 v. in-8º br. 2\$000, enc..... 3\$000
A IRA. 1 v. in-8º br. 2\$000, enc..... 3\$000
A SOBERBA. 1 v. in-8º br. 6\$000, enc..... 8\$000

Victor Hugo

OS HOMENS DO MAR. 3 v. in-4º br..... 3\$000

Octavio Feuillet

JULIA, romance. 1 v. in-16 br..... 1\$000

UM NOIVO
A
DUAS NOIVAS

ROMANCE

POR

D^R JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

TOMO III

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER
LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO
69 — Rua do Ouvidor — 69

UM NOIVO À DUAS NOIVAS

SEXTA PARTE

I

MÃE EM DESESPERO

Octavia presa á sua cruz ainda resistia á adversidade que a acabrunhava; porque tinha na alma aquella força heroica que é inspirada pela fé religiosa; mas sem que vacilasse em sua resignação, começava á succumbir ao peso e ao rigor dos seus tormentos.

As relações e a convivencia da mãe e da filha havião-se tornado difficeis e penosas em face do barão e da baroneza, depois da noite

de amargura de Octavia; por quanto esta confessara o seu erro opprobrioso já sem reparação admissivel, e Julia lhe oppuzera a declaração formal de sua incredulidade, o que equivalia a convicção de que ouvira falsidade premeditada e egoista.

Estava perdido com a confiança o amor da filha; o casamento monstruoso se ia tornando tanto mais possivel, quanto mais se manifestavão fracos, e mesmo já provocadores de exigencias de Julia o barão e a baroneza. Octavia, mãe desamada, e enfim sem apoio nos avós de sua filha, entregava-se exclusivamente á mercê de Deos.

Ainda assim a nobre senhora se suppunha forte pela consciencia do dever, esperando resoluta o terrivel momento da decisão do consorcio escandaloso para impedil-o, confundindo, e aterrando o barão e a baroneza com a deshonna e a ignominia da mãe de Julia.

Mas a prova de que Octavia estava mais abatida, e menos capaz de acção energica do que se presumia, era a sua manifesta cobardia no procedimento que mostrava depois de descobrir a traição de Anna de Alencastro e de Paulina.

Ella experimentara pela primeira vez o turvo e frio sentimento de odio, e o desejo de vingança contra Germano e suas cúmplices.

Germano excedera todas as proporções da infamia para hostilisa-la; roubara-lhe o amor de sua filha, e atirava á rua o seo credito despedaçado.

Anna de Alencastro não era peor que elle, porque era impossivel sel-o; igualava-o porém em malvadeza.

Octavia fôra amiga de Anna de Alencastro desde seo tempo de caçada, prestara-lhe muitas vezes obsequios penhoradores, esquecera officios de amizade que em apertados vexames economicos tinham sido de auxilio protector, e julgava-se por isso com direito á mais dedicada fidelidade.

O resentimento elevou-se á altura da ingratição.

A atraçoada ignorava os motivos da traição; esta era porém imperdoavel, quaesquer que fossem aquelles.

Octavia odiava Germano; mas nas circumstancias em que se achava, Germano estava longe, fôra e livre de sua acção.

Anna de Alencastro e Paulina não tinham por si o escudo da distancia e da repulsão, que aproveitavão á Germano.

Que não lembrasse á Octavia, ou que fosse incompativel com a generosidade e grandeza de seo animo, alguma especie de vingativo castigo ensinado pelo odio, era louvavel e nobre; mas a tolerancia da companhia, da presença das duas intrigantes só se podia explicar pela cobardia da victima.

Entretanto, Anna de Alencastro e Paulina já tinham voltado á casa do barão, e Octavia não tivera coragem para pedir aos avós de sua filha que se esquivassem á receber as cúmplices de Germano, e se submettera á tolerar, embora com repugnancia, os abraços e a conversação de ambas.

A pobre mãe não ousara fallar, e menos propôr a despedida das perversas intrigantes por medo da opposição e do clamor da filha.

Mas ainda soffrendo tanto Octavia não esperava o raio que ia fulminal-a.

Durante alguns dias Julia, ainda sob a impressão recente da historia do amor da infancia de sua mãe, e de alguns episodios

do seo ultimo galanteio com Germano, não pudéra perdoar á este ás poeticas e innocentes ternuras do passado, e menos as blandicias e amorsos cuidados que Octavia lhe merecera, quando já só ella deveria occupal-o, e absorver-lhe os pensamentos.

Assim cada vez mais desgostosa e descrente de sua mãe, duvidando muito de seos bons sentimentos, e desestimando-a por egoisticamente impudica, embora não acreditasse na sua deshonna, e por outro lado enraivecida contra Germano e devorada pelo amor desgraçado, mas invencível, Julia foi com accelerada e indissimulavel aggravação de seos symptomas morbidos pondo em tormentosas apprehensões os avós e a mãe.

Tres dias antes os medicos tinham procedido á novo e minucioso exame da donzella doente, e o mais velho dos doutores teimára em presentir o pulmão esquerdo affectado.

No fim desses tres dias Julia foi incommodada por insistente tosse seca, e frequente.

Os medicos foram instantemente chamados.

O mais velho delles tinha, não adivinhado, mas visto e distinguido melhor que os outros a affecção pulmonar.

Sem que Julia o percebesse, elle apontou com o dedo...

Em tres dias o mal avultara e se estendera ameaçador...

Depois de longo exame os medicos sorrião-se animados e animadores á doente...

Mas quando, deixando-a, se acharão sós com o barão, pronunciarão se francos.

Causa que devia ser moral determinava a molestia de Julia, e localisando-a já de preferencia nos pulmões por predisposições de organização infeliz, fazia receiar, e já presagiava fatalmente um caso de tísica...

O prognostico se tornara mais e peor que duvidoso...

Fazia se preciso, indispensavel, destruir a causa do mal, e a causa se afigurava moral...

A familia devia conhecê-la, e abrogal-a melhor que os medicos, e era urgentissimo fazel-o.

O estado de Julia assumira consideravel gravidade, e era facilmente susceptivel de tornar-se desesperado...

O barão escutou á tremer a sentença dos autorisados juizez.

A sentença era preannunciadora de morte.

Apenas os medicos se rêtirarão, Octavia apressada e temerosa veio ter com o barão para interrogal-o sobre o estado da filha; mas ao ver a pallidez e a afflicção do nobre velho, estacou convulsando, e não ousou fallar, ou faltou-lhe a voz peada pela dor.

O barão tomou a mão de Octavia, e foi encerrar se com a pobre mãe no seo gabinete; fel-a sentar-se, sentou-se diante della, e perguntou á tremer:

— Julia?...

— Está com a senhora baroneza...

— Pois é necessario que tenhamos coragem, e que saibamos disfarçar.

E duas grossas lagrimas correrão pelas faces do barão.

Octavia poz-se em pé, e com os olhos embebidos no rosto do velho, e com as mãos frias e tremulas estendidas para elle, murmurou desolada, perguntando:

— Minha filha... Julia... vae morrer?...

O barão respondeo em duas palavras interrompido por um soluço:

— Está... tísica!...

Octavia cahio na cadeira, rompendo em pranto.

O barão segurou-lhe as mãos, apertou-as com ardor e disse:

— Oh!... Julia póde vir escutar-nos!... o seo choro a mataria mais cedo... é preciso saber fingir... os medicos dizem que ainda é possivel salvar-a...

O pranto de Octavia estancou-se de repente, e ella desorientada e em maternal consternação, parecendo agarrar-se ao dizer dos medicos que era um raio de esperança, volveo suas mãos apertadas, e apertando nellas vivamente as do barão, perguntou:

— Como?... como, senhor barão?... como é possivel salvar minha filha?...

Ante o annuncio da morte de Julia a mãe perdia a razão e a consciencia.

O barão disse:

— Minha filha, serenemo-nos primeiro. Precisamos conversar com ampla e illimitada confiança.

Exigir que se tornasse tranquillá ou serena a mãe á quem se acabava de intimar a sentença da morte da filha, era impôr quietação á natureza em convulsões profundas.

Mas Octavia respondeo gemebunda:

— Eu estou tranquilla... bem o vê, senhor barão.

O velho via o contrario; não o indicou porém, e depois de alguns momentos de silencio, pois que elle tambem precisava dominar-se, repetio a mãe de Julia tudo quanto ouvira aos medicos.

Octavia escutára cada vez mais consternada; mas, do que escutára, só comprehendeo que sua filha estava tísica, e que ia morrer em breve praso.

Soava a hora do desespero da mãe.

O barão reconheceo que lhe era necessario dar luz ao espirito daquella mãe sepultada em negror de amarguras.

— Minha filha! disse elle, é cruel a verdade; mas o que mata, e o que pode dar vida á nossa Julia é esse amor maldito...

Octavia estremeceo da cabeça aos pés e balbuciou authomatica, ou desesperadamente:

— Ah!... é?...

E que idéas se resolverão então na alma da mãe desesperada ninguem póde imaginar.

O barão tornou, dizendo:

— Coração aberto, minha filha! o avô e

a mãe de Julia estão sós. A mãe com a abnegação, o avô com o perdão nos lábios...

Octavia não respondeo. Parecia abstracta e assenhoreada por algum pensamento que ora lhe enrugava, ora lhe alisava a fronte.

Era como uma douda á reflectir.

O barão prosequio :

— Minha filha! o contraste do seo amor maternal e da sua justa severidade me preoccupa desde muitos dias, e nas angustias de hoje me autorisa uma pergunta, que farei sem suspeita, e sem offensa intencional...

Octavia levantou a cabeça, e disse :

— Faça-a.

— Oh! esta opposição do decoro de mãe ao amor da filha...

O velho interrompeo-se, hesitando.

— Acabe!..

O velho fallou emfim claramente.

— O amor insolente e perfido desse homem que a apanhou incauta, que a encontrou ignorante das ternas esperanças de Julia, a promessa de casamento que lhe foi feita por Germano forão por acaso e por desdita alem do que pode permittir o dever, e a honra?..

— Não! não! respondeo Octavia, corando

levemente; mas com olhar firme, arrostrando o do barão.

— Dona Octavia! a mais nobre das senhoras é sempre creatura humana, e susceptível de um momento de desvario!... eu reclamo a verdade com o perdão nos labios!... a viuva de meo filho pode nesta hora solemne contar com o meo perdão!...

Octavia instigada, quasi vencida, hia talvez cahir aos pés do barão...

Mas nesse instante ella ouviu o som lugubre da tósse de Julia... da tósse da tísica.

— Não!... disse a mãe.

— Julia está perto, observou o barão; concluamos pois...

— Concluamos...

— Minha neta pode portanto ser esposa de Germano?...

Julia tossio outra vez.

— Oh!... pode!... pode ser esposa de Germano!... respondeo Octavia, encruzando as mãos sobre o peito.

— Minha filha!...

— Senhor barão, Germano foi apenas meo innocente namorado durante alguns dias de illusão...

— Ah !... em tal caso é perdoavel a condescendencia para salvar da morte a nossa Julia !...

— Sim !... disse Octavia ; que ella se case... com tanto que viva...

— Oh !... minha filha !... exclamou o barão contendo a voz, e abraçando Octavia.

— Oh !... minha filha !... murmurou com sublime expressão de sentimento a pobre mãe, abraçando tambem o barão.

— Julia não morrerá... em Deos o espero !... disse o amoroso velho que, desprendendo-se dos braços de Octavia, sahio commovido do gabinete.

— Mas eu espero em Deos que hei-de morrer em breve !... disse a mãe em desespero, fallando consigo.

II

A MÃE Á MENTIR

Não ha filho que antes de por sua vez ser pae calcule aproximadamente, se quer, as apprehensões, as penas, os trabalhos e afflições que custou á seo pae.

Não ha berço, educação, fortuna ainda do melhor filho que não tenham vestigios de lagrimas do pae.

Que se faça pois idéa das atribulações, dos trances, das agonias porque passam as mães, que pela fraqueza e mais viva susceptibilidade do sexo devem soffrer dobradamente, e que até pela natureza são logo condemnadas á dor nos annuncios da maternidade.

Octavia lutava com a sorte mais cruel e implacavel, e sem duvida esgotava as forças e a vida *por ser mãe*.

Amára apaixonadamente um homem, e tinha tido mais que o direito, o dever de querel-o e de recebê-lo esposo, e d'elle se apartara, e o repellira *por ser mãe*.

Procurara obstar o casamento de sua filha com as mais justificadas e gravissimas razões e impellida pelos sentimentos mais nobres fôra de rasto confessar-lhe seo approbrio de senhora *por ser mãe*.

Estava sendo injuriada, perseguida atrocemente, e calumniada, tinha a convicção de haver perdido o amor da filha, pensara em fugir para a fazenda de seo pae; mas temendo a realisação do casamento nefando, não ousára fazel-o *por ser mãe*.

E de repente, agora, em dia sinistro e consternador, escutando a sentença de morte da filha, aterrada com a idéa da tísica que em breve a levaria a sepultura, accusando-se innocente causadora desse lugubre e horrivel infortunio, Octavia arrependida de seo justo e digno procedimento, maldizia das noções do dever, da moral e da religião que a tinham até então inspirado e fortalecido, e desatinada pedia ao céo o casamento de Julia com Germano, se essa união revoltante podia salvar-a da molestia fatal.

A pobre mãe não se perdoava as revelações tremendas que se atrevera á fazer a filha; temia que esta por ellas rejeitasse o casamento maldito, mas unica esperanza de seo restabelicimento e da conservação de sua vida.

Depois de sua curta mas consternadora conferencia com o barão, Octavia passeava afflictissima ao longo de sua sala de vestir, chorando e meditando, como pode meditar uma mãe ameaçada na vida de sua filha.

Conselhos de juizo recto, considerações de dever e de virtude, principios religiosos estavam banidos dos raciocinios desordenados daquella alma, em que só fallava o amor maternal em desespero.

Como Octavia meditava seria facil de comprehender á alguém que a visse de breve em breve espaço interromper-se, parar, pôr as mãos em acção de orar, levantá-las, e balbuciar soluçando:

— Que ella não morra, meo Deos!...

E seguir logo, andando com passos irregulares, ora apressados, ora morosos, e misturando reflexões tumultuosas com orações resadas á meia voz e á chorar.

No meio dessa tribulação, que todas as mães e somente ellas podem imaginar tremendo, lusira uma tenue e duvidosa esperança para Octavia.

Julia tinha-lhe dito com acerbidade e frieza que não acreditava nas culpas nodoadoras que ella lhe confessára.

A mãe que muito se doera dessa incredulidade que se fundamentava, não mais na confiança da sua virtude, porem na desconfiança de suas intenções, abraçava-se com ella, e a desejava então realmente sentida e enraizada no coração da filha.

Mas ao pé da esperança tenue e duvidosa levantou-se logo temor bem fundado.

Germano, o homem sem coração nem consciencia, que para violental-a á submeter-se á uma conferencia certamente cavillosa e perfida não hesitará em atraiçoar os segredos de suas relações amorosas, e até uma carta que a compromettia, não era capaz por vingança e por odio de ufanar-se de sua malvada victoria?...

Germano já tinha provado que não recuava diante de escandalo algum.

E Octavia tremia.

Foi longo o meditar da triste mãe; mas finalmente pareceo ter tomado resolução muito reflectida.

Podia ella reflectir?... não por certo; mas o amor maternal tem instinctos...

Octavia empenhou-se em disfarçar todos os signaes de sua afflicção: banhou tanto quanto lhe pareceo sufficiente os olhos, e com os recursos do seo toucador fez desaparecer as olheiras roxas, concertou seo penteado, e correio o toilette que se desordenará.

Era preciso que Julia não a suscitasse impulsada pelos crueis terrores que inspirava a gravidade do seo estado, que alias ella felismente ainda ignorava.

Preparada assim, e com rosto não alegre mas sem indicios da pena immensa que lhe amargurava a alma, Octavia esperou que a filha passasse para seo quarto áfim de, como costumava, fazer o seo toilette do jantar.

Ella não teve tempo de impacientar-se.

Julia não tardou á apparecer e obedeceo á mãe que a chamou, e que, apenas a vio entrar, cerrou a porta da sala.

Presuppondo que hia ser de novo importunada e magoada pelas artificiosas lamen-

tações de erro fatal, e pelos protestos de tardo e inútil arrependimento, com que sua mãe já uma vez tanto e tão cruelmente a mortificará, Julia sentio-se tomada de acerbo desgosto; mas contendo-se ainda respeitosa, perguntou com aparente socego:

— Que quer, minha mãe?...

Octavia tomou-lhe as mãos, beijou-lh'as, e disse:

— Quero pedir-te perdão!

— Á mim?... ainda!...

A mãe fingio não entender a dura significação do adverbio, e continuou, dizendo:

— Tenho-te feito tanto mal, minha filha!...

Julia olhou indecisa para Octavia.

— Sei, como és boa e santa... oh!... has de perdoar-me! amar-me!... eu te amo ainda mais, e tambem não sou má!... não sou, não!... mas olha, Julia!... a paixão desatina... desnatura... enlouquece a mulher!...

A filha não respondeo; parecia attonita.

— Ha cinco noutes que não durmo, punvida pelos remorsos, porque, uma noute antes dessas cinco, igualmente não dormi, estimulada pela paixão, e lançada por ella aos nltimos extremos do mais condemnavel e tredo designio...

— Minha mãe!... exclamou a filha, começando á comprehender.

— Oh, Julia Julia!... eu não posso mais com o remorso que me dilacera o coração; perdoa-me!...

— Perdoar?... o que?...

Octavia fallava, embora mentindo, verdadeiramente commovida e desolada pela lembrança da tísica, e pela idea da morte de Julia.

Era impossivel duvidar da sinceridade e da grandeza daquella dor, que fallava.

A mãe olhando por entre lagrimas para a filha, disse com abalo inexprimivel.

— Perdoa-me!... aquella feia historia do amor de Germano, e do meo... oh! tudo... nossos amores do passado... e os amores renascidos... e a minha fraqueza .. e a minha ignominia... tudo é falso...

— Minha mãe!... tornou Julia á exclamar; mas dessa vez com o coração nadando em alegre alvoroço.

— Perdoa-me, oh, minha filha! .. eu ameí Germano... procurei excitar o seo amor... vaidosa confundi a delicadeza do cavalheiro com a ternura que ambicionava merecer, vai-

dosa me suppoz amada, e fil-o acreditar á meo pae... concebi e levei meo pae á nutrir esperanças do casamento; mas em breve, reconhecendo-me desilludida e despresada, rugi de colera; ainda porem vaidosa escondi de meo proprio pae o meo desencanto!...

Como essa mãe mentia longa, circumstanciada, e impavidamente!...

Julia se deixava embalar, e apenas se desconsolava pela certeza do amor de sua mãe á Germano.

Octavia proseguio logo:

— Minha filha, quando a tua carta me chegou ás mãos, quando sube que eras amada e noiva de Germano, já desde três dias eu estava fulminada por desengano franco e despresador!... oh!. até então eu fôra somente vaidosa e insensata; mas desde então, perdoa-me!... tornei-me criminosa...

— Ah!...

— Juro-te, minha filha!... juro-te!... a vaidade ferida, e ultrajada—confesso-te, eu tinha-me em conta de formosa, e de irresistivel pelo poder de meos pretendidos encantos— a minha vaidade offendida aniquilou o meo amor; juro-te! que Germano. não te

amasse, e viesse hoje, e tivesse vindo uma hora depois de seo frio desengano, rojar á meos pés, eu o teria repellido sem piedade, sem imaginavel circumstancia, ou acaso possivel, em que eu pudesse tolerar sua ternura depois do ultrage.

Julia olhou muito duvidosa para sua mãe.

— Juro-te!... repetio esta; eu aborreci... odiei Germano; era homem morto para mim, ou somente vivo para a minha vingança; a prova desta verdade está no meo crime, ou no meo indigno procedimento ulterior. Perdoa-me, Julia!... o teo amor, o teo casamento hia felicitar esse homem, e no meo odio projectei vingar-me, impedindo a sua felicidade!...

— Ah!... e eu?... perguntou irreflectida e instinctivamente a filha.

— É isso!... eis o meo crime!... exclamou a mãe; perdoa-me, porque estou arrependida!... mas por vingança da vaidade, por delirante inspiração do mal pela paixão do odio que succedera á paixão do amor aniquilado, eu menti, eu calumniei Germano, appellei para meo pae enganado, e consegui com aleives obster o teo casamento!...

— Meo Deos!... murmurou Julia.

Octavia precisava chegar ao fim de suas perdoaveis mentiras.

— Desconfiada, raivosa pela convicção de que Germano se empenhava em fazer-te conhecer a verdade, e em destruir meo plano de odienta vingança, espreitei-te, minha filha, sorprehendi tuas confidencias com Paulina, que alias é indigna de nossa amisade, sorprehendi por ultimo a communicacão daquella carta immodesta que escrevi presumindo-me de amada, e já me ostentando noiva, e ainda mais enfurecida, phrenetica...

— Basta, minha mãe!...

— Não! devo dizer-te tudo!. perversa em minha loucura, tentada pelo demonio do odio, fui na mesma noute para matar o teu puro e merecido amor, para tornar impossivel o teu casamento com Germano, lançar sobre Germano a mais falsa e tremenda accusação, e sobre mim propria a calumnia mais atroz e ignominiosa!...

E Octavia exaltava-se, fallava esplendida de verdade e de arrependimento, mentindo descomedidamente assim.

E Julia ás vezes tossia; mas então a

mãe, torcendo as mãos, e confrangendo-se apurava ainda mais a mentira, dando á sua voz o accento de profunda e dolorosa compuncção.

— Basta! basta, minha mãe!... repetira Julia compadecida.

— Perdoa-me!... perdoa-me!... disse ainda Octavia; perdoa-me, filha!... eu menti!... eu não nodei o nome de teu pae!... fui má; estou porem arrependida!...

— Graças ao ceo!... mas eu nunca duvidei da honra de minha nobre mãe!... disse Julia radiosa.

Octavia não pensava então em sua honra, não pensava em si, só se occupava de plantar e enraizar outra convicção no animo da filha, a convicção recurso, a convicção remedio contra a tísica, e contra a morte.

A pobre mãe tornou, dizendo com a mais firme segurança, e effusão de lealdade:

— Ah, minha filha!... fui má, não o sou porem mais!... á cinco noutes não durmo por castigo de Deos!... não posso mais; perdoa-me!... Germano te amou sempre constante e puro, e eu o calumniei!...

— Minha boa mãe!...

— Juro-te que não fui amada...

A tósse de Julia interrompeo e consternou Octavia, que exclamou mais alto, e com ardor sem consciencia:

— Juro-te por Deos que não fui amada, que deixei de amar, que não amo... que tive.... oh! sim! que tive, mas não tenho mais odio á Germano!... juro...

— Ah!... minha mãe!...

— Sim!... porque reconheço que fui má... criminosa; mas estou arrependida!... Germano te ama, minha filha!... Germano te merece!... perdoa-me!... restitue-me o teu amor e a tua confiança!... oh, Julia!... perdoa a tua mãe!... se feliz com Germano!... eu abençoarei a ambos!...

Octavia desatara a chorar.

Julia cahio-lhe nos braços, chorando também, e dizendo com inefavel ternura:

— Mais do que perdão, delicia!... oh, minha mãe!... mais do que o amor de Germano, é o seu amor, minha mãe, que me dá vida!...

A pobre mãe, coitada, escutando a filha,

e sentindo no seo seio apertado o seio della, pedio mentalmento perdão a Deos, abençoando suas mentiras.

III

GERMANO E SUAS CONFIDENTES

Germano mais ambicioso, do que enamorado, tendo resolvido explorar o amor de Julia, e alem do amor com que ainda calculava, a triste dependencia de Octavia cahida no laço de sua seducção, noivo interesseiro e impudico de duas noivas, a quem successivamente illudira, e projectara simultaneamente enganar até que chegasse á certeza de effectuar seo casamento com uma dellas, fôra habil na escolha dos instrumentos para o manejo da sua intriga malvada.

Tambem a habilidade é facil em quem não se tolhe por considerações de moralidade, nem escrupulisa no emprego dos meios para chegar ao fim que mira.

Precisando de intermediarios para influir sobre Octavia e Julia, conforme as combi-

nações de seo espirito refalsado, Germano nem por momentos pensou nos rudes recursos de criados ou de escravos muito susceptiveis de corrupção, mas sem posição e sem intelligencia para servil-o convenientemente em empenho tão difficil como melindroso.

Com impavidez e audacia que só se explica pela própria desmoralisação e pelo consequente juizo que elle fazia da humanidade, estudou com apuro de observação as relações de familia do barão de... e de Octavia, e depois de paciente e aturado escogitar, e de circumstanciadas informações que soube colher, poz os olhos em Anna de Alencastro e em Paulina, e dentro em breves semanas chegou a assegurar-se de que podia contar com ellas.

Servião-lhe ambas admiravelmente: Anna contra Octavia, Paulina contra Julia. Erão duas senhoras recebidas na alta sociedade, e amigas intimas das duas noivas, que elle queria á todo trance explorar.

A alta e magnificente sociedade tem suas sombras negras, suas miserias dissimuladas, sua corrupção tanto mais perigosa que se esconde em sedas, rendas e brilhantes, e

tanto mais nociva que desce e se propaga de cima para baixo como exemplo contaminador e pestífero.

A paixão do luxo e da ostentação de custosos e brilhantes toilettes, essas armaduras com que as senhoras combatem no campo da vaidade, são terríveis inimigos dos costumes publicos e da moralidade.

Germano conhecia de sobra o poder e a *força dessa fraqueza* da mulher e se applaudeo ao saber que Anna de Alencastro possuía fortuna apenas sufficiente para manter vida modesta e em suave abastança; mas que, por antigos habitos, e ainda muito por sua filha querendo radiar nas assembléas elegantes, dissipára consideravel parte de seus capitaes, endividara-se, e só á custa de expedientes embaraçosos continuava á ostentar ficticia grandesa.

Paulina sympatica, alegre, agradavel, contava somente vinte annos; mas esperando debalde até então noivo que lhe garantisse o futuro, naturalmente attribuia só á falta de rico dote a desconsoladora demora do casamento. Ainda gozando creditos de honesta, era facil em receber corte amorosa,

e ainda mais facil em não perdoal-a ás outras donzellas, sendo sarcastica e mordaz em seos juizos e apreciações das proprias amigas.

Uma unica apprehensivel consideração, um justificado receio punhão o astuto diplomata em duvida da aviltante condescendencia, e do concurso das duas senhoras, á pezar das fraquezas que elle se propunha á explorar: Paulina havia logo depois de sua chegada no Rio de Janeiro, e de sua apresentação nas sociedades, procurado evidentemente conquistal-o, e por estrategia de loureira durante algumas noutes de baile e de encontro se fingira crente de estar sendo requestada, e Anna de Alencastro se expandira obsequiosa, provocando e offerecendo relações e intimidades.

Essas tentativas de mãe interesseira, e de filha á ageitar e á armar laços á noivo tinham abortado quasi logo, e forão esquecidas ao menos aparentemente sem resentida manifestação.

Mas não teria ficado na alma de Anna de Alencastro acre inimisade de mãe offendida no desencanto da filha, e nesta a re-

volta da vaidade não guardaria a lembrança do desdem?...

O diplomata, depois de longo reflectir, asentou que nada perdia em experimentar a exploração das fraquezas Moraes das duas senhoras ostentadoras de luxo que não podião alimentar sem recursos custosos á delicadeza e ao pudor.

E experimentou com feliz resultado.

Germano frequentou a casa e cultivou obsequioso a amizade de Anna de Alencastro; presenteou galhardamente a mãe e a filha, e no primeiro baile faustoso teve a arte de pagar os toilettes de ambas.

Era um credor dulcissimo porque emprestava dinheiro sem juros e sem obrigações escritas da devedora, a mais interessada em guardar o segredo do beneficio.

Entretanto Germano se inteirava dos sentimentos de Anna e de Paulina em relação á Octavia e Julia.

Anna contrahira empréstimos de quantias avultadas apenas sob palavra de pagamento e portanto verdadeiros donativos dissimulados pela delicadesa da amiga; taes favores que obrigavão a gratidão da devedora, amesqui-

nhavão não pouco o orgulho da beneficiada que se vingava lamentando a soberba aristocratica, unico defeito, disia ella, da sua boa amiga, e alias defeito de toda a familia do barão de...

Paulina, menos arguta que sua mãe, mal podia em seos motejos, ironias, e apodos disfarçar a inveja que a opulencia, a boniteza e superior gerarchia da família de Julia lhe causavão.

Germano ouvia e excitava essas ruins paixões de Anna e de Paulina, e, amigo dedicado e precioso, abria a bolsa á primeira, e trazia á segunda ricos infeitos apropriados á sua condição de donzella.

Anna de Alencastro lembrou-se emfim de pedir explicações de tantos e tão repetidos favores. O escrupulo por demais tardio era bem simples: ápesar da attitude respeitosa, e da isenção de amoroso affecto que Germano mantinha sempre para com Paulina, a mãe chegara outra vez a imaginar que o bello diplomata era noivo que a filha devia aproveitar, ou seductor que lhe cumpria acautelar.

Germano já dominador pelo conhecimento do character e das paixões malignas das duas

senhoras brilhou pela franqueza mais falsa-ria, declarando que não podia amar Paulina e pretender a sua mão, porque se achava duplamente compromettido e em situação cruel e difficilima.

Seguirão-se confidencias reservadas e incompletas... afficções... tormentos da alma de Germano pela impossibilidade de se fazer ouvir por Julia, e por Octavia...

Nessa dualidade de amor, de mysterios e de intriga a inveja adeviudou escandalos, o interesse sordido vio fonte aberta de favores...

E a inveja e o interesse offerecerão officios de fiel e abnegada amizade prompta á todos os sacrificios...

Proximo se annunciava outro baile; os theatros chamavão e urgião: Germano tinha mais dinheiro á emprestar...

A velha recebera um diadema de brilhantes.

A donzella que ardia por casar exultara com a promessa solemne de um dote de vinte contos de réis, se Germano, o *noivo d duas noivas*, conseguisse o seo casamento com uma dellas. Era consolação á fascinar!

Anna de Alencastro sorrira á idéa de pagar

suas dividas á Octavia com o seo concurso *amigo*, com a sua condescendencia vil para a degradação, e ignominia della.

Paulina se aprazera de levar ao seio da joven, de quem se fasia crer fidelissima camarada, a desordem e a guerra para a familia, o fel para o coração, a intriga e a verdade envenenada, ou o aleive insidioso para os desatinos da alma.

O dinheiro por base, a inveja por incentivo e ainda o dinheiro por esperança, firmarão o contracto da traição entre Germano, Anna e Paulina.

Mas salvarão-se ao menos as apparencias do que se chama decóro entre os indecorosos hypocritas que infeccionão a boa sociedade.

A questão foi de compra e venda de serviços; mas não se pronunciou a palavra dinheiro.

Contava-se com braceletes, com collares, com empréstimos de dinheiro; isso porem não foi condição do contracto...

A inveja e a traição são condições essenciaes; mas dissimularão-se ambas sob a denominação gloriosa de infinita dedicação á amizade.

Anna de Alencastro e Paulina tomarão ares de convicção de que procedião honestamente. Germano dissimulou a superioridade e o dominio de corruptor sobre as corrompidas, tratando-as com a mesma delicadeza que até então lhes rendera.

Erão tres miseraveis á perpetrar premeditado crime, ostentando o melhor tom da sociedade aristocratica.

IV

VISITA INESPERADA

Á despeito da sagacidade e dos esforços das duas confidentes, nem tudo corria conforme as esperanças e os calculos do *noivo d duas noivas*.

É certo que a intriga laborava no seio da familia do barão de... e que Julia cada dia mais agastada se indispunha com sua mãe.

Todavia Octavia indomita e senhoril resistia aos convites imponentes que Germano lhe mandava para a conferencia almejada.

E Julia, agitando-se ciumenta e colerica sempre que recebia provas insidiosas do amor de sua mãe, e deixando transpirar a paixão que a captivára, tambem sempre em suas palavras relativas á Germano só manifestava desdem, reprovação e desprezo.

Isso era o menos porque Germano sabia

esperar; mas o refalsado seductor e ambicioso intrigante começava por sua vez á experimentar desgostos e apaixonados abraçamentos nas contrariedades.

Impellido pela sede da riqueza, sem anuar Julia, mas aspirando a sua opulencia, e impressionado dos encantos de Octavia que lhe fallavão com ardor á lascivia, Germano tomára o singular e extraordinario alvitre de pretender ao mesmo tempo as duas senhoras por noivas.

Este empenho que tam extravagante parece já foi sufficientemente explicado. Repellido por Octavia fulminada por medonha desillusão, e ameaçado ao mesmo tempo de perder a mão de Julia por considerações que só o animo mais depravado não respeitaria, Germano sacrilegamente decidido á tentar ainda o casamento de ouro ignobil, e não sabendo se devia contar mais com o amor da donzella ou com a explicavel fraqueza da senhora abastada, para quem o desejo da reparação era um dever, semeou a intriga afim de inimizar e separal-as, e para influir sobre ambas, solicitando-as, desatinando a filha, aterrando a mãe, até que uma dellas sacrificasse a outra

e cahisse com a competente fortuna em suas garras de infrene ambicioso.

Julia era a opulencia sem amor.

Octavia era a riqueza com a voluptuosidade.

A duvida do vencimento de uma ou de outra decidira Germano acceitar qualquer das duas que se curvasse vencida.

A reprovação e o desprezo com que Julia affectava repulsal-o, não o irritavão; suas fallas, suas pragas contra elle, seguidas de exigencias de novos testemunhos do amor de Octavia repetidas por Paulina, lhe asseguravão que a enganada donzella ajuda o amava, e pouco a pouco hia sem o saber entregando-se ao seo ardil.

Mas a reluctancia, a obstinada recusa, a nobre força do animo com que Octavia, a victima, a dependente, a escrava do erro, a atormentada pelos ciumes esclarecidos da filha, a misera atraçoada em seos segredos de amor demasiado coudescendente resistia, e desobedecia ao seo algoz, e ao senhor do seo credito e da sua honra, estimularão viva e á principio acintosamente Germano.

A negativa e a energia ou desdenhadora

calma que Octavia oppunha ao homen que se julgava em condições de humilha-la e de obrigar-a á vir implorar-lhe compaixão e generosidade, davão o quilate do mereciment e da virtude da senhora por momentos uma vez desvairada em circumstancias de abandono de consciencia e de razão.

Germano, senhor desobedecido, algoz despresado pela victima, sensualista que adorava thezouros de voluptuosidade, ardeo por dominar a formosa e esplendida Octavia.

Pouco a pouco o seo capricho excitado pela opposição inflammou-se, a imaginação ajudada pela memoria reavivou e multiplicou as graças, os encantamentos e o prestigio da mulher bella, admiravelmente talhada pela natureza, e o capricho, e o ardor, e a embriaguez dos sentidos acenderão-se em paixão que incendiou o seio de Germano.

Era paixão de sensualista; fogo ephemero, ou só infernalmente perdurador, se o goso lascivo o não matasse logo.

Era paixão sem amor; sentidos materiaes á enganar a sensibilidade fina e pura da alma que ama como anjo; era porem paixão.

Foi em assanhos raivosos e apaixonados

que Germano arrojou na luta contra a obstinação de Octavia a carta comprometedora da sua reputação de honesta, em que ella o convidava para um encontro em sitio solitario, e suspeito.

Desleal, máo, desapreciador da honra de Octavia, Germano soubera ao menos protestar contra as inducções e conjecturas impudicas de Anna de Alencastro, negando sempre que houvesse conseguido por surpresa ou por vertigem de amor aquella victoria que degrada a vencida; talvez que em desesperado esforço de sua maldade nem essa ultima reserva respeitasse. Até então porem zelara-a ainda contida; procedia com tudo de tal modo para com a infeliz senhora, á quem perseguia, que esta bem rasoavelmente deveria suppor e temer que o segredo de sua quéda já tivesse sido revelado, ou estivesse á ponto de sel-o ás confidentes do seo feliz seductor.

Esta intimidação era poderoso recurso.

Germano esperou debalde que Octavia sobresaltada ou furiosa ou humildemente submissa viesse injurial-o ou pedir-lhe a esmola do segredo de sua extrema fraqueza.

Mas Octavia ainda altiva e despresadora

não se dobrara ao golpe que feria o seu credito.

Julia ficára de posse da carta sinistra.

Necessariamente houvera, devião ter havido increpações da filha feitas á mãe; porque depois da noute da entrega da carta Octavia retrahira-se, recebendo Anna de Alencastro, e cortara todas as confidencias que de costume ella lhe trasia, com duas palavras sêcas, mas fulminantes: *É infamia.*

Anna de Alencastro devendo ser julgada confidente provavel de segredos de honra era sem duvida para ser temida e por temor acariciada; mas depois daquella noute Octavia, sem rechaçar de sua companhia, recusava-se quasi desdenhosa á intimidade costumada, de modo que mais provocava do que procurava evitar a murmuração e a malidiscencia.

De tudo isso transpiravão, segundo o juizo de Germano, a soberba da senhora aristocratica, e o desprezo insultuoso com que ella o rebaixava.

Mas em vez de retrahir-se offendido, e de aborrecer a pretenciosa offensora, Germano

ainda mais inflammadamente desejou dominá-la.

Todos os vícios, todas as paixões têm em seus hábitos escravizadores, e em seus violentos impetos o primeiro castigo.

O sensualismo envenena, martyrisa e desespera o sensualista.

Germano voltara aos seus malignos dias de mais fervente paixão por Octavia, excedera-os no ardor e na vehemencia febril dos sentidos, e soffria na proporção do fogo de seus desejos.

Se Octavia não peiada pelo infeliz amor da filha, estivesse em condições de fazer servir á sua vingança a paixão recrudescente de Germano, obrigar-o-hia por certo á arrepender-se de sua felicidade passada, e de sua subsequente malvadeza.

Em vão Anna de Alencastro protestava que havia perdido a confiança da amiga, e Paulina jurava que Julia negava-se á ouvir novas revelações dos amores de sua mãe, e ambas pretendião que estavam exagerando sua assiduidade na casa do barão de..., Germano com os direitos que assumira sobre ellas,

exigia e mandava, e as escravas da corrupção lá ião.

Mas Octavia empedernecera-se, e Julia teimosa em queixas de perfidia e de ingratidão, mas doente de amor, hia morrendo aos poucos.

Germano era o verdadeiro assassino de Julia se não recuava ante a idea desse crime.

Elle tinha levado a donzella passo á passo até certificar-a do amor, da rivalidade, e da immodestia *seductora* de sua mãe, tinha-a enganado e embalado com demonstrações até certo ponto plausiveis de que elle evitára e despresára os anhelos e as ternas e como rendidas seducções de Octavia, e tinha-a enfim preparado para, em caso oportuno, aceitar e até exigir o casamento que a vingaria do egoismo [cruel da rival, e que se tonaria instante, e de resolução suprema, e sem dilação possivel.

Conforme seos previos calculos Germano tocava a hora em que devia lançar essa ultima carta para ganhar a partida que jogava com a innocente Julia.

Elle premeditava escrever-lhe a derradeira e desesperada carta. Com a eloquencia do agonisante á despedir-se de quem mais ama,

dir-lhe-hia em tres ou quatro paginas cheias de fogo incendiador, e com vestigios de lagrimas cahidas no papel em summa o seguinte: — Demonstrei a pureza do meu amor, minha innocencia e constancia; se ainda ama-me e quer ser minha esposa, responde-me e amanhã irei postrar-me diante de seos avós, e com a benção delles, ou apezar delles, *della*, e de tudo *Julia* será de *Romeo*. No caso contratio basta-me o seo silencio; Depois d'amanhã sahe o paquete para Europa, tomei de antemão passagem; parto, e adeos para sempre. —

A ameaça da partida immediata e sem retorno era o lance supremo e provavelmente decisivo e seguro na situação do espirito de *Julia*.

O estado mais que melindroso da saude da amorosa e atormentada joven devia apressar, por commiseração ao menos, esse ultimo e peremptorio expediente, e todavia *o noivo d duas noivas* demorava então com insensibilidade barbara a decisão final de uma de suas pretensões, exactamente porque esperava sentença favoravel!...

A ambição de opulencia era então contras-

tada pelo incendimento da paixão sensual.

Germano não podia prescindir de Octavia.

Elle tinha no principio do desenvolvimento de sua intriga, planejado, pedido e desejado conferenciar com Octavia para estudar e conhecer o que ella sentia no coração, e o que determinava ainda no animo.

Promeditára fingir afflicções, amor indomavel, apaixonado empenho de reparar seo indigno proceder, e, no entanto apreciar cuidadosamente os grãos da força e da fraqueza, do amor de mãe e do amor de mulher vencida, e emfim de todos os sentimentos, ideas, e designios de uma de suas duas pretendidas noivas.

Pouco a pouco a resistencia e a recusa de Octavia que se afiguravão altivas, e erão talvez apenas temerosas e prudentes, mudarão a natureza toda artificial e astuta que devia ter a conferencia, e Germano acabou por almejal-a para tentar de novo ainda a seducção, ou convencer Octavia em nome do dever, da religião, da sociedade e de Deos á receber-o espozó.

Imagine-se o sensualista, que vio, adorou uma mulher de maravilhosa formosura, e

cujo corpo ostenta opulencia de graças e de contornos que a voluptuosidade enriquece de prestigios e de segredos febricitantes e volcanicos, imagine-se o sensualista que de memoria se embria, e se empeçonha ruminando á incendiar-se, e desejando em vão possuir criminosa, ou licitamente essa mulher, e far-se-ha idea das chammas, dos fervores, das furias e do castigo de Germano.

Elle estava um dia á sós, e recolhido no quarto onde dormia no seo hotel.

Era tarde, quasi duas horas alem do meio dia. Germano tinha-se vestido para sahir; mas não sahira.

Tudo o aborrecia.

Recostado em macia e commoda poltrona tinha nas mãos um livro, na boca um charuto, os olhos quasi cerrados, e na alma, e na imaginação Octavia.

Elle não lia; o livro ficára aberto entre suas mãos, marcando á duas horas a mesma pagina.

Octavia fazia olvidar o livro, e absorvia as reflexões, as combinações, os sonhos, as rai-vas do sensualista.

O creado entrou no quarto e parou respeitoso diante de Germano immovel.

— Que é?... perguntou este de máo modo.

— Uma senhora, que dezeja fallar particularmente á V. Ex.

— Uma senhora ou alguma mulher que vem pedir esmola?...

O creado aplacou o receio que aos egoistas inspira a aproximação do necessitado.

— Uma senhora, respondeo.

— Faze-a entrar para o meo gabinete.

O creado sahio, e Germano atirando fóra o charuto, chegou-se ao toucador, passou a escova pelo cabello e pela barba, ajustou a gravata, e ameigando a phisionomia, dirigio-se do quarto para o gabinete que era a sua pequena, mas elegante sala de recepção.

O creado se retirára discretamente.

Germano vio diante de si e em pé uma senhora de estatura elevada e graciosa, vestida de preto, e com o rosto coberto por denso véo da mesma côr.

Curvou-se logo com a maior cortezia, e offerceo a mão para conduzil-a ao sophá.

Mas a senhora com movimento nervoso ati-

rou o véo para cima da cabeça e mostrando o rosto, disse abalada :

— Sou eu.

Era Octavia.

V

CONFERENCIA DA ABNEGAÇÃO E DO EGOISMO

A mãe extremosa e atropellada pela idea da morte da filha, vinha completar o acto de sua abnegação.

Já tinha mentido á Julia, e descia á vir tristemente rogar á Germano que protegesse a sua mentira.

Precisando fallar ao seo cruel perseguidor, dava-lhe enfim a conferencia teimosamente negada; mas não se sugeitára á aviltante mediação de Anna de Alencastro.

Sabendo qual era o hotel onde Germano se alojára, Octavia sahio só de casa, e para esconder da familia seos passos, apeiou-se do carro á entrada da rua do Ouvidor, foi á casa da sua modista, trocou o véo faceiro por outro que absolutamente lhe occultasse o rosto, mandou buscar um carro de aluguel e partio.

A altiva senhora corou, imaginando as suspeitas que contra a sua honestidade deixava talvez na loja da modista; mas não era mais a sua honra, nem o dever que a preocupava: a vida de sua filha a absorvia exclusivamente.

Se não fôra o receio das conjecturas de Julia, desde que chegasse ao seo conhecimento que ella fôra procurar Germano, Octavia teria ido no proprio carro do barão parar á porta do hotel.

Entretanto só Deos e a alma da mãe abnegada sabem o que á esta custava o sacrificio de ir abater-se diante do homem detestavel.

Octavia tinha amado muito Germano; ainda depois de offendida, ainda depois de conhecer o amor de Julia, e a negra perfidia do seo esperançado noivo, esmagára, mas não extinguiu o terno sentimento; condemnara-o porem e padecera por elle.

Forão somente a traição mais indigna, a petulante e ignobil communicação de sua inconsiderada carta que aniquilarão de todo a sua malaventurada paixão. A mulher nunca

perdoa ao homem que amou o seu rebaixamento aos pés de outra mulher.

Octavia sentira desde então por Germano aquelle odio implacavel que se mistura com a desestima e com o tedio.

Mas por isso mesmo para procurar Germano e fallar-lhe, disfarçando aquelles sentimentos Octavia precisava violentar-se de modo que não é possível exprimir-o com palavras, porque o sacrificio excedia á todas as forças da natureza da mulher, e só era comprehensivel na illimitada abnegação da mãe.

Finalmente o trance mais difficil estava passado.

Octavia levantára o véo e dissera :

— Sou eu.

Germano empallideceo e turbou-se como o criminoso ante o juiz ; contemplou estatico e attonito por um momento a nobre senhora, mas logo tornado a si, curvou-se de novo e ainda mais reverente, e foi cerrar a porta da sala que o creado deixára aberta.

Quando voltou-se, vio já sentada Octavia que assim se poupára a acceitar-lhe ou a regeitar-lhe a mão, que poderia, como pouco antes, ser-lhe offerecida.

Nunca Germano se achara em mais embaraçosa situação : todos os seus apaixonados arrebatamentos perturbavão a sagacidade de seu espirito então indispensavel em suas mais finas proporções. Elle sentou-se á respeitosa distancia, e murmurou commovido, tremulo e de olhos baixos.

— Oh, minha senhora!... como deve detestarme, e como eu sou digno de piedade!..

Octavia respondeo friamente e sem acerbidade :

— Não vim fazer-lhe exprobrações : venho pedir-lhe que nos perdoemos o passado... todo o passado até hontem... que o esqueçamol-o...

— Esquecel-o !...

— E' preciso... é indispensavel ! senhor, quem está aqui é a mãe de Julia.

E torcendo as mãos com indisivel angustia, mas supitando o odio e dando expansão a dôr no accento gemedor e pungente da voz, ella accrescentou :

— Minha filha. . vae morrer...

— Dona Julia !... morrer !...

— Ainda é tempo de salvar-a... ou...

As lagrimas e os soluços cortarão as palavras da pobre mãe.

— Ah! não será assim!... disse Germano compadecido e vivamente contrariado: não será assim!...

Octavia enxugou o pranto e continuou, falando com tristeza profundissima.

— Eu o espero ainda em Deos, e no Sr. Germano.

O sensualista estremeceu; estava olhando Octavia, e admirando-a formosa e sublime nas proprias amarguras maternas. Doia-se do estado de Julia, sentia como o pungir do remorso, mas agitava-se fervido, e mortificava-se, adivinhando novos obstaculos á satisfação de seus anhelos ardentes.

Octavia que se calara alguns instantes disse logo depois:

— O seu casamento com Julia seria um crime... se não fosse maior crime deixal-a morrer de amor...

Germano não ousou responder.

— Que se casem! o mundo ignora o passado, e a mãe de Julia vem pedir-lhe que o esqueça.

— Oh, meu Deos!... exclamou instinctivamente o materialista.

— O senhor a amou, e ama-a; Julia é

bella e, com a reconquista da saude, ainda mais se embellecerá... sua immensa riqueza lhe garante na sociedade posição mais elevada, gozos, brilhantismo. e tudo quanto os homens aspirão...

O ambicioso despertou ao incentivo; mas disse logo, metade por fingimento, metade por paixão contrariada :

— E que me importa a riqueza ?...

— De longe eu abençoarei a salvação de minha filha ! agradecer-lh'a-ei... eu já esqueci o passado... o mundo o ignora... eu estarei longe... á abençoar a vida de minha filha !...

— Ah, minha senhora !... isto é horrivel !..

— É... é. é... mas Deos perdoa ; porque minha filha morrerá, se não for assim !...

E a pobre mãe respondia a observação de Germano interpretando nella um sentimento honesto, nobre, religioso, que estava longe do espirito do sensualista.

Germano reconcentrara-se, meditando no que mais lhe convinha resolver, e no expediente que melhor serviria á seus calculos e á seus infrenes desejos.

Por infernal inspiração elle acabava de en

trever um meio potente e embora repugnante de dominar e de escravisar á sua vontade a mãe desolada.

O perverso tomava pé no solo escabroso e escorregadio.

A imaginação sacrilega abria horisontes cheios de fogo satânico.

Octavia disse ainda :

— Em hora de desespero confessei a minha filha todas... sim... absolutamente todas as minhas culpas... fil-o para vêr se conseguia vencer-lhe o amor... confesso-o... fil-o com essa esperança... errei... ella soffreo mais... e hontem os medicos nos annunciarão a verdade lugubre... a ameaça de morte...

A misera mãe se estorcia de novo...

— Oh !... eu me arrependi !... Sr. Germano !... somos... fomos nós dous que levamos Julia, aquella sancta, ás vespervas da agonia !... eu me arrependi, e fui diser, e disse a minha filha que as culpas que eu lhe confessára erão mentiras... que eu o amára doudamente ; mas que o senhor despresára o meo amor... disse-lhe isso, e jurei-o...

Germano já escutava impassivel e sinistramente calculador.

Octavia continuou dizendo :

— Venho alem do mais pedir-lhe uma graça facil, conveniente agora e para o futuro, uma graça que não lhe deve custar á conceder-me , porque está de harmonia...

E a mãe afflicta se interrompeo, temendo parecer que incriminava Germano pela sua malevola intriga.

— Pouco importa porque . accrescentou logo ; mas eu lhe peço a graça de mentir, como menti... de apadrinhar minha mentira... de esconder minhas fraquezas... e se ainda for preciso, de ostentar-se amado por mim, e desdenhador de minhas ternuras solicitantes... impudicas.

— Minha senhora!...

— Oh, Sr. Germano!... perdão!... mas eu não penso nem em mim, nem no senhor: penso em minha filha que vae morrer, e que eu quero salvar!...

— Sim, minha senhora, murmurou tristemente Germano; V Ex. nem precisava dizel-o. Demasiado sinto que não pensa em mim!

Octavia levantou os olhos que conservara no chão, irreflectida encarou o homem fatal, e

annuviou-se logo, lendo-lhe no rosto o fogo sinistro da paixão que a perdera.

— Mas é muito cruel !... acrescentou Germano.

— Perdão ! disse a mãe de Julia com dignidade ; eu vim somente occupar-me de minha filha.

VI

SUBMISSÃO CONDICIONAL

A observação positiva e severa com que Octavia cortara o primeiro arrojo dos protestos de amor deprimido e magoado que Germano tentára fazer ouvir, convenceo á este que, ou pelas offensas recebidas, ou pelo estado ameaçador de Julia, ou por extraordinaria revolução de sentimentos, a nobre senhora não parecia mais susceptivel de enternecer-se por elle.

Guardando por breve espaço impertinente silencio, Germano deteve esquadrinhador olhar no rosto de Octavia, que outra vez pendera desgostoso: vio nelle dor franca e sulcos de lagrimas de mãe atribulada, mas nem de leve descobrio signaes de confusão pela sua presença, e menos aquella animada e revolta alteração de traços physionomicos que poderia

indicar a commoção determinada pela lembrança do passado, e a luta do resentimento com o affecto amoroso de tempo ainda recente; apenas uma ruga espessa se desenhava partindo do intervalo que separava os supercilios e que terminava poucas linhas acima destes.

Nessa ruga sentia-se claramente o peso de um sacrificio.

A face de Octavia era livro aberto, onde sua alma se deixava ler á toda luz. Em uma ruga que marcava o supremo esforço da abnegação maternal, tinham ido violentados concentrar-se escondilos a desestima e o aborrecimento; afóra esse expressivo signal de dissimulação obrigada, em toda face só se manifestava a afflicção da mãe, e a enregelada morte da mulher que amára.

Germano queria antes o odio em erupções de pragas e de injurias, e em impetos de raiva. Aquelle rosto, mortalha branca do amor que morrera, era o desengano mais decisivo, irremissivel de suas novas lavas amorosas e sensuaes.

Os olhos de Germano lampejavão, seos labios levemente agitados deixávão á mostra

os dentes alvos com a apparencia de um sorrir sinistro, e batia-lhe o coração tão forte, que Octavia, ouvindo-lhe as palpitações, arrancou-se ao silencio inconveniente, e fitando-o sem temor, mas sem vã ostentação de desprezo, disse-lhe:

— Expuz-lhe a situação quasi desesperada da saude de Julia; pedi-lhe a sua vida; V. Ex. sente por certo que á mãe de Julia era licito, era perdoavel apresentar-se aqui...

— E á dona Octavia?... perguntou Germano com vivissima ternura.

Em vez de responder a nobre senhora ergueo se e accressentou:

— Agora entrego ao seo coração de cavalheiro, e á consciencia do homem que sabe e lembra o que tem feito, a sorte de minha filha com o subseqüente proceder de V. Ex.

E deo um passo para retirar-se.

Germano que tambem se levantára e que comprehendera como tudo tinha á perder com explosões de paixão, habilmente recuou respeitoso, dando passagem á Octavia, e apenas murmurou grave, sentido, e tendo os olhos na esteira que tapisava a sala:

— Todavia... eu me acreditei... com di-

reito ao simples favor de ser ouvido... alguns momentos... desde que...

Octavia parou á porta da sala, e sem voltar o rosto perguntou, repetindo as ultimas palavras que ouvira:

— Desde que?...

Não foi amor, foi medo de desgostar. A mãe de Julia enfraqueceo Octavia, obrigando aquella pergunta.

— Desde que se trata de todo o futuro da minha vida, que se me quer, que se me irá tomar, respondeo Germano.

A explicação revoltou a mãe angustiada; ella porem apanhára nas palavras *que se me irá tomar* o primeiro annuncio de uma promessa, e abafando a indignação, voltou-se, limitando-se á dizer com ironia:

— Tem razão: para V. Ex. ainda ha immenso futuro, e para Julia dentro em pouco moribunda não o pode haver... ha apenas passado... mas nesse passado um juramento de amor, e um ajuste de casamento, que garantião futuro!...

— Confesso-o!.. disse Germano com accento de dor despedaçadora.

Octavia tornou á ir sentar-se no sophá, e

evidentemente contrariada, mas com resignação e tristura, balbuciou á meia voz:

— Por amor... de minha filha...

Foi como se fallasse á Deos, e logo ajuntou, fallando mais alto:

— Estou prompta á ouvil-o.

E como Germano fortemente comovido hesitasse em começar, ella disse ainda:

— Vim aqui ás occultas... não posso demorar-me muito.

Germano, ora em pé, ora sentando-se, e em fervido abalo que lhe amesquinhava a intenção astuta e cavilosa, principiou então, e o melhor que pode foi enredando os fios de nova rede de seducção.

-- Houve, e infelizmente ha no presente, influiado, obumbrando de um modo horrivel o presente, um erro, uma illusão, uma allucinação do passado! pensei amar sua filha, disse-lhe, jurei-lhe que a amava. sim! .. comprometti minha palavra, minha fidelidade de noivo!...

— E ella... Julia innocente, bella, sensivel, consagrou-lhe seo primeiro, puro e angelico amor!... observou a mãe interesseira, sublimemente interesseira, lembrando a filha

exposta á morrer pelo seo perfido e indigno amado.

Este proseguio disendo com vehemencia:

— Tudo isso é assim!... tudo!... mas a verdade é que eu julguei amar, e não amei Julia, não!... logo após encontrei a mulher de meus sonhos, a luz de minha vida, o anjo do ceo da minha adolescencia, a unica mulher que eu podia amar!... encontrei Octavia!...

Octavia levantou-se colerica, e exclamou:

— Saia immediatamente!...

— Oh!.. disse Germano ajoelhando-se, juro que serei esposo de Julia... se a mãe de Julia o quizer e o ordenar!...

Octavia sentou-se de novo.

— Falle-me de pé ou sentado.

Germano ergueo-se e proseguio com requintada e afflictiva ternura:

— Pois que á tudo me submetto escravo, porque não ha-de ouvir-me tudo?...

Elle fallava couvulso e quasi á chorar.

Octavia respondeo-lhe.

— Diga o que quizer.

— Amei-a... amo-a illimitadamente!... oh! doná Octavia!... adoro-a, tenho-a adorado, de-

sejado, exigido phrenetica, criminosa, infame-mente!... sou um demonio de paixão!... offendi-a!... sim! mas o meo empenho, a minha ambição egoista, o furor desatinado do meo amor delirante, pessimo conselheiro de recursos malvados, de atemorisações, de terrores que me condemnão, de loucuras perversas que me deshonorão... ah!... todas as minhas tentativas violentas, todos os meos crimes tinham por fim obrigar-a á ver-me ajoelhado á seos pés, pedindo-lhe pelo amor de Deos a satisfação do dever de reparação á que tem direito, e a felicidade, a gloria de poder amal-a e de chamal-a, esposa á face de todos!...

— E minha filha que morre?... perguntou Octavia impassivel, e, ao menos em apparencias, indifferente ás vehementissimas e apaixonadas explicações de Germano.

Germano fallou precipitado.

— Sua filha!... não amo, não posso amar sua filha! ah!... se sou eu quem a mata... é horrivel!... eu amo somente a mãe de Julia!... para que me lembrou agora sua filha?... pois bem; sou seo escravo... a mãe de Julia fará de mim o que lhe approuver... direi o

que ella quizer que eu diga; farei o que ordenar que eu faça!...

-- Obrigada, Sr. Germano, disse Octavia não hesitando em acreditar na facil condescendencia, porque lhe parecia impossivel que algum homem resistisse em tal caso á funebre perspectiva da morte da mulher por quem se tivesse feito amar, e tambem porque reputava a grande riqueza da unica herdeira do barão e da baronesa de... poderoso incentivo para convencer e resolver o ambicioso especulador.

Germano de novo se calára e se afigurava succumbido.

A dedicada e temerosa mãe tinha por embusteira aquella indicação de affecto ardente e violento, e por não menos falsario o apparente e desabrido pezar, com que o corrompido cavalheiro mostrava sujeitar-se á desposar Julia; não ousou porem, nem lhe convinha indiciar o que pensava, e repetio e accrescentou em tom de quem punha termo á conferencia :

— Obrigada, Sr. Germano; confio em Deos que a sua discrição e habilidade, fallando á minha filha, e que o seo casamento com ella

hão de felicitar á ambos. Julia ainda está em tempo de curar-se, de restabelecer-se de todo; os medicos o assegurão. V. Ex. lhe conservará a vida, e isso é tduo para os avós e para a mãe da infeliz menina.

E Octavia hia-se erguendo; mas o cavalheiro a conteve com a voz.

— Perdão, minha senhora, eu tenho ainda breves considerações á offerecer á V Ex.

— Faz-se tarde...

O cavalheiro olhou para a pendula e disse simplesmente:

— Duas horas e quarenta minutos.

— Julguei que o senhor Germano tinha tido a bondade de assegurar-me que accedia aos meus pedidos.

— Assegurei obediencia de escravo ás ordens de V Ex sem todavia obrigar-me á não protestar...

— Senhor!

— Reclamo a attenção compassiva e generosa de V Ex. O que vou diser é rasoavel e honesto; não abusarei longamente da paciencia e do desprazer de V Ex.

Germano conseguira refrear a paixão, e com animo reflectido e seguro para enunciar e

dirigir suas ideas no sentido de um alvitro já tomado, disse :

— Se é imprescindivel o meo casamento e sem dilacão alguma com sua filha para que ella não morra, submetto-me sem hesitar.

— É o caso ; murmurou Octavia.

— Outra vez perdão ; não acceito para juiz em tam grave assumpto o coração consternado da melhor e mais estremecida das mães.

— E o juizo dos medicos?

— V. Ex disse á pouco que os medicos consideravão sua digna filha *ainda em tempo de restabelecer-se de todo.*

E Germano accentou as palavras de Octavia, que acudio de prompto, perguntando :

— Mas quando não fôr mais tempo?... quer esperar essa hypothese... infallivel?

— Oh ! por certo que não...

— Então ?

— Eu me explico.

Á pezar de toda a sua impavidez e provada audacia, Germano, que sabia estar fallando á uma senhora intelligente e de educação distincta, turbou-se e passou o lenço

pela frente inundada de suor; logo depois fallou:

— Se é preciso, estou prompto e irei ao primeiro aviso prostrar-me aos pés de D. Julia; ella tornará á considerar-me seu noivo; os medicos porem a convencerão de que o nosso casamento somente poderá ser admissivel depois do perfeito restabelecimento da sua saude.

— Sem duvida. Aos medicos competirá aconselhar sobre a opportunidade do casamento, observou Octavia ingenuamente.

— D. Julia se restabelecerá pois. sobrevirá então algum successo, alguma circumstancia imperiosa, que adie explicavelmente, e sem desconfiança, e sem perigo da saude da noiva o enlace nupcial ajustado...

— E com que fim? perguntou a nobre senhora já suspeitosa e agitada.

— Em dois ou tres mezes espero, tenho a certeza de proceder de modo que sua digna filha por ser digna, e por não podêr adevinhar os meus sentimentos, pouco e pouco deixará de amar-me, acabará repellindo minha mão de esposo, e viverá e será feliz...

— E com que fim tudo isso?... tornou a

perguntar Octavia cujo rosto se avermelhára de indignação e de colera.

— Minha senhora, respondeu Germano comovido e parecendo esforçar-se por abafar a commoção, minha senhora!... é a razão que falla em meos juizos.

— A razão?...

— Por Deos que sim!... salvar dona Julia de morte imminente -seria a unica desculpa, não que innocentasse o meo casamento com ella, mas que attenuasse o crime que eu perpetraria em face do juiz supremo!...

Octavia estava longe de esperar que Germano, o pervertido, o homem sem coração, o despresador de todos os deveres, o especulador da mentira e do aleive, se abraçasse com o dever, com a verdade, com a moral mais santa, para confundil-a, explorando, chamando á contas sua consciencia, e firmando ou o seo escrupulo justissimo, ou o seo embuste sacrilego nas proprias convicções que a remordião.

Ella não poude responder no primeiro momento, e apenas deixou ouvir surdo gemido.

Germano devorou a victima perturbada e

afflicta embebendo nella concupiscente e incendiado olhar, e logo accrescentou fervoroso:

— Oh, dona Octavia!... dona Octavia!... por Deos, que fóra e livre daquelle extremo horrivel da morte de sua filha, eu não devo, não posso, não quero casar-me, senão...

Octavia interrompeo o seductor levantando-se espantada; terrivel, inflammada de odio, com os labios á convulsar, balbuciou:

— Comigo?... ch!... nunca!...

Germano respondeo audaciosamente fervido e enternecido:

— Oh!... hoje e sempre com a unica mulher que adorei e aoro! com a santa martyr de meo amor em phrenesi...

Octavia provocada, ferida por aviltante lembrança, injuriada pelo amor do homem desmoralizado e propalador de suas ternas fraquezas, encarou com raiva Germano, e com os dentes cerrados e voz mal solta perguntou furiosa:

— E os seos juramentos de fidelidade e de ternura á minha filha? e a sua intriga á enlouquecel-a, á fazer-lhe mal, á assassinal-a?... e esses dous demonijos de aleivosia e de ingratição, um ao pé de mim á tentar sedu-

zir-me e deshonrar-me, outro junto de Julia á empeçonhar-lhe o coração, á detrair-me?

— Sim!... mil vezes infamia em desespero de amor!.. ah! lembre, méça, estude e rememore as proporções progressivas do escandalo, da malvadeza, da minha ignominia emfim, e calcule por esses dados a violencia, o delirio, as vertigens de uma paixão que não soube respeitar limites!...

Não me defendo!... accuso-me!... e o que peço, é perdão!... Eu tinha uma idea, uma espede condemnado, de louco! O condemnado á morte espera, imagina que lhe ha-de chegar a graça, o perdão até já atado em cima da orca!... o louco não sabe o que faz! A minha idea, a minha esperança era forçal-a á encontrar-se comigo, porque então á chorar, á estorcer-me, á estrebuchar á seos olhos, eu supunha impossivel que não movesse a sua piedade, que não conseguisse reavivar o seo doce e celeste amor!...

Em vez de commover-se, escutando a longa e exaltada explicação com que Germano defendia o seo nefando procedimento, Octavia arrependida da explosão de sua colera, de novo retrahida e fria, disse-lhe em resposta:

— Mãe desolada, entrando aqui resignei-me á ouvir, quanto á V. Ex. approvesse dizer-me: crê que ainda tenho ouvido pouco?..

— Dona Octavia!...

— Senhor Germano, esqueça de uma vez, eu lh'o rogo, todo esse passado que é inutil crueldade lembrar-me. O unico amor que tenho no coração é o de minha filha, e se ella morrer, a sua morte cavará entre nós dous abysmos ainda mais fundos do que o abysmo do inferno!...

— E o dever?... o dever de nós ambos?...

— Obriga-me á dizer-lhe o que não queria; vejo porem que lhe convirá sabel-o: não haveria consideração, nem se imaginaria hypothese que me levasse á receber a sua mão e á tomar o seo nome.

— Detesta-me!...

— E sendo assim, somente pesará sobre a minha consciencia a difinitiva recusa ao que chama cumprimento do dever.

— E portanto...

— O seo casamento com Julia muito menos ainda lhe deve custar.

— E se eu me negasse ao que V. Ex. me propõe?...

Octavia levantou-se, e respondeo :

— Eu me abraçaria com Deos, e esperaria resignada a morte de minha filha.

E abaixou o véo para immediatamente retirar-se.

Germano tomou-lhe o passo e disse grave, e sentidamente :

— Minha senhora, V. Ex. não sahirá aborrecendo em dobro o desgraçado á quem já aborrece. A sua vontade será a minha lei. V. Ex. disponha da minha vida e do meo futuro. Eu casarei com sua filha.

— Dar-lhe-ha essa esperança sem reservada intenção de illudil-a, como declarou pretender fazel-o?...

Germano fingio-se afflictivamente abalado, e respondeo :

— Farei o que V. Ex. quizer e mandar.

— Eu não quero enganar minha filha.

— Ella, pois, não sera enganada.

— Sr. Germano...

— Juro-o, minha senhora.

Octavia respirou menos constrangida, e disse :

— Eu lh'o agradeço do fundo d'alma.

Germano curvou-se tristemente.

— Em breve... quando fôr opportuno o senhor barão procurará V. Ex...

— Para que, minha senhora?...

Octavia respondeo, hesitando:

— Fui causadora de um desgosto... que offendeo a V. Ex...

— Oh!... por quem é, minha senhora.

— E uma satisfação dada em nome da familia deve preceder a reentrada do senhor Germano em nossa casa... O senhor barão ha-de vir...

— V. Ex. me desculpe, respondeo Germano; respeito muito o senhor barão, mas neste assumpto nada tenho que ver com elle...

— Ah!... é o avô paterno de minha filha, e o arbitro do seu destino...

— Depois que eu me apresentar em sua casa para pedir-lhe a mão de dona Julia o olharei e o venerarei como tal; mas antes disso não me posso sujeitar á entender-me com elle.

— Mas então?...

— Presto-me á receber communicações e ordens só de V. Ex.

Octavia não percebeo a astucia de Germano, e julgando-o naturalmente resentido da

desfeita que soffrera, quando o barão de... o mandára despedir por um criado á porta da casa, não insistio, e, pobre mãe, a todas ás penas se submettendo por amor da filha, disse inconsiderada :

— Pois bem... seja assim...

E hia sahir.

Mas Germano cortez e reverente inclinou-se, e offereceu-lhe a mão.

A nobre senhora vacillou um instante; cedeo porém logo a coacção da dependencia e do interesse maternal.

E Germano conduzio Octavia pela mão até embarcal-a no carro.

VII

O PROCEDER DE OCTAVIA

Na conferencia da mãe consternada e do apaixonado sensualista e calculador ambicioso, o proceder, os designios e o compromettimento aparentemente positivo e absoluto deste não se discutem, não se moralisão; condemnão-se com indignação e horror.

Germano era materialista, atheo, e clamára por Deos, porque fallava á uma senhora religiosa.

Tinha sciencia dos padecimentos de Julia, da ruina de sua saude, e recebendo o annuncio da imminencia, e talvez do pronunciamiento de uma molestia mortal, não se alvoroçara mordido pela consciencia de have-la causado, e antes quasi indifferente regulára pelos perigos que corria a vida da mi-

sera donzella as vantagens que poderia tirar do desespero do amor maternal.

Promettera, como concedendo um favor, desposar Julia, estava disposto e desejava realisar o casamento de ouro; mas concupiscentemente acceso em flammis almejava, premeditava possuir Octavia, seduzil-a, corrompel-a, e escravisal-a á sua depravação.

E Octavia era mãe de Julia.

Não se discute pois, fulmina-se o proceder de Germano.

Quem o lança em repugnante exposição, apenas o faz para prevenir a inexperiencia e a credulidade facil, de que ás vezes a physionomia bella ou sympathica de um homem, sua figura graciosa, sua elegancia no trajar, sua delicadeza no trato, seo espirito cultivado, sua palavra eloquente, sua sensibilidade apparente, e ainda mesmo certa reputação vaga, certo prestigio de merecimento escondem coração pervertido e dissimulado, monstro na alma, marmore no coração, gelo na consciencia, e vida flammis exclusivamente no sensualismo brutal.

A exposição da féra é um exemplo, um aviso, e um conselho de prudencia.

Mas ácima de Germano, o perverso, se levanta e se mostra quasi delirante Octavia, a mãe.

Que fôra ella pedir á Germano?... alem da dissimulação da perfidia, das solicitações traiçoeiras, e da impudica victoria d'elle proprio, alem do falso testemunho de perseguição amorosa, e namoradora á que ella precisava então submeter-se, e da supposta indiferença e do desprezo, com que a tinha confundido aquelle que ao contrario havia sido requestador insistente, e seductor feliz, fôra emfim pedir-lhe que desposasse sua filha ameaçada de morrer de amor.

Na dissimulação e na falsificação dos factos a mãe, por isso mesmo que tomava o posto mais condemnavel, a responsabilidade da acção mais repulsiva e mesquinha, realçava-se abnegada e sublime.

Octavia, para que a filha vivesse e fosse feliz, queria que ella confiasse no amor de Germano, ainda com injusta e falsa convicção de sua leviandade e de desatinos de que se dizia arrependida.

Até ahi era a mãe santa e adoravel martyr de abnegação.

Até ahí a mentira resplendia com o brilhantismo da virtude.

A mãe fingia-se má para que parecesse e pudesse ser bom o marido da filha.

Até ahí ella estava em seo direito de esplendida abnegação, de amor supremo de mãe.

Mas devia, podia Octavia desejar e promover o casamento de sua filha com Germano?...

Religiosa, como era, e por character e educação respeitando os principios da moral, tinha ella o direito de permittir e, ainda mais de facilitar uma união reprovada aos olhos de Deos?...

Alem disso, com o pleno conhecimento da maldade, da corrupção e da indole falsaria de Germano, era licito á Octavia concorrer para que sua filha fosse esposa de um homem que a não merecia e que com toda probabilidade a faria desgraçada?...

Certamente o juizo do moralista, a sentença dos preceitos religiosos e da razão serena, quanto mais da razão severa, condemnão o proceder de Octavia.

Mas convencer á uma mãe de que sua filha

querida e unica vae morrer, e de que ainda é possível conservar-lhe a vida sob condição indecorosa e reprovada, não para a filha que se illudiria facilmente, e só para a mãe que se sacrificaria assim, e ordenai-lhe que não salve a flôr do seo seio, o anjo do seo coração!...

Octavia, a mãe de Julia, tinha diante dos olhos uma sepultura aberta, e Julia já pendente e proxima á cahir nella...

Á seos ouvidos retinia lugubre, como o dobre do sino de finados, a palavra sinistra pronunciada pelos medicos: — *tisica!*

Julia hia morrer...

Eis ahi a defeza de Octavia.

Que a julgue e condemne um tribunal em que os juizes sejam mães.

VIII

ESPERANÇAS

Na casa do barão de... bruxoleavão tenues esperanças de felicidade.

Julia acreditára facil na ultima e embora contradictoria declaração de sua mãe arrependida.

Seo coração e seo orgulho de filha acceitarão promptos o desmentido da anterior confissão da ignominia de sua mãe, da viuva de seo pae. O amor applaudia o doce e lisonjeiro certificado da fidelidade de Germano que desdenhára Octavia, e fôra indifferente á sua ternura.

A filha voltou aditada aos braços da mãe, á quem tanto fugira.

A propria displicente magoa da lembrança da rivalidade cedera aos raciocinios inspirados pela felicidade.

Julia ainda uma e mais vezes recordando a data da carta que escrevera á sua mãe, dando-lhe conta do seo amor, e lembrando não menos a do baile do Cassino em que se encontrára com Germano chegado de volta á cidade, reconheceo que Octavia tinha realmente amado o seo bello cavalheiro antes de saber que elle era seo noivo, assim como este não pudera adivinhar em *dona Flor* a Octavia mãe de sua noiva, para prevenil-a dos compromettimentos que ella abençoaria logo.

Alem disso era certo e positivo para Julia que nas assembleas, nos theatros, nos bailes, em que por vezes se tinham achado ao perto, sua mãe nem se quer lançara sobre Germano passageiro ou descuidado olhar. Este facto explicava por um lado a completa extincção do amor, e por outro o odio concentrado pela vaidade ultrajada que em delirante impulso assanhara os aleives, a intriga e a guerra que com o mais santo arrependimento estavam já confessados.

Tudo parecia, pois, mais que verosimil, verdadeiro e evidente á Julia feliz por essa convicção.

Havia só uma ideia desconsoladora, e tam-

bem indubitavel: Octavia não amava mais, já porem tinha amado Germano.

Era pena!.. mas ao menos não tinha sido amada, e extinguiira resentida o seo amor...

Fóra essa nuvem tenue tudo era na vida ceo côr de rosa para a donzella.

Julia vingou-se dos longos e crueis dias de acerbidade, e desamor filial, fartando-se de caricias e de abraços maternas.

Chorou ainda; mas que lagrimas! lagrimas que orvalhão docemente, e que beatificação a vida.

Dous dias depois do prognostico condicional, mas terrivel dos medicos, a baronesa que se puséra de intelligencia e accordo com Octavia, fallou como por acaso á neta das suas passadas esperanças de casamento com Germano, lamentou a severidade exagerada de certos principios, e deixou entrever a sua indulgencia, e até a sua protecção, que bem merecia um amor que poderia felicitá-la.

Julia não respondeo a sua avó, teve ante de levar para outro assumpto a conversação, e pouco depois retirou-se melancolica.

A baronesa insistio ainda no dia seguinte,

e mais franca e positiva assegurou á neta, que o seu casamento com o bello e elegante cavalheiro não encontraria opposição nem em seos avós, nem em sua mãe.

Julia, obrigada a pronunciar-se, disse triste, mas brandamente:

— Não, não quero; não devo querer.

E, passados alguns minutos, sahio outra vez cahida em melancolia.

A razão, o bom senso, voltavão á governar a honestissima donzella.

É pena que o bom senso seja sómente momento lucido em hora, ou em dia de excepção em alma de donzella amorosa.

Julia voltada ao santo amor de sua mãe, pensára, meditára e concluíra que o homem á quem sua mãe tinha amado, e a elle se declarado francamente amorosa, não podia ser seu marido, ou sómente seria sob a condição de uma absoluta separação, que reduziria a filha, a ella, á completa orphandade.

O seo casamento deveria privar-a para sempre, ou por muitos annos, da companhia, e do amor de sua mãe.

O decoro, a decencia, a susceptibilidade a delicadesa ordenavão, impunhão esse sa-

crifício do amor da mãe, e do amor da filha...

Julia, que já não tinha paç, não queria perder sua mãe...

O seo casamento com Germano lançava um véo de luto por baixo do seu véo branco de noiva... haveria uma perpetua roxa no meio dos botões de flôr de lorangeira de sua corôa de donsella...

Haveria crepe de filha, de mistura com os vestidos festivaes da noiva...

Julia voltára-se para sua mãe, queria sua benção todas ás noites ao recolher-se, todas ás manhãs ao reentrar na vida tranquilla, suave e pura da familia...

Por isso mesmo que sua mãe soffrera muito e injustamente de seos máos juizos e de seos ciumes, a filha empenhava-se então em compensal-a com a mais escrupulosa consideração.

Influa ainda não pouco no animo de Julia a ideia de que era a baronesa e não Octavia quem lhe lembrava e propunha o casamento d'antes tão desejado.

A filha muito arrependida de suas asperes, muito commovida pela generosa ter-

nura da mãe, não queria arriscar-se á mortifical-a de novo.

Sem duvida essa serenidade de rasão, essa reflectida e prudente apreciação das circumstancias erão principalmente devidas a segurança do amor de Germano, que enchera Julia de contentamento, e lhe inspirava paciencia.

É facil a paciencia á quem sorri a esperanza; e Julia tinha socego para raciocinar contra o seu casamento com Germano, e pacientemente soffria tal contrariedade; porque, sem o pensar, a esperanza a animava.

Era explicavel semelhante contradicção de sentimentos, esse não querer e esse esperar mal esclarecido, quando Octavia justificava Germano, e certificava a filha da fidelidade do seu amor, e a baronesa aprovava e aconselhava o casamento.

Julia não reagia mais por falta de opposição, e pagando tranquilla e sem influencia extranha ultimos tributos á rasão e a prudencia espontaneamente despertadas, ella se tornava melancolica, só e por poucos minu-

UM NOIVO Á DUAS NOIVAS

tos melancolica, ouvindo fallar em Germano, e na sua união nupcial com elle.

Mas a melancolia da amorosa e captiva donzella era branda, suave, e não lhe amofinava o coração.

Julia ignorava a gravidade de sua molestia e o perigo que corria a sua vida; livre pois da preocupação do seo estado, entregava-se todas ás suas consolações e ao contentamento que ao cabo de tanto padecer experimentava.

Naturalmente o moral reagio com benigna influencia sobre o physico, e como por encanto, o que era possivel observar-se em repentinas melhoras, observou-se repentinamente na joven doente. A face animou-se, os olhos retomarão seo doce brilho normal, os labios perderão a leve contracção que negava o sorriso, o abatimento geral cedeo á acção viva da força vital acordada e como que desprendida pelo espirito que, das paixões contrahentes passára ás expansões da felicidade.

A familia exultou; os medicos porem vierão logo arrefecer a exaltação sem comtudo apagar as esperanças.

Julia tinha contra si a sua propria organisação physica, e a existencia, o pronunciamiento da affecção pulmonar, que, embora ainda em seo periodo de invasão, poderia zombar de todos os recursos da sciencia, e progredir até determinar a morte. Ainda destruida a causa que produsira o mal, era possível e não era improvavel que este se desenvolvesse immediatamente.

Todavia á despeito da idade de Julia, a acção e influencia moral assumião extraordinaria importancia, e quasi que resumião nas suas favoraveis consequencias todas as probabilidades calculaveis do restabelecimento da doente.

Recebendo no confissionario da medicina a confidencia do amor contrariado de Julia, e da recente e manifesta condescendencia da familia, os medicos comprehenderão a origem das melhoras inesperadas, e não hesitarão em aconselhar ainda, não o immediato casamento de Julia e Germano; mas o seo ajuste solemne e a frequencia do noivo na casa do barão.

Não era o poder da sciencia medica, era o

milagre de amor que lograria curar a interessante e apaixonada donzella.

Julia porem não sabia que já estava no primeiro, e, quem sabe, se á tocar o segundo periodo da tísica...

A tísica marcha tão apressada, quando caminha tenebrosa, minando pulmões de juventude!...

Julia não o sabia, e contente, tranquilla, e cheia de confiança, atormentava involuntaria a mãe e aos avós, recusando-se á casar com Germano.

As insistencias da baronesa, dando-lhe a certeza da sua dita, animavão lhe as recusas com que illudia a rasão, a consciencia, e o seo amor e respeito filial.

Julia enganava, enganando-se.

Estava alegre, feliz, e o estava porque o seo casamento com Germano dependia só da sua vontade.

Desarrazoára por tanto tempo que se aprazia em sentir-se e mostrar-se ajuizada, reflectida, e até mesmo severa.

O seo arrependimento de erros commettidos, a sua presumida prudencia e justa severidade levarão-a ao ponto de confessar á sua

mãe e á sua avó as intrigas e a perfidia com que Paulina a desnorteára, e a fizera mentir aos deveres de boa filha, acabando por pedir que fossem cortadas as relações de sua familia com a de Anna de Alencastro.

Octavia não foi tomada de surpresa; mas a nobre velha estremeceo, ouvindo o que dizia a neta, e apressou-se á confiar ao barão o segredo daquella maldosa traição.

O facto indicava culpabilidade que compromettia e deshonorava Germano; mas Germano era então um homem necessario, recurso desesperado para salvar Julia.

Era preciso tolerar, poupar, talvez fosse necessario lisongear o assassino moral da misera tísica!...

Germano era talvez a vida de Julia!

O barão de..., indignado e furioso, vingou-se nas cúmplices do criminoso.

Anna de Alencastro recebeu do barão de... uma carta breve e sêca, em que elle lhe annunciava que resolvera interromper suas noites de recepção, prevenindo-a de que inutilmente o procuraria, e á sua familia em quanto não lhe fosse participada diversa disposição.

A carta rude, aspera, e escrita sem o menor cuidado em disfarçar a injuria da despedida, era um raio de insulto á fulminar as intrigantes.

IX

DOCE VIOLENCIA

Urgia entretanto adiantar o ajuste do casamento de Germano e Julia.

O conselho dos medicos era positivo e instante.

Octavia, á quem a baroneza instruiu da opposição insistente da neta, adivinhou o motivo da reluctancia, e comprehendeo que somente ella poderia vencel-a.

Era ainda um novo e difficil sacrificio; a mãe porem submetteo-se immediatamente á elle.

Já não era preciso á Octavia esperar occasiões casuaes ou desprevenidas para fallar a sós á filha que então a procurava assidua para entretel-a e acaricial-a.

A mãe aproveitou o primeiro ensejo.

Julia entrou na sala do toucador de Oc-

tavia, e affavel e risonha mostrou á esta um diadema de bellissimas perolas, de que seo avô acabava de fazer-lhe presente.

Logo depois a donzella aproximou-se do espelho e experimentou faceira a magnifica joia.

— Não é essa a corôa que melhor assentaria agora em tua cabeça, disse Octavia á filha.

— Qual é então?... perguntou esta, voltando-se.

— É a de botões de flores de laranjeira.

— Ah! murmurou a donzella, corando.

— Senta-te ahi, Julia, e escuta-me.

Julia sentou-se.

— Octavia demorou-se alguns instantes á olhar para a filha com effusão de ternura, e logo começou á fallar.

— Attende-me bem: já podias estar casada e feliz com o preferido do teu coração, e fui eu que involuntariamente embarcei o teu destino, e te fiz mal.

— Oh, minha mãe!

— Oh, minha filha, esta é a verdade!

— Que importa?...

— Muito! nunca me perdoaria esse erro

fatal, nunca me sentiria livre da mais pungente dor, se o teu casamento não se realisasse emfim...

— Não, minha mãe, não devo prestar-me á isso.. repugna-me...

— Também eu pensei assim, Julia, e, ainda mais, procurei incutir esse sentimento no teu animo; ah! mas foi no longo e inconfessavel periodo de apaixonada revolta, de susceptibilidade enfesada e ardente, de frenetico empenho de contrariar, de oppor-me ao casamento de Germano para fazel-o soffrer, para exasperal-o, que eu cheguei á convencer-me de que haveria, e que declarei que havia nessa união offensa ao decoro, e ao dever.

— E ha! disse Julia, interrompendo a mãe.

Esta proseguio, apurando a mentira.

— Não exageres por virtude, como eu exagerei por má intenção, ou ainda por desconcerto de ideas. Graças á Deos, estou salva da tentação infernal que me endoudecia! Escuta: agora posso fallar bem franca e bem friamente. Estou curada. Mal pensas como me é facil voltar os olhos para esse proximo passado, e reflectir sobre elle!...

sinto apenas arrependimento ; mas estou certa do perdão de Deos ; porque não soffro, senão pelo mal que te causei.

A voz segura e a doce serenidade do rosto de Octavia alliciavão suavemente Julia.

A mãe proseguio, dizendo :

— Que houve entre mim e Germano?... já uma vez t'o declarei : da minha parte amor verdadeiro, ou inclinação inflammada pelo estimul-o da vaidade ; da parte delle indifferença completa apenas mitigada pela boa educação de cavalheiro...

— Ainda assim !

— Hoje não me custa á dizer-te isto!... se tudo acabou, Julia!... fui insensata ; mas voltou-me o juizo. Hoje me espanto do que fiz, e só o explico pelo phrenesi do odio que se apoderou de mim. Deos já me perdoou ; porque até nem o odio sinto!... e tu, Julia, queres obrigar-me á ficar com um remorso na consciencia?...

— Eu?...

— Pois então?... porque tua mãe, em dias de vaidosa insensatez, quiz obrigar os cultos de um homem que a desdenhou, tu, a noiva sempre amada desse homem, teimas em ne-

gar-te á fazer a sua e a tua felicidade, regeitando cavalheiro tão nobre que até poderia ter julgado facil abusar das inconsiderações e imprudencias de tua mãe, e que soube respeitá-a gentilmente?...

A estupenda mentirosa innocentava e realçava o seductor e o perverso; mas, para tanto ousar, lembrava á cada momento a filha tísica, e o conselho dos medicos.

Octavia disse ainda :

— Esquece-te de mim agora, Julia, e pensa bem. Porque uma mulher amou teu noivo e tentou debalde fazer-se amar, porque essa mulher errou e procurou em vão tornar suspeito de graves favores obtidos o noivo fiel, deves tu repellir, infelicitar o amante dedicado, extremoso e puro?...

— Mas essa mulher é minha mãe!...

— Tua mãe porem ignorava as doces e santas relações que te prendião á Germano.

— Embora; amou-o durante alguns dias; não devo e não hei-de casar-me com esse homem.

— Mas se elle não amou-me!... oh, Julia!... e eu mesma posso dizer que devéras o amei?... é, seria amor uma impulsão de

vaidade?... como é que se ama e se pode desamar de um dia para outro?... porque, bem o vês, eu te peço que cases com Germano, e não t'ó pediria, se ainda o amasse, ou se o julgasse indigno de ti!...

Julia suspirou commovida. Evidentemente desejava ceder á doce violencia; mas disfarçando o desejo, ou ainda influida pela razão, abaixou a cabeça e murmurou:

— É assim... eu creio.. juro que creio em tudo que minha mãe me diz...

— E então?...

— Não devo casar-me...

— Oh, Julia!... mas o arrependimento profundo de tua mãe, a luz do ceo que illuminou-a, o amor maternal que a tornou boa, e que a inspirou á confessar-te a verdade toda, á justificar teu noivo, nada valem?...

— Valem tanto, que me reaccenderão a alegria, que me alentarão a vida, e me aditarão com os gosos da ternura de minha querida mãe.

— E tua querida mãe morrerá de desgosto, se não merecer que lhe perdoes o mal que te fez, consentindo tu em casar

com o homem á quem amas, e que sempre te amou!...

— Oh, minha mãe!...

— Consente!...

— Elle?... perguntou Julia cedendo.

— Adora-te! respondeo Octavia á radiar com a generosidade e piedade da mentira.

— Mas... a lembrança... as recordações...

Era o travo de fel.

Octavia esperava-o; porque elle era natural, e implacavel.

— Tens razão, Julia, disse ella; essa idéa é justa. Mas n'este mundo não ha felicidade absoluta; já pensei n'isso; no quadro da vida mais risonha e brilhante ha sempre uma sombra que incompleta na terra a bemaventurança, que só se goza no ceo: uma privação temporaria... uma separação combinada entre nós duas... separação... que ha de ser consolada por visitas... reuniões concedidas... de tempo em tempo... á mãe... e á filha...

Octavia fraqueava.

— Que quer diser?... perguntou Julia.

— Isso ha de ser no principio... nos primeiros annos...

— O que?...

— É razoável... imprescindível no principio: eu me retirarei para a fazenda de meo pae... separar-nos-emos... por algum tempo... até que a lembrança... as recordações...

Julia ergueo-se com os olhos em lagrimas e exclamou, lançando o coração em um grito de negativa e de protésto:

— Não!...

— Minha filha!...

— Ninguem ha de separar-nos!... disse Julia.

E abraçou-se com a mãe.

Octavia contrariada e ao mesmo tempo consolada pela negativa da filha misturou com o seo o doce pranto que ella vertia até que menos commovidas e desenlaçadas ambas, tornou á diser á Julia:

— Mas é preciso... eu desejo e peço que te cases com o teo amado...

— E minha mãe não se separará de mim?...

— Julia! tu não és criança, e sabes apreciar as conveniencias e a delicadeza de cada um; comprehendes bem que ao menos emquanto não se desvanecem em ti, em mim... e nelle as desagradaveis lembranças... do que se passou tão recente... eu não

posso, nem devo conviver contigo e na companhia de teu marido.

Julia reflectia melancolica.

A mãe continuou á fallar.

— Não se trata de separação absoluta e sem termo... não! eu tambem preferiria morrer... e alem disso cumprir-nos-ha dar satisfações á sociedade; eu hei-de vir muitas vezes á cidade... e tu irás ver-me á fazenda de meo pae; depois... mais tarde... a confiança mutua e perfeita...

— Se eu já a tenho! exclamou a filha.

Octavia beijou-a na fronte enternecidamente, e perguntou :

— E a delicadeza e os vexames de tua mãe?... porque não has-de convencer-te do que é tão justo, e aditar-me com a tua dita?...

Julia corando de leve disse :

— Pois bem: se eu convier neste casamento, minha mãe ficará comigo... até que elle se realise?...

— Sim, minha filha.

— E toleraria aqui a presença de Germano?...

— Porque não?...

— E me levará ao altar, e abençoará o meo casamento?...

— Oh! sim! sim!...

— Minha mãe! só vossa mercê me arrancaria esta decisão...

E, abaixando o rosto, a donzella murmurou :

— Eu cedo... pois que minha mãe o quer, casar-me-ei com Germano.

Recebendo a determinação que tanto se empenhára por obter, Octavia, em vez de respirar satisfeita, sentio o gelo da morte no coração, e para esconder o rosto que podia atraiçoar o abafado, mas violento protésto da consciencia, abraçou-se de novo com a filha.

FIM DA SEXTA PARTE

UM NOIVO À DUAS NOIVAS

SETIMA PARTE

I

A LOGICA DOS ERROS

Octavia estava provando as consequencias de seus erros: saltando de extremo em extremo, primeiro para que a filha tivesse em horror a idéa do seo casamento com Germano, depois para convencel-a da innocencia d'este, e induzil-a á desposal-o, exagerára as suas faltas, e em breve retractando-se com piedosa falsidade, inventára culpas em que não incorrera!

Em ambos os casos se humilhára demais

diante de Julia e fôra tão prompta e exaggerada na inverosimil contradicção que, por pouco menos captiva do seo amor estivesse a donzella, fácil conheceria esta o ardil tão mal tecido e dissimulado.

Por ultimo ainda, em sua consternação maternal, Octavia commettera grave imprudencia, indo ás occultas procurar Germano em seo hotel, e muito mais sujeitando-se ahi, no empenho de conseguir o casamento da filha, á condição perfida que lhe impusera o tredo seductor.

A afflicta mãe não reflectira então na promessa que fizera.

Mas estava finalmente chegada a oportunidade de tratar com Germano, e de chama-lo á casa do barão de....

Como, sob que pretexto Octavia tomaria á si essa espinhosa tarefa em face dos avós de sua filha, sabedores ao menos do galanteio e das proposições de casamento com que Germano a occupára na fazenda de seo pae?..

Todas as conveniencias mandavão que fosse o barão quem procurasse Germano; de que considerações se valeria a pobre senhora para fazer adoptar o contrario do que

era recommendado *por todas as conveniências?*...

Octavia se debatia ainda uma vez nas oppressivas difficuldades creadas por seos erros.

Mas o compromettimento fora tomado, e ella sabia de mais que Germano certo de que se tornara homem necessario, não desistiria da condição.

Octavia propoz-se á tentar convencer o barão de que lhe competia o dever de entender-se com o homem fatal. Não ousando confessar o passo falso que dera, cahia em nova e arriscada falta; era mais um anel na corrente dos erros.

Ella sentia indisivel repugnancia de voltar ao hotel e de achar-se outra vez á sós com Germano, e podia, escrevendo, satisfazer sua promessa; cumprir-lhe-ia porem em tal caso mostrar ao barão a resposta que recebesse.

Mas a resposta não conteria protestos, allusões, segredos, que ella fosse obrigada á esconder?... que diria em tal caso ao barão?...

Octavia não ousava...

O primeiro erro e os subsequentes empur-

ravão a pobre senhora para quasi forçados desacertos.

Era a logica do olvido do dever.

Octavia foi pedir ao barão uma hora de conversação em particular.

A baroneza prevenida tomou conta de Julia, e cautelosa, a afastou, levando-a para o jardim.

O avô e a mãe da joven queridissima ficarão em liberdade.

— Senhor barão, disse Octavia, Julia me attendeo... e cede...

— A baroneza m'ò disse ainda á pouco, respondeo meio consolado e meio triste o bom velho; obrigado, minha filha!... todos nós andamos á sacrificar-nos pela nossa menina!...

— É assim!... e para não vel-a morrer expomos-nos á condemnal-a á vida mais infeliz...

— Temo-o... mas que ella viva!... ah!... que a nossa Julia não morra!...

— Que ella vivã, meo Deos!...

E o avô e a mãe de Julia se identificarão nesse egoismo santo do amor, que quer vivo

embora martirisado o objecto de sua afeição e idolatria.

O barão foi o primeiro que poud fallar.

— Pois que a fatalidade assim o marcou, é preciso ir depressa á solução... ao fim deste empenho...

— É preciso: murmurou Octavia.

— Custa-me, dice o velho; mas eu irei ver esse homem... pois que lhe fechei a porta de minha casa... devo começar por dar-lhe satisfações... elle seria capaz de vir sem esperar a reparação d'essa injuria... mas agora é dever nosso poupal-o... eleva-lo... consideral-o... eu irei... irei...

Octavia balbuciou á custe:

— Talvez... não convenha...

— Como?...

— Ainda mal o conhece...

— Á Germano?...

— Sim.

— Ah!... devo pois resignar-me á vergonha de que seja minha neta quem se avilte á rogar-lhe...

— Não... não...

— Quem pois?...

— Eu, senhor barão.

— Minha filha!... tudo... tudo... menos isso!...

Octavia animou-se.

— Senhor barão, disse ella; está longe de nós o pensar que nos occupamos de contractar um casamento felicitador de Julia, e digno della.

— Eu o sei.

— O senhor barão por si, eu por mim, fechamos os olhos ao demerito e as repulsivas condições do noivo; attendemos somente á que Julia o ama, e que morre por tel-o amado...

— É isso!...

— Este casamento é imposição do medo da morte... recurso extremo do desespero...

— Por tanto...

— É inutil estudar conveniencias e dignidade; curvemo-nos francamente ao pesado golpe da fatalidade!...

— Mas... então?...

— Esse homem, que minha filha desgraçadamente amou e ama, é um miseravel!

— Sim... é o meo juizo...

— Julia era e é o seo sonho e o seo calculo de ouro...

— Pobre menina!...

— Em quanto porem por intermedio de dona Paulina excitava, incendiava o amor de minha pobre filha, chegando á calumniar-me para fazel-a desconfiar de mim...

— Acabe!...

— Por meio de Anna de Alencastro... procurava... insistia.. atrevia-se impudente...

— Oh!...

— Senhor barão, esse homem não arre-dára de mim os olhos...

— Infame!...

— Era um negocio: ou minha filha, ou eu.

O barão levantou-se revoltado e furioso, e exclamou:

— Demonio!... uma féra!...

E tomando as mãos de Octavia, perguntou com raiva:

— Octavia!... minha filha!... e daremos Julia á esse monstro?

— A pergunta deve ser outra, senhor barão; a pergunta deve ser esta: e preferiremos deixar morrer Julia?...

O barão deixou-se cahir na cadeira e disse:

— É isso... é a morte....

— Procedamos pois consequentemente.

— Mas eu devo á memoria de meo filho todo o respeito á sua viuva, que não pode mais expor-se...

— A viuva de seo filho já não tem de que arreceiar-se, disse Octavia com amargor.

O barão não podia comprehender a ironia acrimoniosa que encerrava essa resposta.

Octavia proseguio:

— Senhor barão, eu repito: Germano não amou, não ama nem á Julia, nem á mim; o casamento era para elle negocio: ou minha filha ou eu, e nesse proposito perseguia-nos.

— Que pensa então?...

— Que elle se acha perfeitamente informado da molestia de Julia, pois que mandava á esta casa duas emissarias que nos espiavão.

— E d'ahi?...

— Antes da molestia de Julia Germano sem hesitar a preferiria á mim, e promptamente attenderia ás proposições do senhor barão.

— E agora?...

— A perspectiva... a probabilidade da morte proxima de Julia não o deixa calcular com a herança do senhor barão...

— Mas é ignobil!

— Eu hoje posso parecer-lhe mais rica e melhor partido...

— E elle ousaria esperar...

— Deve-se crer que faz das mulheres o mais degradante conceito; alem disso...

— Alem disso...

— Julia ouviu demais dona Paulina, e eu consenti demais que Anna de Alencastro me fallasse, embora fosse constante a minha repulsa: a condescendencia de uma, e a tolerancia da outra lisonjearão sem duvida o homem fatuo e corrompido.

O barão apertou os labios como se comprimissem um desgosto, e logo depois disse:

— Estou certo de que não se engana, julgando máo e immoral esse homem; mas talvez careça de fundamento a sua suspeita de calculo interesseiro...

— E porque então ao mesmo tempo trabalhava elle por embair a mãe e a filha, fingindo amar á ambas?...

— Porque?... repetio o barão.

— Porque qualquer das duas lhe convinha, como ambicioso que é. Não ha outra explicação para o escandalo.

— Oh, minha filha! o seo coração deve estar despedaçado!

— Senhor barão, desde muito que só padeço por minha filha.

— Entretanto esse monstro de ambição...

— Talvez seja a sua ambição a unica luz de esperança de felicidade de Julia...

— Como?...

— A riqueza obtida pelo casamento, e o incentivo de consideraveis heranças provavelmente o levarão á despende com a nossa Julia cuidados que hão de parecer extremosos.

— Mas, observou o barão com um sorrir contrafeito, acaba de esquecer que agora quem parece mais rica não é a filha, é a mãe.

— E por isso disse eu ao senhor barão que é á mim que cumpre ir fallar á Germano.

— Por isso?...

— Sim. É o meo solemne desengano que mais promptamente o resolverá, e nós temos pressa.

O barão poz-se á reflectir.

Octavia continuou, dizendo:

— E demais... quem sabe?... com toda a sua perversidade Germano não guardaria em si algum resto... não direi de pudor, mas de vexame que o possa entibiar, e leva-lo á não prestar-se á vir aqui pedir a mão de Julia em minha presença?...

O barão desconfiasse ou não do empenho de Octavia, disse-lhe:

— Minha filha, só em caso extremo eu consentiria no que me propõe, e nós temos outro recurso, doloroso embora.

— Eu estou aqui para obedecer ao senhor barão, respondeo Octavia; sei que se interessa tanto como eu por Julia. De que recurso me falla?...

— Eu lembro apenas... não quero de modo algum atormentar ainda mais a melhor das mães...

— Oh, diga!...

— Resolvido como está o casamento de Julia... certas considerações... aconselharião talvez... uma viagem á fazenda de seo pae... e na sua ausencia...

Octavia corou abrasadoramente e respondeu com dignidade e firmeza:

— Senhor barão, fui a primeira á comprehender que esse era o conselho do decoro, do brio, e do meo dever de senhora...

— Ah!...

— Mas... não é possível!... soffro, e é força resignar-me! Julia não quer.

— Julia!

— Esforcei-me por convencel-a; jurei que viria leval-a ao altar e abençoar o seo casamento; mas foi debalde... Julia não quer; e apenas convem en que eu vá para a fazenda de meo pae depois de vel-a e de abraçal-a casada.

E quasi logo a altiva senhora acrescentou:

— Eu me desvanço de haver prevenido o prudente conselho do senhor barão.

— Perdoe ao triste e amofinado velho, minha filha!... disse este; eu não podia, nem posso duvidar da sua circumspecção e do seo nobre character; mas não é verdade que todos nós andamos ás tontas?...

Octavia não respondeo.

O barão tornou dizendo, passados alguns momentos.

— Eu quizera... quero... devo experimentar... irei amanhã procurar Germano. Compete-me dar esse passo.

Octavia que se retrahira, disse:

— Pelo menos é assim que deve ser.

— Irei amanhã... seja um ensaio...

— Ensaie, senhor barão, e peço de todo coração á Deos, que eu me tenha enganado, concluiu Octavia, levantando-se.

II

VISITA PERDIDA

Desde que cedera á doce violencia de sua mãe Julia radiava de alegria, não tinha mais minutos de melancolico scismar, e só pensava no ensejo ditoso de seo primeiro encontro com Germano: imaginava que o chamaria com um olhar animador, que elle correria inebriado á fallar-lhe e que... em breve troca de palavras Romeo e Julieta voltarião ao passado encantamento.

Hora por hora o viço da juventude, e a flamma da vida risonha regeneravão o matiz da face e a vivacidade da donzella; em alguns e bem poucos dias Julia ganhara forças, e á seo emagrecimento assustador succedia rapidamente volta progressiva ás proporções normaes do corpo robustecido.

A tósse diminuíra, e indicava ir-se extin-

guindo; o trabalho activo da affecção que minava, destruia, e tendia á cavar os pulmões, como que obedecendo á uma influencia superior, estacava e começava á dar promessas de paralyzar-se.

Os medicos admirados e esclarecidos tomavam nota daquella acção poderosa da vida moral sobre a vida physica, notando como a materia parecia render preito de vassallo obediente ao espirito, seo rei dominador.

Ao sorrir esperançoso dos medicos respondião fervorosos a consolação e o estremecimento dos avós e da mãe de Julia.

Fara a molestia de Julia estava conhecido e marcado o especifico que a podia dibellar.

Achava-se estabelecido o dilemma inexoravel: ou deixal-a morrer, ou casal-a com Germano.

Não havia duvida possivel na escolha dos extremos do dilemma.

Germano era a vida de Julia.

Em taes casos o amor dos avós e o amor da mãe de Julia não podião raciocinar, nem discutir.

O barão de... tinha ido, como dissera resolvera fasel-o, procurar Germano para des-

culpar-se da offensiva repulsa de sua porta e para convidal-o á voltar á sua casa no character de noivo de Julia.

Octavia esperava anciosa o barão.

Ella tinha passado em claro quasi toda a noute antecedente.

O casamento de sua filha com Germano pesava-lhe na consciencia; era um escandalo que se lhe afigurava, embora indifferente á todos, crime em face de Deos.

Mas Deos exigiria de uma extremosa mãe que deixasse, que visse morrer sua filha podendo salv-a?...

Em seu amor maternal Octavia preferia sujeitar-se á todas as penas na eternidade á ser testemunha da agonia e da morte de Julia.

A mãe consternada e aterrada, imaginando o quadro lugubre e desesperador do passamento da filha, suffocava os escrupulos da mulher temente á Deos.

E era força que ella pensasse tambem ás vezes em Germano.

Octavia realmente desejava muito; não esperava porem que o barão conseguisse mudar

os designios e dobrar a vontade audaciosa e astuta de Germano.

Depois de prender-se por sua precipitada e indiscreta promessa Octavia se desilludira de prompto, regeitando a idéa do resentimento de Germano contra o barão, e comprehendendo que elle pretendia somente attrahil-a ao seu hotel, á sua sala, á sua presença sem testemunhas, e em secreto ensejo de expansões ousadas.

Não tinha esse homem, abusando da afflicção maternal, exaltado, jurado, e defendido com falso enthusiasmo as flammas e os desatinos de uma supposta paixão que então mais do que nunca ultrajava e martyrisava a mãe de Julia?...

Que premeditava elle?...

Octavia julgava possiveis todas as hypotheses; mas enfurecia-se imaginando que Germano ainda podesse conceber, apenas conceber, o pensamento de um novo insulto ao seo pudor.

Mas e pois que era preciso e conveniente admittir e pesar todas as supposições, a mãe de Julia indignava-se e tremia submettendo-se por momentos a idea hypothetica de que

o homem pervertido, o seo algoz, depois de tecer o seo maior infortunio, ou por castigo da providencia, ou por indomito e inesperado rendimento, a amasse devéras e com a paixão que fingira.

Ah! em tal caso que seria de Julia?...

Octavia odiava e despresava Germano tanto quanto pode o odiõ harmonisar-se com o despreso: odiava-o pela sua maldade fria e atroz, e desprezava-o pela ignobilidade de seo character; o amor que por supposição elle sentisse, nem de leve a preocupava por si.

Mas por sua filha?...

Amor de mãe tudo conjectura, tudo imagina e phantasia, e tudo teme.

Octavia passou a manhã, como passára a noute, á pensar e á pesar, até que o barão entrou de volta do hotel de Germano.

A physionomia do nobre velho, e um olhar de intelligencia que elle lançou á mãe de sua neta, indicarão que a visita não fôra afortunada.

Quando nesse mesmo dia o barão e Octavia puderão fallar-se em confiança e segredo, o velho disse abatido:

— Minha filha, era eu que não tinha razão. Nada obtive.

— Ah!... eu o suspeitava.

— Fui bater á um coração composto de lodo e gelo: é o coração do noivo que vou dar á minha Julia!...

E accrescentou com amargura:

— Seria mais justo e mais humano deixar que ella moresse!

— O Sr. barão foi desrespeitado?...

— Ao contrario. Germano tratou-me com apuro de cortezia; não me impacientou com amabilidades; mas não se poupou ao tratamento que a boa educação concede sem agrados.

— Então?...

— Ouvio-me attento, porem reservado e frio, interrompendo-me somente para disser-me algumas palavras banaes e de obrigação social, lamentando a molestia de Julia.

— Oh!...

— Indicou ficar triste, mas á modo de quem já era sabedor da nossa desgraça, e quando finalmente lhe cumprio responder-me, disse com apparante e impiedosa gravidade que sob o pezo de deveres que o embaraçavão,

nada podia resolver sem dilação e alguma demora, cujo termo não lhe era licito marcar.

Octavia turbou-se vendo na resposta indício de plano sinistro.

— Não pensa que recebi recusa formal?... perguntou o barão.

Octavia perturbada, em vez de responder observou sem pensar no que disia:

-- O Sr. barão esqueceu-se talvez de começar, dando-lhe desculpas e satisfações da...

— Oh, não! é claro que principiei por ahí; elle porem cortou-me a palavra, disendo-me em tom de generosidade que, fraco de memoria, não se lembrava desse facto, e que a minha visita tornava impossivel a reminiscencia.

Octavia ficara pensativa.

O barão repetio a pergunta.

— Foi recusa formal?... que pensa?...

— Penso em minha filha; respondeu a mãe de Julia.

— Quer diser?...

— O que já disse, aquillo de que estou convencida, a horrivel verdade da nossa angustiosa situação.

O barão torcendo as mãos colericamente, mas contrahindo a raiva, disse :

— É um homem que se deveria faser matar, se a fatalidade não me impuzesse a necessidade de toleral-o e querel-o vivo!...

— Senhor barão !

O velho retorceu-se na cadeira onde estava sentado, e esforçando-se para socegar, tomou as mãos de Octavia, apertou-as e balbuciou :

— Julga então?...

— Que Germano ainda calcula comigo...

— Matando-lhe a filha!...

— Que me importa o conceito que pode fazer ou que faz de mim esse homem!... exclamou Octavia ainda uma vez offendida.

— Minha filha!...

— Senhor barão, eu perdoó á Julia a minha trucidação moral!...

— Meo Deos!... disse o velho dolorosamente, eu não sei mais o que digo, ou esta senhora não sabe mais o que entende em minhas palavras!...

Octavia commoveu-se, ouvindo o protesto do barão, e murmurou docemente :

— É explicavel que um não saiba o que

diz, e que a outra não entenda o que ouve!... deve ser assim.

— Perdoemō-nos ambos por tanto!... disse o barão.

E levantando-se, abraçou Octavia, beijou-lhe a mão e accrescentou:

— Vamos até o fim.

— Estou resignada; respondeo Octavia.

O velho agitado, contrariado, e cedendo á afflictiva violencia, fallou á tremer:

— Minha filha, eu a autoriso... pois que é imprescindivel... desça, que subirá descendo... é o avô de Julia que manda...

E ainda á custo concluiu, dizendo:

— Vá fallar... desenganar... e chamar para nós... o indigno.

— Irei, respondeo Octavia.

— E quando?...

— Amanhã, senhor barão; não é melhor, não é preciso apressar?...

— É. Devia ter ido hoje... vá amanhã.

Octavia quiz aproveitar a occasião para tomar garantias.

— O senhor barão regule o meo procedimento, disse ella; como devo ir?...

— Não entendo.

- Franca ou dissimuladamente?...
- Para que o dissimulo?...
- Não costumo sahir a pé... e o hotel, á que devo ir, deve ser talvez longe d'aqui.
- Que tem isso?...
- Prefere que eu vá em um carro de sua casa á que eu me sujeite á tomar um carro da praça?...
- Mas que idéa!...
- Senhor barão, eu penso sempre em minha filha!... perderíamos tudo, se ella viesse á saber...
- Ah! .. é assim, santo coração de mãe!... exclamou por sua vez o barão; são as mães que lembrão e previnem tudo!...
- Que determina pois?...
- Que nenhuma suspeita embacie a reputação da viuva de meo filho. A senhora irá em um carro de nossa casa, e serei eu quem indicará ao cocheiro o logar, o hotel, á cuja porta deverá apeiar-se
- E a garrulice, e a indiscrição do cocheiro e do pagem?... senhor barão, pense em Julia!...
- Saberei impôr segredo, e a minha intervenção, o meo conhecimento de seos pas-

— sos, a minha approvação manifesta do seo proceder hão de ser a preventiva egide do seo nome e da sua honra. Póde ir, minha filha!...

— Irei amanhã, senhor barão.

III

OCTAVIA E GERMANO

Assisadamente aconselhada pelo barão, Octavia foi em um carro que levava nas portinholas as armas da casa do nobre titular, ao hotel, e antes de apeiar-se fez-se annunciar pelo creado.

Germano contava com a visita da mãe de Julia, e não tomado de surpresa, como da primeira vez, esperando-a com calculada e predisposta norma de proceder, desceo á recebê-la, externando todos os signaes de alto respeito devido á senhora de tão distincta posição.

A porta da sala não se fechou, e quem passasse pelo corredor poderia vêr, na distancia em que se sentara e na attitude grave e reverente que guardava diante de Octavia,

como Germano lhe rendia preito de elevada e profunda consideração.

Elle porém não sómente salvava todas as conveniencias em relação aos estranhos e provaveis observadores, que de passagem olhassem para o interior da sala aberta, como também mostrava-se perfeitamente delicado e contido para com Octavia.

— Devo antes de tudo desculpar-me, disse esta.

— Ninguém ousaria culpar á V. Ex., respondeo Germano. Era claro que o senhor barão teria de precedel-a, e só em ultimo caso consentiria na intervenção directa da mãe de dona Julia.

— Pois bem, eis-me aqui: convenci minha filha que o aceitará por seo noivo; mas por isso mesmo que ella o ama, creio que se magoaria se V. Ex. não se mostrasse pressuroso.

— Minha senhora, pois que V. Ex. o ordena, ha de ser obedecida, disse Germano indicando abafar grande contrariedade.

— E quando?... perguntou Octavia.

— Perdão, minha senhora, não foi por aspereza e malignidade de sentimento que

recusei-me á tratar com o senhor barão; foi porque eu precisava occupar por breve tempo a graciosa attenção de V. Ex., e no outro dia a commoção que me agitava me expunha á não ser sufficientemente respeitoso.

Octavia, á quem a contenção, a reverencia, e as sollicitas reservas de Germano, que poucos dias antes se dissera seo apaixonado, tranquillisavão tanto quanto era possível nas relações vexadoras em que se achava com elle, disse-lhe sem desagrado:

— Vim para ouvil-o.

— Eu de antemão protesto e juro que, em qualquer forçosa allusão ao passado, não tenho idéa de increpação, e menos ainda da mais leve desconsideração; trata-se porém de tão grave assumpto que é indispensavel...

— V. Ex. póde fallar com franqueza, disse Octavia interrompendo-o; sei até onde me cumpre ouvil-o.

— Minha senhora, V. Ex. regeitou o alvitre que se me afigurava mais prudente: eu confessei, confesso que não amo dona Julia; mas em face do seo estado e dos votos que innocentemente troquei com ella antes de encontrar, ou de tornar á vêr e amar outra

senhora, não discuto nem objecto; é meo dever tudo intentar para arredal-a da morte.

— E ella o felicitará, murmurou Octavia.

— Não póde, tornou com melancolia Germano; eu porém me obrigo á convencel-a do contrario para felicital-a. Entretanto á temer... á não approvar... por mil razões... este casamento eu tinha proposto um recurso muito aceitavel: dona Julia teria rendido á seos pés o noivo que infelizmente ama... restabelecer-se-hia, pois que isso é possível, e Deos o permittirá, e restabelecida seria ella quem se arrependesse...

— Oh!... eu rogo a V Ex... que abandone essa idéa...

— V. Ex. é a unica pessoa que tem o direito de revogal-a... violentando a minha submissão de escravo...

Octavia entendeu a allusão cruel e respondeu com indifferença:

— A outra senhora, que V. Ex. lembrou á pouco, morreo; já tinha morrido, quando Julia se achou doente.

Germano recebeu o golpe com affectada serenidade; mas não poude impedir um raio

de colera ou de paixão, que seos olhos vibrarão sobre Octavia.

Elle continuou, dizendo placidamente:

— Cumpri dever sagrado renovando a proposição agora de uma vez rechaçada.

E, deixando cahir a cabeça sobre o peito, pareceo reflectir sombriamente.

Octavia esperou em silencio, mas com a alma em anciosa agitação e afflictivas duvidas.

Germano tornou á fallar.

— V. Ex. o quer, serei mais do que noivo ajustado, esposo emfim de sua digna filha; mas durante o praso esperançoso do noivado, e depois da realisação do casamento...

Elle hesitou.

Octavia disse com voz firme:

— Acabe!

— Não sei... tenho medo da resolução já tomada por V. Ex.

— Qual?...

— V. Ex... á lembrar... o que precisariamos esquecer... vae separar-se de sua filha já ou mais tarde... ou, como deve desejar, vivirá perto della... com ella?...

— Qu'importa isso?... que quer indicar?...

— Oh, minha senhora!... é implacavelmente necessario arrostrar a realidade infalivel!... se V. Ex. se separar de sua filha, eu serei o algoz de minha noiva e de minha esposa, que na privação de sua mãe verá a prova patente e viva de um erro, de um mysterio sinistro do passado...

Octavia confundida não respondeo.

— Se V. Ex. não se separar de dona Julia, nem antes... nem depois do meo casamento... oh, minha senhora!... eu não sei, como agora me explique... porque... não devo, não quero, e receio ferir o seo melindre...

— Falle!... diga tudo!...

— Ah!... póde haver quem não tema por ser tido a felicidade cruel de sentir-se morta!...

— Senhor!...

— É força que eu não dissimule, nem engane!... juro respeito, concentração, sacrificio intimo e torturador; eu porém... sou obrigado á declarar á V. Ex... eu não morri.

— Oh!... ameça-me?...

— Perdão! apenas confesso-me. Hei de honrar, venerar a mãe de minha noiva e de minha esposa... será ella sagrada para mim; oh!... mas o que hei de soffrer, esconder,

esmagar!... por Deos!... minha senhora!... juro que não morri!... que vida pois vae ser a minha?

— O gelo da morte é em taes casos forçosamente contagioso.

— V. Ex. não se separará pois de sua filha?...

— Que acha ser mais arriscado para mim?... pergunta Octavia com altivez.

— Não ha risco nem perigo para os mortos, respondeo tristemente Germano.

— Supponha portanto que eu ficarei vivendo ou na companhia, ou perto e na frequencia de Julia!... supponha-o!...

— V. Ex. interpretou mal o meo dilema: o que ha nelle de pungente, de mortificador, de apprehensivamente desesperante é só para mim!... minha senhora!... neste momento decisivo, e supremo, não me será permittida uma queixa, perdoado um gemido do meo pobre e submettido egoismo?...

— Mas em conclusão?... perguntou Octavia que se perturbava atropellada pelos insidiosos assaltos do ardiloso seductor.

— A conclusão não está em minhas faculdades, respondeo Germano; abdiquei meo livre

arbitrio. É sómente V. Ex. quem póde resolver.

— Se assim fosse, tudo estaria já resolvido; disse Octavia.

Germano conservou-se humilde e silencioso como quem se inculcava resignado á obediencia.

O ambicioso e o seductor tinhão-se entendido e harmonisado no coração corrompido, sem costumes e sem freio.

Germano obedecia para ganhar a noiva rica, á quem os avós e a mãe não se abalançarião a pretender amesquinhar o dote, e por outro lado o casamento não podia effectuar-se logo, e o sensualista teria por si a delonga, as occasiões, as surpresas que elle faria aproveitar aos arrojos da paixão, que de proposito declarára ser invencivel, embora tivesse de retrahir-se e concentrar-se suffocada.

Tendo com inaudita perversidade aventurado objecções realmentc justificaveis, e em que á hesitar por fingido respeito fizera manifestar-se palpitante o seo amor, Germano dobrava-se vencido, e tomava calculadamente a mascara do sacrificio.

Octavia no primeiro momento não soubera que dizer, vendo o cavalheiro inclinar-se humildemente.

Germano disse :

— Minha senhora, eu sou a inercia ; V. Ex. é a força que impelle... eis tudo.

Octavia impacientou-se um pouco, e perguntou :

— E com que idéa, com que fim é a inercia?...

— V. Ex. ainda não confia em mim... e por isso não faz sempre justiça aos meos pensamentos: eu sou a inercia, por egoismo... porque a inercia é a minha defeza... nem posso explicar-me de outro modo...

Octavia turbou-se; mas comprehendendo que precisava pôr termo á instante e mortificadora questão, ainda mesmo acceitando a posição que Germano obstinadamente lhe impunha, disse :

— V. Ex. se compromette pois á ir pedir a mão de minha filha?...

— Sim, minha senhora, respondeo Germano com voz tremula :

— E quando?

— Hoje, se V. Ex. o exigir; será porém demais a espera de tres dias?...

— Não é demais; ao contrario a bondade do senhor Germano poderia aproveitar um dos tres dias para escrever ao barão de modo á preparar minha filha...e, dil-o-hei, á adital-a com a

persuasão, de que ... eu fui estranha ao passo que V. Ex. vai dar... porque...

— Minha senhora... ia dizer...

Germano não poupava futuras dependencias, á Octavia :

— Porque... é claro accrescentou esta, completando a explicação que interrompêra ; é claro...que...por todas as considerações... Julia deve ignorar que eu vim aqui...

— Oh ! certamente ! disse Germano : eu escreverei ao Sr. barão com toda a conveniencia...

— Assegurar-lhe os protestos da gratidão de toda a minha família... é desnecessario em face do amor que Julia nos merece, e do bem immenso, que V. Ex. lhe fará....

Germano inclinou-se e respondeu :

— Praza ao céu que não seja esteril o meo... a minha obediencia absoluta.

Octavia levantou-se e murmurou :

— Obrigada, senhor Germano ; eu devo retirar-me...

— Minha senhora... balbuciou o implacavel calculador de predomínio.

— Que é ?...

— O senhor barão sabe que V. Ex. veio dar-me a honra de...

— Sim, sabe.

— Perdão... mas .. cumpre que eu esteja prevenido... eu..., não satisfiz hontem ao senhor barão... e a minha prompta obdiencia hoje...

Octavia corou.

— Meo Deos! tornou Germano; isto é desagradavel para V. Ex. e dilacerante para mim que a incommódo sem querer... mas eu preciso estar prevenido do que V. Ex. dirá ao senhor barão...

A proposição parecia de prudente conselho, e Germano a apresentava com verosimil naturalidade.

Octavia não podia dizer á Germano o que havia dito ao barão, e no entanto estava obrigada á responder.

Ella fallou de olhos baixos e com visivel perturbação :

— A verdade... explica a sua resistencia ao barão... e sua condescendencia com a mãe de Julia... nós tivemos horas de illusões... em que o senhor julgou amar-me... e suppoz-se amado... eu vim destruir, e destrui... escrúpulos .. e temores... de desatenção... e offensa á mãe de minha filha.

E Octavia abaixou ainda mais os olhos para mentir, dizendo:

— Foi isso... que eu já disse ao barão.

— Minha senhora, V. Ex. ha de em tudo applaudir-se da minha discrição, da minha dedicação, e do meo acatamento.

E offerecendo a mão, recebeu a de Octavia.

E ao ir conduzil-a accrescentou:

— Vou ter a honra de acompanhar, e de fazer subir á seo carro a mãe de minha noiva...

E curvando-se...

Octavia teve de ceder ao esforço explicavel, que aproximava sua formosa mão aos labios de Germano, que a beijou com apparente reverencia.

Mas Octavia sentio calor e fogo na impressão daquelle beijo dado em nome do respeito filial.

IV

A MULHER MÁ

Anna de Alencastro tinha sido ferida por dous golpes inopinados.

A breve e rescada carta com que o barão de... a despedira de sua casa, doertara-a irritantemente; mas peor que isso, desde o dia em que se déra esse facto, Germano não lhe tornara a apparecer.

A privação da sociedade distincta que frequentava a familia do rico titular apenas vexava Anna de Alencastro que precisaria explical-a sem confusão e injuria para si; mas a affronta tivera por instrumento o barão e partira naturalmente de Octavia.

Era esta bem fundada conjectura que mais assanhava as iras da velha insidiosa, e amiga falsa e ingrata.

A deserção ou a retirada de Germano que se fazia notavel por seis dias de ausencia de quem diariamente procurava infallivel a companhia de Anna de Alencastro e de sua filha, era, alem de offensa, ameaça de muito sensivel contrariedade.

Ora, posto que indirectamente, Octavia motivara tambem a perda do proveitoso e liberal amigo, e por tanto se tornára duplamente detestavel, e objecto marcado para os botes de vingativa malediscencia.

Sobre tudo isso Germano se eclypsara na peor das occasiões para Anna, que calculara com elle para satisfazer um compromisso oppressivo, e exigido urgentemente.

Anna de Alencastro que não podia ter pretensões á manter attitude de dignidade para com o homem á cujos interesses immo-raes servira, escreveu queixoso mas lisonjeiro bilhete á Germano, pedindo-lhe explicações de sua ausencia, manifestando afflictivos receios de que elle se achasse doente, e rogando-lhe que, ou de seos possiveis incomodos a prevenisse, ou fosse na noute desse dia tomar chá com ella e com Paulina.

Anna esperou debalde Germano que alias

respondera, promettendo corresponder ao obsequioso convite.

O assetinado e magnifico diplomata, sempre tam delicado de maneiras, tinha occasiões de aspereza brutal, quando ellas lhe pareião opportunas e convenientes.

Germano, informado da carta do barão de... comprehendeo logo, que não tinha mais serviços á esperar de Anna de Alencastro e de Paulina, á menos que precisasse empregar a diffamação contra Octavia, e resolveo ser menos frequente em procural-as, ainda sem esquecer-as e evital-as de todo; mas em breve a primeira conferencia que tivera com a consternada mãe de Julia determinou-o ao absoluto rompimento de relações com aquellas duas senhoras.

A nova situação em que se achava relativamente á Octavia e Julia excluia todo o concurso de Anna e de Paulina, de quem alias só podia receiar a malediscencia e a murmuração, que pouco ou nada inquietavão seus sentimentos licenciosos e depravados.

Elle tinha aviltado muito Anna e Paulina e encontrára em ambas tanta e tam interesseira e facil condescendencia em servil-o

na intriga maldosa e repugnante, que nem lembrava as considerações devidas ao seu sexo.

Germano era só liberal e gastador quando a paixão sensual contrastada, ou grande incentivo de ambição social, ou de vantagens materiaes consideraveis o impellião: ambos esses sentimentos o tinham obrigado á abrir por muitas vezes á bolsa para emprestar sommas relativamente avultadas, e fazer presentes de valor ás suas duas *nobres e elegantes* commissarias; estas porém, ou antes Anna de Alencastro, era exigente e abusava demais da forçada liberalidade do corruptor.

O diplomata assetinado chegára a uma das suas occasiões de *asperza brutal*, e sem escrúpulo nem cerimonia cortava decisiva e completamente suas relações com as *carissimas* senhoras, que vilmente haviam-se prestado á executar seus planos. Elle as considerava sobejamente pagas e, evitando-as, poupava-se á recusas de dinheiro, ou á tributos que nunca saciavam as victimas do luxo e da ostentação sem base.

No proceder de Germano havia a rudeza petulante e o desfaçamento do homem desprezador de todas as considerações do pon-

donor e do decoro; no desencanto e nas confusões de Anna de Alencastro e de sua filha havia o justo e providencial castigo do olvido do dever, e do rebaixamento moral.

Germano impavida e perfeitamente sereno respondera ao bilhete de Anna de Alencastro, assegurando que iria vê-la e desculpar-se; mas nem tinha a idéa de cumprir sua palavra, nem a cumprio. Procedendo assim esperava que o resentimento provocado pela sua falta e descortesia o libertasse de uma vez da amizade carissima.

Á noite elle foi ao theatro, de volta dormio sem ao menos se lembrar que o deviam ter esperado, e no dia seguinte ainda mais as esqueceu, recebendo a franca e formal visita de Octavia e discutindo com ella o grave assumpto que os aproximava.

Mas tinha Germano, por fim. beijado a mão da mãe de sua noiva; e logo a conduzia com a mais fina cortesia e grave acatamento, quando ao tocar a porta do hotel, vio Anna de Alencastro que acabava de desembarcar de um carro de aluguel, e esbarrava com elles.

As duas senhoras não se cumprimentarão:

Octavia desviou soberanamente os olhos, como se não visse objecto digno de ligeira attenção.

Anna de Alencastro parou, fitando a sua antiga amiga deslumbrantemente bella, e altivamente despresadora...

Supremacia esplendida de formosura, e elevação de orgulho amesquinizador: dois insultos que a mulher não perdoa.

O olhar fito de Anna foi de tigre enraivecido.

E ainda mais para aggravar a furia...

Germano apenas saudou-a de passagem, inclinando a cabeça, mas sem fallar-lhe, e todo occupado de Octavia, e devotamente, e cheio de veneração, levou-a ao carro, fel-a subir, e curvou-se em despedida, como o cortesão que se curva ante a rainha.

E ainda mais para desesperar, e enraivecer a inveja...

Germano ficou em pé, immovel, como ao serviço de Octavia, e em homenagem a magestade da rainha, sem voltar os olhos, sem indiciar lembrança da presença de Anna que teve de esperar humilhada até que o carro partiu.

CORRUPTOR E CORRUMPIDA

Livre de Octavia, Germano satanicamente inspirado andiantou-se para Anna de Alencastro e offerecendo-lhe a mão,] disse-lhe:

— Minha senhora, o vexame não exclue a felicidade; subamos: V. Ex. vae absolver-me.

Anna trasia a escravidão em si, e alem disso era velha consummada no fingimento, experimentada nas contrariedades, e, quando se fazia preciso, risonha na ira, melliflua na reconcentração do veneno.

Acceitou sem diser palavra a mão do cavalleiro e subio com elle.

Germano cerrou a porta de sua sala; apenas entrarão, levou Anna ao sophá, e sentando-se diante della, disse:

— Tive de guardar o leito estes ultimos dias e hontem julguei-me capaz de sahir; ao

anoitecer, porém, voltou-me a febre e fiquei até hoje sem saber de mim: rasão de força maior: absolve-me?...

Germano tinha na face nedia, e nos olhos animados o desmentido da explicação que acabava de dar; sabia porém que não precisava excogitar mais verosimil escusa para reconciliar-se com a senhora que o vinha procurar.

— Ah! respondeo Anna, a absolvição é neste caso tambem imposta por força maior.

— Não acredita que eu tenha estado doente?...

— Como não acreditar, se acaba de deixae o uma irmã de caridade!... é sem duvida ella que tem sido a sua enfermeira...

Germano rio-se.

Era ao menos decente que Anna parecesse magoada, e que dêsse motivo accetavel á visita que não lhe estava bem ter vindo fazer.

— Este encontro casual, mas perfeitamente esclarecedor, prova o que eu havia suspeitado: o senhor Germano não precisa mais dos tributos de dedicação que exigio e teve de nós; mas nem porque agora pode dispen-

sar o nosso prestimo, deveríamos esperar que dispensasse a nossa amizade.

— Oh !... mas é injustiça e vou demonstrar já...

— Desculpe-me : não vim affligil-o : vim apenas lembrar-lhe que a sua repentina e absoluta retirada de minha casa chegaria á autorisar conjecturas, juizões falsos, que prejudicarião até a reputação de minha filha.

— Teria razão, se...

— Mas a presença de dona Octavia aqui, e a lembrança da data da infame carta do barão, e do dia em que V. Ex. nos deixou em esquecimento me annuncião que V. Ex. teve realmente de ceder á *força maior* e que eu devo penalisar-me de ter vindo reconhecê-la.

Germano sentio as apparencias de verdade que havia na supposição de Anna de Alencastro, e chegou á receiar que ella devéras quizesse retirar-se logo ao vel-a abaixar seo pequeno véo, e levantar-se.

Desde o primeiro momento em que a velha intrigante e interesseira lhe appareceo á porta do hotel, o seductor de Octavia instinctiva-

mente imaginou que ainda poderia tirar partido do seu criminoso concurso.

— Perdão, minha senhora ! disse elle ; V. Ex. deve ouvir a minha justificação... por favor !

Anna sentou-se.

— Estive incommodado, e hontem voltou-me a febre, como disse, repetio Germano que notara a promptidão com que Anna se prestára á sentar-se outra vez.

— Bem... ou mal, esteve doente ; e dona Octavia aqui hoje ?... observou a velha viuva.

— É a segunda vez que me honra com a sua presença...

— Depois da carta que o barão me escreveu?...

— É verdade.

— Portanto...

— A carta do barão nada tem com as visitas de dona Octavia.

— Mas foi ella... murmurou Anna colerica.

— Talvez... é provavel, disse Germano.

— E o senhor ?...

— Eu hia hoje, agora mesmo á casa de V. Ex.

— Ah !... ordena-me que acredite...

— Dona Anna !...

Germano retomava o tom de amiga intimidade.

— Como hei de crer no que diz ?...

— Dou-lhe irrecusavel testemunho...

— Qual ?...

— O meo interesse, disse Germano.

— A garantia seduz, respondeo Anna, sorrindo.

— Conversemos pois como bons amigos.

— Não é mais seguro e prudente fazel-o em nossa casa ?...

-- Aqui agora, e lá hoje á noute. Aqui não ha perigo... é hotel muito caro para que o procure gente que se abaixa á andar á espia e á escuta.

E Germano foi abrir em par a porta da sala.

Quando voltava, vio um sorrir quasi feroz nos lábios de Anna.

— Em que pensa ?... perguntou elle.

— Na soberba dessa mulher que alardea virtude e vem aqui entregar-se ao seo amante !...

— Engana-se, e a prova é que ella vem de dia, sem disfarçe, e no carro do barão...

— Defende-a... é seo dever.

— Não a defendo ; lastimo-me.

A innocencia de Octavia não podia ser admittida pela velha invejosa e offendida, que rio-se ainda mais malignamente, e repetio os dous muito conhecidos versos francezes :

Et l'on revient toujours
A ses premiers amours

— Que quer dizer ?...

— O senhor o sabe ; ainda são bem recentes os seus amores da roça ; tudo seria acreditavel, menos que o homem mais ardente e seductor poupasse a virtuosa senhora que lhe offerencia encontros em lugar solitario..

— Mas... confesso-o... não fui eu que a poupei ; foi ella que soube expor-se sem já-mais render-se ; respondeo o diplomata.

E respondendo assim, elle felizmente podia manter a unica reserva que em suas confidências á Anna e á sua filha guardára relativamente ás suas ternas relações com Octavia.

Essa reserva lhe estava aproveitando então, porque a fortaleza de Octavia provocava a raiva de Anna, e Germano já premeditava

tirar vantagens das flammas desta reprovada paixão.

Anna de Alencastro respondera a negativa que se lhe oppuzera dizendo sempre á rir empeçonhadamente :

— Ora !... é seo dever protestar que não conseguio ser feliz ; mas conseguio-o... ju-ro-o !...

— Não jure falso ! eu lhe confiei todos os meos segredos, e sempre neguei-lhe que dona Octavia houvesse succumbido... oh !... não pude !... confesso... não pude tanto !... sua honestidade era mais forte, foi mais poderosa do que o seo amor.

Anna de Alencastro contrastada em sua devoradora sêde de aviltamento e de deshonra da amiga e protectora, de quem se tornára inimiga, perguntou com intenção detractadora da reputação de Octavia :

— E que vem ella fazer á este hotel, e á entreter-se á sós com o homem de quem fôra namorada excitadora e exigente ?...

— Vem provar absolutamente o contrario do que V. Ex. suspeita com injustiça, e o que me desatina e atormenta, porque eu amo dona Octavia cada vez com mais vio-

lento ardor, e desejo debalde ser amado e attendido por ella!...

A velha rancorosa e pelo rancor estimulado esquecendo o pudor da palavra, tornou á perguntar com allusão indecorosa:

— Então vem fazer-lhe febre sem trazer-lhe refrigerante?....

Germano, o sensual, não respondeo á pergunta repugnante, e abaixou os olhos como se reflectisse.

E realmente reflectia.

Anna de Alencastro não lhe concedeo muito tempo para reflexões, e tornou dizendo:

— Mas emfim... que vem a virtuosa e soberba fidalga fazer aqui em conferencias negadas á meo pedido, e concedidas em mysteriosos *rendez-vous* ao seo namorado e provocado amante de tres mezes passados?...

— Veio matar-me a esperança!... disse Germano dolorosamente.

— Como?...

— Veio pedir-me, impôr-me o meu casamento com sua filha!...

— Oh!...

— Já vê que dona Octavia amou-me; mas

não se humilhou ao ponto de sacrificar a virtude ao amor.

Anna mordeu os labios forçada ao tributo do silencio.

Germano accrescentou de proposito :

— Não é uma mulher commum; é uma senhora distincta

— Respeito muito a sogra ao menos diante do genro, disse Anna de Alencastro com ironia franca.

Germano sorriu-se; mas immediatamente deo á seo rosto expressão séria e grave, dizendo :

— Preciso ainda mais do que d'antes contar com a sua solitudine, e com a sua discrição de amiga.

— Não sei, em que mais possa lhe ser util a minha amisade.

— Oh! em tudo e sempre; mas em relação á dona Octavia... depois lh'o direi.

— Ainda em relação á ella?

— Sim.

— Então regeita a mão de dona Julia?... tem justos receios de ficar viuvo em poucos mezes!...

— Dona Anna, o assumpto é grave; devo

confiar-lhe tudo... mas exijo inviolavel segredo.

— Conhece-me: não tenho necessidade de assegurar discrição.

— Bem sei; todavia.. a sua desintelligencia com dona Octavia...

— Detesto-a; sou porem amiga do senhor Germano e muito grata a...

— Tenha pois a bondade de ouvir-me. Prometti casar com dona Julia e brevemente irei apresentar-me ao barão...

— Mas...

— Espero poder contemporisar... e talvez que me seja possivel contribuir para o restabelecimento da saude da innocente menina sem que se realise o casamento.

— Senhor Germano, na verdade que o não entendo... a sua primeira intenção...

— Lembra-me bem: eu era *noivo d duas noivas* e prompto á acceitar indifferentemente uma ou outra...

— Nem tanto: o senhor parecia preferir dona Julia.

— É exacto: o meo casamento com ella era muito mais conveniente sob o ponto de vista da riqueza...

— E agora?...

— Adoro perdidamente dona Octavia e as suas repulsas augmentão e desvarião a minha paixão!...

— Ah!... murmurou Anna que começava á comprehender Germano pelo brilhantismo do seo olhar.

— Dona Julia, sendo minha esposa, é o impossivel que se levanta diante do meo amor!...

Anna de Alencastro quiz surratemente pôr á descoberto todo o pensamento de Germano.

— Assim, pois, prefere hoje casar-se com dona Octavia?

— De que me serve preferil-o, quando se declara causa da molestia de dona Julia o amor contrariado, e toda a familia e principalmente a mãe me solicitão para salvar a filha?...

Germano não tinha respondido como Anna desejava; ella insistio:

— Mas ainda assim não desposará em caso algum a menina?...

— Que posso eu afirmar nas circumstancias em que me acho, sabendo que dona Julia affectada de molestia quasi sempre fatal, co-

meça á melhorar com a volta de suas ternas esperanças?

— Desse modo não atino com o que deseja, nem com o que espera.

— Desejo e espero contemporisar; já disse.

— Mas com que fim?...

— Nem sei! abraço-me com o tempo, com a dilatação, como o condemnado que conjectura e imagina sempre a revogação da sentença. *

Germano evidentemente negava-se a esclarecer os seus intentos, ou porque fossem elles desmeradamente perversos, ou por prudente cautela e porque mais lhe ser convindo parecer antes impellido do que impulsor, contava com o odio de Anna á Octavia para não precisar ser expansivamente escandaloso, e tanto mais que em qualquer hypothese elle tinha por segura a obediencia da velha de alta sociedade e de baixos sentimentos.

— Era isto, accrescentou elle, que, perdida a noute de hontem, eu hia hoje depositar no seio da sua amizade.

— Um triste deposito!

— Mas ainda, além do deposito, levava-me

outro interesse... o de merecer-lhe conselhos...

— Senhor Germano...

— À noute lá irei... quero beijar a mão de dona Paulina, e referir circunstanciadamente á V. Ex. quanto ha occorrido nestes ultimos dias. . V. Ex. pensará... meditará... para dirigir-me ajuisadamente...

Anna olhava indecisa, perplexa, para Germano, sem saber ainda se era um instrumento de vingança que lhe cahia nas mãos, ou o antigo dominador que voltava á fazel-a obediente executora de seo arbitrio.

Mas, instrumento de vingança ou dominador, elle serviria sempre á seo odio, aos seus embaraços economicos, e ás exigencias de ostentoso luxo.

— A amiga o receberá de braços abertos, respondeo ella.

Germano agradeceo, inclinando-se polidamente, e tornou, dizendo :

— E desde agora peço á V. Ex. um favor e complacencia dê amizade...

— Sem hesitar... concedo.

— Sei que se presume, e talvez acertadamente o pensa, que se presume offendida

por dona Octavia... eu sei que ella lhe negou hoje a simples saudação de cortezia, e que o fez de modo soberbo e desdenhoso...

Germano não sondava, irritava, e aggravava a ferida que Anna recebera em sua vaidade.

E Anna, reconcentrada e confundida pela lembrança cruel, nem respondeo ao diplomata que se interrompera, simulando vexame e receio.

— Pois ainda assim, continuou Germano, eu lhe rogo que poupe dona Octavia... que não a hostilise... que a esqueça nas conversações do numerozo e escolhido circulo dos seus amigos...

— Uma pobre coitada!... murmurou a velha fingindo piedade; eu não persigo aos desgraçados, nem me vingo dos loucos... Para castigo d'essa mulher... bastão-lhe a filha... e o senhor Germano....

Na explosão de sua raiva dissimulada Anna, fallando do castigo de Octavia, tinha dito a verdade.

Germano disse ainda com refalsada intenção :

— Pois bem ; aceito a concessão da piedade e do despreso ; mas peço ainda mais...

— O que?...

— Peço-lhe que não diga á quem quer que seja, nem mesmo á sua filha, que encontrou dona Octavia sahindo do hotel em que móro.

— Mas. não ha segredo...

— Póde havel-o... para dona Julia ao menos..

— Ah!... sendo assim...

— A sua discrição me é necessaria ; talvez... é provavel... ao menos possivel, que dona Octavia seja obrigada á voltar aqui...

— Ah!... sim...

— O melindre... as eventualidades urgentes e indeclinaveis de uma situação um pouco artificial e imponente...

— É isso... tem razão...

— Eu não lhe occultarei cousa alguma... hei de mesmo prevenil-a...

— Talvez lhe convenha... eu creio.

— Mas... não ousaria fazel-o, se não tivesse a certeza do mais profundo segredo...

— Certamente... duas honras e uma vida... a sua honra e a d'ella, e a vida da pobre

menina tísica á pender da mais leve indiscrição... seria um crime!...

— Obrigado, dona Anna! disse Germano.
E por momentos calarão-se ambos.

Germano tinha dito tudo quanto lhe convinha dizer: excitara, dispuzera, como pretendia, o animo da velha viuva; esta, porem, queria á todo trance sahir do vago, e obrigar o seu alliciador á confessar seos intimos designios; e pois rompeo o silencio, dizendo:

— Entretanto... nas circumstancias difficeis em que nos vemos, o senhor Germano chamado á casa do barão, e eu d'ella expulsá, o senhor Germano de intelligencia de em-relações com dona Octavia que me maltrata e me insulta, que serviço, franqueza de cavalheiro! diga, que serviço imagina que eu possa ainda prestar-lhe?...

Germano, em vez de responder, desviou os olhos que fitára em Anna de Alencastro, pareceo agitado por algum pensamento, e ora á querer sorrir, mas retrahindo-se duvidoso, ora quasi á fallar, mas emudecido por vexame, acabou emfim por dizer:

— Ainda não sei...

Anna de Alencastro não tornou á insistir e sahio logo depois, levando duas esperanças, a do favor pecuniario e a da odienta vingança.

VI

UM MEZ DE FELICIDADE

Um mez de felicidade faz esquecer as tormentas de dez annos!

Julia era emfim ditosa.

Germano voltára á casa do barão de..., fazendo-se proceder de tão generoso artificio que poupára qualquer vexame ou embaraço á familia pela susceptibilidade de Julia.

Tudo se fez de accordo com o barão.

Germano escreveu á Julia a carta mais terna, sem allusão alguma á sua molestia, e pretextando desespero pela privação do auxilio de Paulina, declarava que hia expor-se á todos os riscos de uma intervenção mercenaria, procurando alliciar algum creado para portador de sua carta. Em transportes de amor pedia a donzella fé em sua constancia, abrandamento de rigor, e formal

desengano ou autorização para apresentar-se ao barão, embora este já o houvesse duramente maltratado.

A baroneza chamando em particular a neta, interrogou-a com doçura, mas preocupadamente sobre alguma possível e innocente afeição... perguntou-lhe finalmente se algum homem a requestava, e se julgava com autorização para escrever-lhe.

Julia protestou energicamente.

A avó mostrou-lhe então uma carta ainda fechada que um creado lhe troucera á tremar, confessando-se arrependido de se haver deixado seduzir para entregal-a á filha de sua ama.

Julia, injustamente accusada ou suspeita, exigio que a avó abrisse e lesse a carta.

— Não, disse a baroneza; pois que és innocente, prefiro queimar sem ler o escrito da insolencia...

A donzella exclamou:

— Deve ser conhecido o nome do insolente, e minha innocencia provada pelo conhecimento do que contiver esse papel!

E tomando a carta da mão da avó, rompeo o envolucro... e... turbou-se confundida.

— Julia!... disse a baroneza.

A amorosamente mystificada donzella balbuciou corando, e restituindo a carta:

— É delle... mas eu juro... que não autorisei...

A baroneza leo, sorrio-se, e tornou dizendo suavemente á neta:

— Perdoa-lhe!... elle fez mal... mas... fez-nos bem...

Julia enleuada, e vergonhosa, e á affigurar-se offendida, quiz ler a carta, e leo-a commovida, perturbada... e feliz...

A comedia completou-se: a carta foi levada ao barão, e este encarregou-se da resposta.

No dia seguinte, Germano recebido filialmente na casa do barão, beijou com direito e fervor de noivo a mão de Julia.

Desse dia em diante correu um mez inteiro de enlevos e de encantamento para a candida donzella.

Pouca faltava á Julia; mas o pouco que lhe faltava, a confiança a fazia esperar sem penalisal-a.

Ella tinha diaria e longamente rendido á seos pés o mais terno e bello dos noivos...

Seos avós abençoavão jubilosos o seu amor, e o seu proximo casamento.

Sua mãe era um anjo de ternura á sorrir á sua felicidade! sua mãe era sublime de amor quando lhe annunciava Germano, e se esquivava, depois de recebê-lo agradavelmente, para deixal-a á sós com elle.

O pouco que lhe faltava, era o complemento de seus votos, a realisação do seu casamento, que os medicos exigião que se adiasse por algumas semanas.

Porque semelhante conselho?... Julia se sentia boa, e radiante de vida.

Ella perguntava as vezes á si propria que molestia suppunhão que a affectasse; tinha consciencia da magreza e da debilidade que apresentára; lembrava-se de que por alguns dias fora perseguida por tósse teimosa e incommoda; era porem patente que estava vicejando robustecida, que a tósse pouco a pouco cessara, e que sua respiração durante muitos dias menos facil, e acompanhada como de um espinho que a feria no lado esquerdo do peito, se tornára livre e perfeitamente franca.

Julia não experimentava mais incommodo

algum. Nunca se considerára gravemente enferma; apenas em horas de imaginação obumbrante chegára á pensar que podia estar ameaçada daquella molestia sinistra, fatal, á que chamão *tisica*...

Uma molestia, de que se morre aos poucos, e fallando... deixando-se entrever os sentimentos da alma, podendo-se faser sentir o motivo porque se morre... uma molestia que não mata de improviso, que dá tempo á tornar patentes, romanescas e para alem tumulo reconhecidas, lembradas e choradas a consumição e as penas da martyr de amor.

Então a donzella exaltada como que desejava e pedia a *tisica*.

Ella tinha visto e applaudido na scena dramatica a *Dama das Camélias* e se comparando, honestissima e pura, com a amante peccadora e arrependida, applaudia-se, porque a sua *tisica* por amor devia ser mil vezes mais commovente e sublime do que a da misera transviada.

Mas essas mesmas ideas ou imaginações de morte poetisada pelo sentimento sacrificador da vida tinham passado com o renascer

das esperanças e com a certeza de seo proximo hymeneo.

Julia sujeitava-se, entregava-se á sorrir aos exames ainda repetidos quasi diariamente pelos medicos; mas absolutamente convencida da perfeita regeneração de sua saude, occupava-se em sonhar com o futuro, em delinear a vida terna e suave que deveria viver com o seo extremoso e querido noivo.

Oh! que horas de doce encantamento passava ella ao cahir da tarde, ao lado de Germano, á passear pelo jardim, ou sentada com elle no pavilhão que reavivava as mais agradaveis e amorosas recordações!...

Que noutes de embevecimento gozadas no salão, e no meio de amiga sociedade para quem o seo proximo casamento com Germano não era mais segredo reservado! ..

E não era possivel negar o facto que se pronunciava claramente, pelo menos aos olhos da familia.

Ou os medicos se havião enganado e não tinha havido verdadeira affecção pulmonar, desenvolvendo-se com celeridade, ou a molestia desapparecera miraculosamente sob a applicação do balsamo da felicidade.

Os doutores assistentes ainda incommodavam o barão, asseverando que o mal existia, que o perigo era grande e facil em demonstrar-se de um dia para outro; mas davão-lhe ao mesmo tempo animadora consolação, declarando que augmentavão-se cada vez mais as probabilidades de exito feliz.

Entretanto pretendião elles que serião ou sempre ou por alguns annos indispensaveis os mais sollicitos desvelos com a saude de Julia, cujas predisposições para tísica já havião tomado acção effectiva sob a influencia maligna de uma paixão contrariada.

Ainda assim e em todo caso melhorára notavelmente a situação de Julia que se expandia ditosa, e radiante com sua belleza, com o seu jubilo, e com a sua faceirice de noiva.

Germano frequente junto da mimosa e candida donzella, lisonjeado pelo doce poder de dar-lhe a vida e a alegria, exposto á magia inefavel de sua terna confiança, das expansões do seo amor, dos philtros angelicos de sua pureza e innocencia, do viço de sua mocidade e da sua lindeza, não podera escapar ao influxo delicioso da interessante menina.

Julia estava longe de ser Octavia, a formosura allucinadora e voluptuosa, era porem a honestidade gentil com todos os encantos da primeira juventude. do primeiro amor, e com todo o prestigio das confusões do primeiro casamento

O sensualista era obrigado pelo proprio instincto animal que o impulsava á imaginar e centuplicar as glorias e os dous que lhe estavão santamente reservados. Não é o poeta que ama com a alma, é o homem materialista e sensual que sempre no seo amor materialisa a mulher, quem mais vezes se extrema na inconstancia e no refervimento de novas paixões.

Artificial em seos agrados nos primeiros dias, e nos primeiros dias ainda activamente occupado de projectos sinistros sobre Octavia, Germano, logo na segunda semana de sua reentrada na casa do barão, admirou-se, reflectindo de subito em um momento de introversão, que muito menos se occupava da formosa mãe de Julia, e que era esta quem ja muito mais estava sorrindo á sua vida, e enlevando seos sentidos.

O amor innocente mas profundo de Julia,

esse puro e indomavel sentimento que a levava á morrer na desesperação, seo jubilo de donzella de deseseis annos festejando a nova aurora promissora de felicidade, sua santa ignorancia, e seos enleios naturaes nas trocas intimas de ternos pensamentos com o noivo, os thesouros de seo espirito descobrindo-se nas expansões da confiança, o perfume de virgindade, a virtude mimosa que recendião as suas palavras e as suas acções, tinham ido insensivelmente e pouco a pouco alliciando e captivando Germano, que se foi rendendo á menina angelica, que lhe auspiciava a gloria mais completa na terra.

Ainda havia incitamento de sensualismo no affecto novo que se a poderava de Germano; estimulada pelas audacias da innocencia, pelos arrebatamentos do amor puro, pelos descuidos no embevecimento, pela bondade delicada e mimosa de Julia, a imaginação sacrilega do sensualista flammejava, e fazia romper de suas flammas o amor, pelo menos o amor de que elle era susceptivel.

É factó, e factó perfeitamente explicavel, que, entre as noivas, a donzella, ainda muito joven e innocente, é sem intenção mil vezes

mais provocadora de fervidas imaginações e da anhelante gloria do noivo, do que as senhoras que passam á segundas nupcias, e ainda aquellas que, por menos jovens e mais prudentes, sabem e podem defender-se melhor com a discrição e a circumspecção em activo zelo.

Julia estava no primeiro caso: noiva reconhecida e declarada de Germano, autorizada á vel-o, á ouvir-o muitas vezes a sós, confiando plenamente no amor e na virtude do seu noivo, era por innocencia, por ternura, e por enfeitiçamento, um pouco mais condescendente do que devia ser.

Quando se achava só com ella Germano aprazia-se de apertar, de beijar suas mãos pequeninas, brancas, e do mais fino setim; conversava de modo á arrebatá-la, á fazê-la esquecer-se de si, e, á fallar-lhe com insidiosa eloquencia, profanava, com olhos concupiscentes, encantos, thesouros que a commoção ainda mais atraçoava; passeando com ella, ás vezes provocava-a á apanhar a borbuleta que esvoaçava no jardim, e então via-lhe, media-lhe com o olhar os pés de princeza, meia perna á descoberto na carreira, e nas fortes

ondulações do vestido os contornos do corpo de fada. Fazendo-a conversar, abria-lhe o coração, expandia-lhe o espirito, e abrasava-se no fogo da sensibilidade mais esquisita.

E Germano, abusando assim intencionalmente da candura de Julia, tornava-a incendiadora sem intenção, ignorante excitadora de sensualismo em flammæ, de cujas flammæ porém rompia o amor de que o seo noivo era susceptivel.

O sensualista ia-se pois deixando escravisar pela sua fraqueza, ou paixão dominante.

Em uma simples, mas ponderosa observação, Germano reconheceo que amava Julia. Um dia, e depois desse em outro, e ainda no seguinte, elle, vendo Octavia, reparou que o desgosto e as tormentas da vida tinham deixado tristes vestigios em sua, até pouco antes, inexcedivel formosura. Havia em seo rosto rugas na fronte, sulcos nas faces, quebrantamento nos olhos, magreza no corpo, e sobre a cabeça, no penteado já então sem fa-ceirice, precoces fios de cabellos brancos á denunciar, não a neve da idade, mas o gelo da amargura que é o inverno do coração.

O algoz de Octavia acabava de notar que

a sua victima começava a decair em velhice, embora prematura.

Era Julia que fazia Germano vêr o que já poderia ter notado.

Germano não combatia, como que gostava de sentir o doce e inesperado affecto que se apoderava d'elle; não esquecia que a noiva lhe convinha pela riqueza, e quasi que applaudia e estimava que por amor de Julia podesse libertar-se da paixão de Octavia.

A mudança que se operára, insensível mas progressivamente, nas desposições do animo de Germano, de um lado favoneava Julia, e do outro poupava Anna de Alencastro á intervenção que necessariamente seria desairosa e repugnante.

Com effeito Germano cada vez mais terno e solícito se mostrava, fazendo a côrte a sua interessante noiva, e menos frequente do que d'antes na casa de Anna de Alencastro, não encubria á esta as suaves e benignas impressões que Julia estava produzindo em seu coração, o amor que já sentia por ella, e por tanto o afortunado arrefecimento da paixão que lhe inspirara um plano atroz em que a

velha viuva devia e promettera ser complice para sacrificar Octavia.

Anna de Alencastro supitára astuta, mas pungentemente contrariada, o pezar que lhe causava o amor de Germano á Julia, e a salvação de Octavia pelo desamor em que cahira.

Se Octavia amasse ainda a Germano, o desamor deste seria uma vingança...

Mas a mãe, pedia, reclamava o casamento da filha...

Anna de Alencastro rugio no coração, sorrindo nos labios á Germano...

A velha soube felicitá-lo, animá-lo, instigá-lo á amar a Julia, á occupar-se exclusivamente d'ella...

Anna esqueceu o nome de Octavia, não fallou mais a Germano senão de Julia...

Paulina fez coro com sua mãe...

Era nas duas um interesse de amigos que obrigava a gratidão do amigo...

Germano lembrou-se da promessa do dote que fizera á Paulina...

Elle estava em effusões em jubilo, em transporte de felicidade. e renovou a promessa do dote...

Que a comprisse ou não, pouco lhe importava...

Na casa do barão elle tinha a vida em ternissimas harmonias de amor...

Em casa de Anna de Alencastro elle gosava os echos daquellas harmonias...

E assim passou um mez de felicidade...

VII

UM RAMALHETE DE ROSAS

Um mez de felicidade passa á voar: é porém muito tempo nas realidades da vida humana. É somente o infortunio que dura annos, e não voa, porque é pesado e se arrasta.

Alguns dias alem desse mez de azas leves e brilhantes Julia, que despertára risonha diante do mais bello ramalhete de rosas, appareceu á seus avós e á sua mãe muito menos alegre do que ultimamente se mostrava sempre; queixou-se de haver dormido mal a noute e de sentir-se levemente indisposta.

— Pois nem te fez sorrir o lindo presente que recebeste?... Julia! tu que gostas tanto das rosas?

Erão com effeito as rosas as flores da predilecção da donzella.

— Sorri-me e gostei, respondeo Julia; mas veja... uma das rosas espinhou-me...

E espalmando a mão, mostrou em um dos dedos o quasi invisivel signal do toque de um espinho.

A historia do ramallete era a mais simples e innocente: um creado entregara horas antes nessa manhã, da parte da viscondessa de..., um ramallete de rosas de variedades estimadas, com o competente bilhete de visita, destinados á Julia, conforme o recado trasido.

Ainda era muito cedo para que a menina, que de costume só se levantava ás dez horas do dia, recebesse o presenta, que foi pela baroneza entregue a creada de sua neta para apresentar-lh'o, sorprendendo-a agradavelmente ao seo acordar.

O ramallete de rosas foi pois esquecido, e tanto mais que não podia explicar a indisposição e o dissabor de Julia.

O caso não era tambem para inquietar a familia. A todos muitas vezes é imposto por causas quo escapão a observação um ou mais dias de desagradavel *estar*; nas senhoras é isso ainda mais explicavel, e natural.

Julia pareceo ir pouco á pouco serenando;

durante o resto da manhã teve minutos passageiros em que se deixou ver pensativa e melancolica; mas á mesa do jantar gracejou, rio-se, e affigurou-se livre de desprazer ou de cuidado incommodo.

O barão disse ao ouvido da baroneza :

— É a hora do *especifico* que vem chegando.

O *especifico* era Germano, que vinha sempre á tarde, quando não jantava em casa do barão.

Germano não faltou, e vio Julia que o esperava no pavilhão.

Os avós e a mãe da noiva autorisavão a liberdade do seo amor, velando sempre de perto, e mantendo as conveniencias e o decóro.

Germano e Julia puderão ainda uma vez trocar finezas sem receio nem confusão de culpados.

Mas nessa tarde a noiva estava menos expansiva e como que magoada.

O noivo o reconheceo, e perguntou docemente :

— Que tem hoje?...

— Amo-o, como hontem, respondeo Julia.

— E ainda assim...

— Que me acha ?...

— Apprehensiva... está ?...

— Eu só estaria apprehensiva se houvesse concebido alguma duvida da pureza do seo amor.

— E chegou á duvidar ?...

— Para mim a duvida seria a morte; não crê ?...

— Oh! creio !... disse Germano commovido.

E accrescentou logo :

— Mas tambem duvidar do meo amor fôra injustiça que bradaria ao ceo !...

— Jura-o ?...

— Pela minha vida, e invocando o favor ou provocando o castigo de Deos !...

— Ainda bem ! eu creio... preciso crêr...

— Todavia... houve uma nuvem ?...

— Houve... confesso o. Olhe !...

E Julia estendendo o braço, e mostrando com o dedo indicador, disse com suave melancolia e ternura commovente :

— Vê ali no horizonte branco e rosa como a doce confiança do meo coração, aquella

nuvem escura que vae fugindo ao sopro da viração da tarde ?...

— Vejo...

— É a minha nuvem... ainda bem que ella vae-se e que se dissipará...

— Dona Julia !...

— Não jurou á pouco?... a nuvem foge...

— Mas a duvida portanto existio !

— Se existio, esqueçamol-a.

— Oh, não !... é preciso que eu a conheça para destruil-a de todo.

— Não... não...

— Devo saber...

— Baste-lhe saber que o amo, e que a minha vida depende da pureza do seo amor.

— Mas se uma calumnia...

— A experiencia me escuda ; saberei resistir ás duvidas... desprearei a intriga... mas...

— Acabe !...

— Se eu chegar á esmagar-me, esbarrando com a certeza da minha desillusão... a certeza me hade matar.

E ao cahirem-lhe dos olhos duas grossas lagrimas, disse ainda com sentimento profundo :

— Ha-de matar-me, sim ; mas será isso um

bem para todos; para mim que deixarei de padecer, e para... os outros... que livres de mim... poderão amar-se tranquillamente...

— Dona Julia! exclamou Germano; a inveja ou odio teceo sem duvida aleivosa intriga para separar-nos!...

— Já o pensei tambem... e espero que seja assim.

E sorrindo tornou a apontar para o horizonte e accrescentou:

— Olhe!... a nuvem escura dissipou-se!...

E como se realmente de todo houvesse bandido de seo espirito a duvida que o alterára, Julia passou á tarde e á noute em doce contentamento.

Dias depois e já estava esquecido o accesso de melancolia que por algumas horas perturbára as alegrias da noiva, chegou em visita de amizade a viscondessa á casa do barão de...

Naturalmente houve occasião de ser lembrado e agradecido o ramalhete de rosas; a viscondessa porem declarou admirada e confusa que as flôres e o seo bilhete de visita não tinham sido mandados por ella.

A surpresa foi geral; Germano que estava presente, precisou da energia da sua vontade para dissimular a turbação que sentira.

VIII

OS ESPINHOS DAS ROSAS

Octavia voltava ás afflicções e aos temores, que tanto a havião já torturado.

Tambem ella tinha tido um mez, não de felicidade, mas de consolação.

Julia escapava á morte, amava-a, alegrava-se ditosa, e esse era o maior, senão o unico bem que em seo coração de mãe Octavia ainda podia gozar na terra.

Germano parecia rendido á belleza e ao amor da sua noiva, e, ou fosse sincero nos sentimentos que manifestava, ou movido pela ambição, deixava esperar em todo caso que felicitaria a amada ou innocente e credula menina.

Octavia desconfiava sempre do character perfido de Germano; ao menos porem elle não tornára, nem com palavras, nem com

expressivo olhar, á mortifical-a, insinuando affecto apaixonado.

Era tudo quanto a infeliz senhora podia ter pedido e pedira ao ceo.

Mas, em sua instinctiva videncia maternal, Octavia estremeceira na manhã em que sua filha apparecera melancolica e queixando-se de haver passado mal a noute; parecera-lhe ter surprehendido nos olhos da filha uma flamma de renascente suspeita, e mais tarde o mysterio do ramallete de rosas ainda mais a desasocega.

Ella não se illudio como o barão, a baroneza e Germano, que julgavão Julia serena e jubilosa; a mãe notava, adivinhava que a filha muitas vezes era perseguida por pensamento que repulsava, e que todavia toldava instantaneamente a sua ledice.

Prevenida e apprehensiva Octavia tinha observado a primeira expressão de contrariedade e de desgosto que Germano logo disfarçara, quando a viscondessa asseverára não ter della partido o ramallete de rosas, e, injusta e precipitada, formou juizos que muito mais a flagellarão.

Acreditou que, desleal e perverso, Germano

de accordo com Anna de Alencastro renovava seos tramas para obrigar-a ás mais vis condescendencias pelo medo da desestima e talvez da morte de Julia.

O ramalhete de rosas, conforme suas conjecturas, tinha sido enviado por Anna de Alencastro, e encerrava o segredo de relações secretas: Germano o sabia, e Julia enganada e outra vez suspeitosa o occultava.

Que lhe cumpria fazer?...

Octavia não se animou á inquirir a filha e á explicar-se francamente com ella. Havia na renovação da supposta intriga um ponto negro que não podia ser esclarecido; era o designio, o fim, o empenho do trama infernal. Tornara-se imprescindível que Germano se conservasse puro aos olhos de Julia. A mãe não devia accusar o futuro genro, e era impossivel sem compromettel-o, sem envolvel-o ao menos no maligno enredo sondar o fundo da traição de Anna de Alencastro.

Alem disso a pobre mãe tinha já mentido tanto á filha, que receiava perder-se na obrigação de novas mentiras.

Octavia preferio apressar o casamento de

Julia tanto, quanto o permitissem os medicos e estudar attentamente o proceder, as fallas e attitudo de Germano para com sua noiva nas horas de seo permittido e intimo conversar.

Logo no dia seguinte á surpresa da mysteriosa procedencia do ramalhete de rosas, a mãe astuta por medo e por amor, teve casual ensejo para escutar os dous noivos.

Era de tarde, mas estava á cahir a chuva ; a atmosphera carregada impedira Julia de ir sentar-se e esperar... no pavilhão.

Germano chegou, o barão tinha sahido, a baroneza de proposito demorava o seo toilette, Octavia, como por calculo fazia, deixou á sós a filha com o noivo.

Mas dessa vez deo volta pela casa, e introduzindo-se na sala particular do barão, poz-se á escuta com o ouvido á porta mal cerrada.

O que ella ouviu, confundio-a, confundindo e desmentindo suas desconfianças de Germano.

Julia reparára no magoado parecer do noivo e o interrogou sobre o motivo do seo dis-sabor.

— Tenho um espinho no coração, disse Germano.

— Um espinho?...

— O das suas rosas.

— Como?...

— O amor autorisa a pergunta: quem foi que lhe mandou, tomando o nome, e abusando do bilhete da viscondessa, aquelle ramalhete de rosas?...

— Ah!... é isso?..

— E é pouco?...

— Não; tem razão! é muito. Eu perderia o socego e o juizo, se soubesse que lhe mandavam rosas, como me mandarão essas...

— Então?...

— Não sei; recebi-as em nome da viscondessa, e confesso-lhe que nem sei, nem me importa saber, de quem realmente me vierão...

— Não é verosimil.

— Mas é verdade.

Germano magoado, mas sem acrimonia, insistio ainda, interrogando ciumento a noiva que se defendia lisonjeada pelos zelos do seu amado.

A scena de ciumes foi em breve, e como

era de prever, acabando em ternos e renovados juramentos de amor.

Octavia afastou-se pensativa do posto indiscreto que desculpavelmente tomara.

Parecia-lhe impossivel que Germano estivesse zombando de Julia: havia na sua voz tanto sentimento, um tal accento de verdade, na expansão de seus ciumes tam natural estremecimento que era força acreditar na sinceridade e na innocencia que elle mostrava.

Ainda assim Octavia não soceçou, e no dia seguinte pediu ao barão que ouvisse aos medicos sobre a conveniencia de se marcar proximo praso para o casamento de Julia.

A resposta dos autorizados juizes não foi favoravel aos desejos da temerosa mãe. A joven doente hia melhorando tanto, e tam pouco exigente se indicava no delicado assumpto, que não era prudente perturbar a parada ou a declinação da molestia.

Octavia resignou-se.

IX

A NOVA INTRIGA

Julia na verdade ignorava quem lhe mandára o ramalhete de rosas; suspeitava porem de Paulina, como Octavia suspeitára de Anna de Alencastro.

Cortando o laço do ramalhete ella tinha encontrado entre as rosas um bilhete de letra desconhecida, que assim dizia:

« Previna-se e observe, porque a enganão; sua mãe obrigada á obedecer ao barão promoveo o seo casamento; mas ainda ama Germano e é amada por elle. Se quizer ter a certeza desse escandalo, guarde segredo e espere. Junto a grade da chacara, em frente ao pavilhão, ha um maciço de roseiras pequenas, madre-silvas e açucenas muito cerrado; procure sempre no seio ou embaixo delle bilhetes que lá serão deixados á noute. Hade ser informada de factos abominaveis, e saberá o

dia e a hora em que poderá *ver a medonha verdade*. Nunca descobrirá quem lhe escreve: é uma victima da seducção e do desprezo de seo noivo, e a victima se vingá, seguindo, perseguindo e hostilizando o infame seductor. »

Julia desconfiou da carta anonyma; attribuiu-a á Paulina e á Anna de Alencastro; explicou-a pela raiva que a despedida da casa de seus avós teria provocado; mas á pezar de tudo isso, turbou-se, affligio-se... e guardou segredo.

Julia não acreditou na denuncia malvada que continha o bilhete; neste porem se assegurava que em outro se havia de marcar o dia e a hora em que ella pudesse *ver a medonha verdade*; esta promessa era satanicamente seductora.

O segredo foi guardado...

A filha amava sua mãe, confiava nella; mas não era preferivel esperar pela promettida e asseverada *verdade medonha*, que nunca se mostraria, do que communicar o perverso bilhete e ficar com uma sombra de duvida, com uma ruga de incertesa no co-

ração? .. a filha guardou o segredo que ultrajava sua mãe.

Que aproveite ainda esta nova lição ás filhas inexperientes, credulas, faceis de illudir-se, e que olvidão o seo primeiro dever, o da religiosa veneração, o do amor sem reservas, o da confiança plena e illimitada no juizo providente e providente de seos paes, na ternura inexcedivel e santa de suas mães.

E Julia fez mais do que guardar segredo; foi dissimulada todas as manhãs procurar no maciço intrincado, como a aleivosia intrigante, os bilhetes promettidos.

Nos primeiros tres dias nada encontrou; no quarto achou em breve escrito accusações vagas, calumnias sem fundamento, e annuncio de mais longa e interessante carta, que seria no mesmo lugar lançada em praso duvidoso mas proximo.

Seis dias se passarão e Julia recolheo a carta preannunciada: era com effeito longa e cheia de revelações attribuladoras.

Nella se delatavão as visitas feitas por Octavia á Germano no hotel em que elle habitava, o concerto entre ambos para o in-

declinavel casamento com a menina doente, e, espalhadas no meio dessas verdades, allusões e inducções de calumnias que despedaçavão a reputação e o pudor de Octavia; e mais ainda a carta desnudava a generosa mentira da apresentação expontanea de Germano á pedir a mão da donzella susceptivel e singularmente melindrosa.

Julia leo, releo, estudou a perversa delação; lembrou os dias em que sua mãe sahira só, e o tempo que se demorára fóra de casa; combinou circumstancias, o empenho de seos avós e de sua mãe em casar-a com Germano, o opportuno e coincidente esforço desesperado deste, a carta interceptada pela baroneza, a doce tolerancia dos avós, a facilidade da intelligencia entre todos, e confrontando tudo isso, vacillou, tremeo, e encolerisou-se indignada, reconhecendo-se ou presumindo-se pueril objecto de mystificação ajustada.

Ainda agradecida á seus avós, ainda violentando-se para honrar os sentimentos de sua mãe, Julia se imaginava exposta, requerida, sujeita ao favor e á piedosa commiserção de Germano!... Era uma pobre doente para quem se pedia, e a quem se concedia

fingido, simulado amor, como remedio e por conselho e receita dos medicos!...

Querião por compaixão dar-lhe vida que era mil vezes mais cruel que a morte!.

Julia sentio desfazerem-se outra vez, e d'essa vez para sempre, seos bellos e lisonjeiros sonhos do futuro. Adeos amor de Germano! adeos esperanças! adeos felicidade!...

Idéas desconnexas, desconfianças de aleivossias, reconhecimento de enredo inspirado pelo odio, credito prestado ás denuncias e logo depois nobre repulsa d'ellas, tudo passava em turbilhão pelo espirito exacerbado da donzella.

Quem era que lhe escrevia tão sinistros, tão barbaros avizos?... Quem se animava a assassinal-a a sangue frio só pelo prazer satanico de fazer mal?...

Seria realmente Paulina ou Anna de Alencastro?... como, porém, se expunhão ellas a deixar-lhe escritos que tão facilmente podião ser apanhados e entregues ao barão?... como havião ousado mandar-lhe a primeira carta dentro de um ramalhete, que se menos

cedo chegára, pudéra ter sido desatado diante da familia?...

Paulina tão dedicada á Germano, movia então contra elle enfesada guerra?...

Ou em verdade havia uma pobre amante seduzida e despresada, que em furias de vingança tivesse jurado atropellar, e atropellasse secretamente o seductor?...

Qualquer que fosse a disfarçada inimiga, Julia duvidava ainda, repellia como proterva calumnia a accusação do proceder escandaloso e degradante de sua mãe, confiava cada vez mais na ternura de seus avós; mas estorcia-se na torturadora convicção de que era apenas a noiva da piedade, a amada por esmola de compaixão, a misera doente a quem se dava o remedio da caridade de um homem sacrificado por abnegação.

Julia preferia morrer.

Germano era talvez virtuoso, admiravel em sua dedicação e em seus fingimentos de ternura; essa virtude, porém, amesquinhava a donzella exaltada e romanesca que chegára a imaginar-se Julieta, imaginando um Romeo no amado do seu primeiro e unico amor.

Mas se Germano não a amava, era certamente porque outra mulher o acendia em paixão, e as cartas anonymas accusavão sua mãe, como Paulina a havia accusado.

Seria isso tambem verdade ?...

Julia, que durante muitas semanas acreditára que Octavia amava Germano, e se empenhava em lh'o roubar, embora não fosse por elle amada, negava-se então que lhe asseguravão as relações intimas e ternas do seo noivo com sua mãe, á admittir a possibilidade de tamanho crime.

Sua mãe não era capaz de promover o seo casamento, sendo amante de seo noivo; sua mãe, que, conforme lhe escrevião, se submetera á casál-a com o homem á quem amava, para não vel-a morrer tísica, teria medo de matal-a, entretendo essas relações impudicas, cujo veo era tam facil de romper-se que o denunciante já havia podido rasgar, como afirmava.

A accusação era iuverosimil.

Julia tinha podido suppor e crêr que Octavia fosse sua rival, e que, por fraqueza e paixão esmagasse o amor filial; mas repellia com indignação a idea calumniosa que fazia

de sua mãe um tremedal de escandalo, e um monstro abominavel.

Oh! e se tudo fosse por tanto intriga e aleives de animo perverso, e de inimiga sem consciencia nem reservas de falsidades?...

Todavia a denuncia ficava sempre com todas as suas hervadas setas no espirito de Julia, que intentou, o que não podia, querendo esconder as impressões violentas, e a amotinação que a carta atrocissima deixára á atormental-a, e esperar aparentemente inadvertida e serena até a sinistra hora da certeza que ella devia *ver*...

A natural nobreza de character que a educação apurára, certa altivez por assim dizer herdada e que a vaidade feminil inflamma-va, e a organização nervosa e altamente sensível não permittião á Julia saber fingir.

Octavia não se deixou enganar nem por fugitivos momentos.

O barão e a baroneza convencerão-se em breve de que uma causa physica ou moral, provavelmente um segredo penoso e confrangente atribulava a neta.

Em Germano o effeito da inconfessa, mas

notavel mudança da attitude e dos modos de Julia foi ainda mais grave e compromettido.

As ironias que ás vezes escapavão á donzella, o scismar acerbo em que por minutos ella cahia, e as contradicções vivas e rapidas na manifestação de seos sentimentos sobressaltarão o amor de Germano, que, lembrando o mysterioso ramalhete de rosas, ao envez de mostrar-se terno e extremoso em doces effectos, reacendeo-se em ciumes, e queixoso indicou suspeitas da constancia e lealdade da noiva.

Julia vio então nos ardores ciumentos de seo noivo apenas offensivos pretextos para um rompimento talvez já projectado.

Germano que conseguira fazer acreditar no seo amor, quando não amava, vio-se descredo e reputado falso quando amava!...

As relações decorosas mas ternas dos noivos evidentemente se perturbavão...

Julia tornava a ir decahindo visivel e progressivamente, e apenas se animava com a flamma da paixão e da colera que em vez de alimentar, gasta e extingue a vida.

Tinhão voltado aos avós os apprehensivos terrores...

A desgraçada mãe, de novo em consternação, lembrou, aconselhou, exigio o casamento immediato de Julia e de Germano.

Os medicos, pedindo em vão explicações, que ninguem podia dar afóra a donzella, que as não dava, cruzarão os braços e responderão á consulta, dizendo de accordo:

— Tudo hia bem; mas agora ou a affecção pulmonar fatalmente caminha e se desenvolve pela propria acção deletéria, ou uma causa moral e desconhecida a auxilia e impelle.

— E em tal caso... e em taes duvidas?... perguntou o barão afflictissimo.

Os medicos depois de longo conferir, e tendo ouvido tudo quanto em confissão de familia lhes foi communicado, convierão em que se celebrasse com urgencia o casamento de Julia, seguindo immediatamente os noivos para Nova-Friburgo ou Theresopolis.

Evidentemente os juizes da vida e da morte contavão já pouco com os encantos aliás perigosos do casamento e nada mais esperavão sem elle.

O barão fallou no mesmo dia á Germano que, sinceramente afflictio pelos riscos que

corria a sua já muito amada noiva, declarou-se prompto e sollicitamente empenhado em desposal-a.

Faltava só o assentimento de Julia. Octavia não se animou a ir pedil-o...

Mãe, avós, e noivo cercarão a donzella, os avós em abraços e lagrimas, a mãe em lagrimas e beijos, o noivo de joelhos e á jurar amor, pedirão-lhe o que ella tanto almejára...

— Que açodamento!... respondeo Julia inabalavel; não quero casar-me antes de um, dous, ou tres mezes...

— Porque?... porque?...

— Dizem que estou tísica, e que provavelmente em breve morrerei...

— Oh! não! não!...

— E se é assim...

Julia interrompeo-se, olhou com indizível expressão de ternura para Germano, e disse com o coração á tremer-lhe nos labios descolorados:

— Senhor Germano! eu o amei... e o amo... se é porem assim... se estou tísica e vou morrer... prefiro levar á Deos minha

coroa de noiva... do que deixal-a ao senhor aqui na terra.

— Julia!... murmurou Octavia soluçando.

— E se eu morrer... continuou a donzella fallando sem olhar, sem parecer dirigir-se á mãe; se eu morrer, perdoarei á todos que precisarem do meo perdão...

— Oh, dona Julia!... exclamou Germano que tambem chorava.

— E se eu não morrer, senhor Germano, disse ella concluindo; se eu não morrer, d'aqui á um, á dous, á tres mezes serei sua esposa, se o senhor... puder ser meo esposo.

A FAMILIA

A resistencia opposta por Julia á celebração de seo casamento deixara em afflictivo embaraço os extremosos avós, a mãe, e o noivo. Os dous primeiros desejavão e receiavão pedir explicações; Octavia não se atrevia á declarar o que pensava; Germano parecia ferido e prostrado pela convicção de uma triste verdade.

Julia tinha-se retirado commovida, indicando-se porem inabalável em seo proposito.

Octavia abatida ficara de olhos baixos sentada em sua cadeira que se tornou cepo de torturas; affigurava-se-lhe que o barão, a baroneza e Germano a estavão olhando e dizendo-lhe no olhar severo: « a causa és tu!

Ah!... e que unais poderia ter feito essa mãe martyr alem do que já fizera?...

O barão rompeo o silencio, e disse grave e compungidamente:

— A natureza do caso em que nos achamos autorisa exigencias de franqueza, que em outras circumstancias chegarião a ser impertinentes; mas...

E a voz do velho tremeo desentoadamente:

— Mas por ali sahio... uma pobre... tística... á quem... todos nós queremos conservar a vida...

— Senhor barão!... murmurou Germano.

— Ella se salvava pelo amor e pela felicidade... e recahio de subito: porque?...

Octavia e Germano, á quem evidentemente era feita a pergunta, não responderão.

O barão insistio:

— Eu digo, quero dizer, que devem ter havido ou desintelligencias... ou contrariedades... ou suspeitas... que sei eu?... mas é imprescindivel que se esclareça, o que ha... pois talvez seja ainda tempo de remediar... de desvanecer de...

O velho hesitava ainda; fixando porem os olhos ora em Octavia, ora em Germano, tornava claro o pensamento que decorosamente continha. Elle continuou, dizendo:

— Julia é sem duvida injusta, é; todos nós á ella nos dedicamos; qual é porem a injustiça?... convem arrostral-a para destruil-a.

— Eu não ousava informar... o que supponho haver descoberto, disse Germano.

— E que foi?... devemos sabel-o.

— Creio que dona Julia... preferiria outro noivo...

— Oh!... ama... outro?... isso não!

Germano vexado mas fervoroso expoz os seus ciumes causados pelo misterioso presente do ramalhete de rosas, e aggravados pela frieza, e ás vezes pela acrimonia e pelo desdem com que a noiva desde então o tratara.

Quando Germano acabou de fallar, Octavia disse:

— Não; minha filha não tem coração para dous amores: amou uma vez, e morrerá por esse amor. Imagino porem que o senhor Germano tem razão em uma de suas suspeitas...

— E qual?...

— Naquelle ramalhete de rosas veio preza a ponta do fio de um enredo feroz; porque com effeito foi desde o dia do fatal presente

que Julia começou á soffrer e á desorientar-se de novo.

— É verdade, disse a baroneza; foi desde esse dia.

— E já interrogou sua filha?... perguntou o barão.

Octavia desfez-se em lagrimas e respondeu:

— E como, se imaginei tambem que as rosas tinham trazido calumnias contra mim?...

— Por isso mesmo! ah!... devia ter fallado á sua filha!...

A pobre mãe sentio-se reprehendida; mas humilde e paciente levantou-se e murmurou:

— Eu vou, senhor barão!

— Oh, minha filha!... disse este; nós vivemos agora á mortificar-nos!... perdoe-me e vá! mas... acaso Julia a tem evitado? ou....

— Não! não!... ella se esforça por acariciar-me... não sabe porem fingir, coitada!...

— Vá, minha filha!... a occasião é opportuna... o que se passou á pouco explicará a sua natural diligencia; vá fallar-lhe.

Octavia sahio.

O barão desculpando-se para com Germano,

chamou de parte a baroneza, e fallou-lhe em voz baixa.

Logo depois a baroneza que voltara ao seo lugar, ergueo se e ausentou-se da sala.

O barão procurou demorar Germano, ou preocupado do que lhe ouvira, o inquirio circunstanciadamente sobre os mais leves fundamentos de sua ciumenta conjectura.

O noivo enunciou-se respeitoso, mas sem reservas, como quem estava convencido do que informava, e dolorosamente offendido no seo amor, que pelos ciumes ainda mais se exaltava.

O nobre velho escutava pensativo e triste; parecia recolher, sondar cada palavra, e cada pensamento, fitando Germano, quando á este escapava uma lava apaixonada no referver da suspeita, ou queixas ardentes obrigadas pelo coração que se suppunha trahido.

No fim da longa e minuciosa narração de mil fugazes episodios da ternura endoudecida pelos ciumes do noivo e pela desconfiança e pela colera abafada, mas transpirante da noiva, o barão tomou as mãos de Germano, apertou-as com força e disse-lhe :

— Obrigado !... creio que o senhor ama Julia !... ama-a, sim !... e portanto...

— Mas se ella... ama outro...

— Não !... eu sei e juro que não !... é sómente ao senhor que ella amou e ama, e portanto... não era... oh !... não podia ser !... o que ha... é o que dona Octavia imaginou... penetrou, e vio maternalmente instinctiva...

Germano tinha cravado os olhos no barão, surprehendendo em suas palavras, e reticencias uma suspeita que se desvanecera ; mas que ao mesmo tempo havia já offensiva parado sobre elle e provavel ou certamente sobre Octavia.

O noivo simulou-se desapercebido, e guardou silencio.

O barão empenhou-se em demonstrar a improcedencia dos ciumes de Germano, e estendeu-se fazendo o elogio da pureza da neta.

A baroneza o interrompeo, entrando na sala.

— E então ?... perguntou ancioso o velho ; não ha segredos nem mesmo os da indiscrição para o senhor Germano que acaba de conquistar novos direitos á nossa estima ; e então ?...

A baroneza respondeo com os olhos rasos de lagrimas :

— Octavia é um anjo de amor, de paciencia, de encantamento e de abnegação maternal!...

— E a nossa Julia?...

— A molestia... sem duvida a molestia fel-a cruelmente caprichosa, e fichou-lhe o coração!...

— É a molestia! disse o barão lugubremente.

— É o novo amor!... balbuciou Germano com um sorrir nervoso.

— E Octavia diz e jura que é a calumnia e a intriga, observou a baroneza.

— Mas, em todo caso será a morte de minha filha!... exclamou Octavia, que se mostrou á porta da sala em pé, desfigurada, e á soluçar, chorando sem acudir ás lagrimas, com os cabellos soltos e em desordem, com o desespero estampado nas convulsões dos musculos da face, e á eclipsar todas as afflicções com a indisivel e inexcedivel expressão de dôr consternada, infinita de seo coração de mãe.

XI

UMA CARTA DE GERMANO

Julia tinha fechado o coração á sua mãe, como a baroneza o dissera.

Octavia esgotára debalde toda a eloquencia, todos os melindres, todas as doçuras do amor maternal para levar a filha á confessar-lhe seus segredos, suas queixas, seus temores e apprehensões; fizera em vão allusões á calumnias possiveis; assegurara-lhe a constancia e pureza de Germano, fallara por fim á chorar e á pedir em seo nome, e em nome do pae e dos avós, em nome de Deos, e como condescendencia, esmola, dever de obediencia do amor filial, o seo casamento com o amante e amado de sua escolha, e todavia Julia quasi insensivel, quasi indifferente, em alguns momentos indicando-se ironica, respondera sempre :

— D'aqui á um... á dous... á tres mezes... talvez; agora não... preciso antes saber, o que me espera... se a vida... ou se a morte...

E ella fallava em morte, lembrava a sua morte á sorrir, e ao mesmo tempo que sua mãe chorava...

Era muito esse tão doloroso lutar!

Octavia encerrou-se em seo quarto, donde não sahio até á noute, e, ou fosse consequencia do seo grande penar nesse dia, ou annuncio de grave doença á pronunciar-se, vio-se acommettida de vertigens, e horas depois de nauseas e vomitos que a prostrarão.

A baroneza que logo em seguida ao jantar fôra procurar consolal-a, achou-a quasi desfallecida no leito, e teve em breve de prestar-lhe seos cuidados em ligeira syncope que a assaltou.

Octavia, tornada á si, exigio que não se incomodasse a familia pelo seo estado afim de não se assustar a filha, e a baroneza nisso conveio, attribuinto a syncope á excitação moral e á debilidade physica, chegando á conseguir que a confrangida e angustiada mãe tomasse leve alimento.

Com effeito, no fim de meia hora Octavia parecia livre de todos aquelles apparentes symptomas de seria molestia, e apenas accusava explicavel abatimento, que o somno ou o descanso faria desaparecer.

A noute ella julgou dever mostrar-se na sala: alem do maior escrupulo em todo o seo proceder, o coração a levava sempre para a sua Julia, á quem perdoava tudo quanto por ella soffria, e por quem morreria sem hesitação, se a sua morte pudesse felicitá-la.

Lia-se immenso padecer da alma na face da pobre mãe; ao menos porem havião serenado os incommodos physicos, de alguns dos quaes a baroneza fôra testemunha.

Octavia ainda ao anoutecer tinha sentido nauseas e vertigens, que aliás passarão sem maior soffrimento.

No horror de sua situação a misera senhora não se preocupava da alteração de sua saude; desde muito que não cuidava de sua pessoa. Nesse dia, ao acometiimento das vertigens e da syncope, acudira-lhe a idéa de una molestia do coração, e sorriera-se á essa idéa, porque era esperanza de morte sem o crime do suicidio.

Mas esse mesmo pensamento não durou senão ephemeramente em seo espirito; pois que ella não cogitava mais de si.

Octavia estava gasta, resequida, moralmente morta. Seo resto de vida physica, e seo espirito ainda contido á força no carcere do pó pertencião exclusivos um e outro ao amor de Julia.

Á noute arrastou-se triste, mas em apparencia tranquilla para a sala; não houve concurso estranho, e Germano appareceo compungido e melancolico para retirar-se muito mais cedo do que de costume o fazia.

Elle trocára apenas breves palavras em intimidade com Julia. Queixara-se, accusara-a, e exprobrara-a...

A donzella e noiva lhe respondera:

— Um... dous... ou tres mezes de paciencia, e de provação... no fim a vida ou a morte dirá qual dos dous amou mais e melhor ao outro.

— A morte? e de que me serviria o reconhecimento do meo e do seo amor na morte?...

Como convicta martyr ardente de fé, que nada

mais espera no mundo, que ha-de deixar, Julia tornou, dizendo á sorrir docemente:

— Amor, como o que eu sinto, vae na alma para a eternidade; se o seo assim, irá tambem... e em tal caso a morte será apenas a transicção mysteriosa do bem precario para o bem eterno; lá, em cima, os dous amores se abraçarão virginal e espiritalmente em consorcio angelico.

E vendo que Germano se obumbrava ao ouvir-a, perguntou-lhe docemente: .

— Não cré?...

E como o noivo não lhe respondesse, disse-lhe:

— Veja bem; se não cré em Deos, no ceo, na eternidade da alma e do amor, não poderei crer que sou amada!...

Germano amava Julia; era porem materialista, e zombava da fé na eternidade; ouvira, e calara-sê.

Mas ao que ouvira nessa noute á Julia, seos ciumes, suas conjecturas, suas desconfianças se embaralharão em confusão e em desmentido pela ascetica manifestação do amor de sua noiva.

Germano sahira duvidoso, contrariado e magoadamente pensativo.

Julia sorrira-se ainda ironicamente ao vel-o retirar-se antes da hora costumada.

Os dous noivos amavão-se, mas já não se entendião, porque cada qual tinha no coração uma suspeita que ultrajava o outro.

No dia seguinte Germano escreveo á Octavia uma carta em que lhe demonstrava a urgente necessidade de conferenciarem ambos em particular sobre a opposição ainda inexplicavel de Julia ao casamento ajustado; em plena liberdade poderião talvez, trocando e esmerilhando conjecturas, acertar com a intriga, que Octavia presentia. O cavalheiro concluia, deixando á nobre senhora a escolha do lugar ou casa onde se devessem encontrar, e autorisando-a e implicitamente convidando-a á communicar sua carta ao barão.

Octavia executou logo o ultimo conselho, e pedio ao avô de sua filha que se encarregasse de responder o que melhor e mais acertado lhe parecesse.

O barão reconheceo no absolutismo dessa confiança, como Octavia reputava delicada

a sua situação relativamente á Julia e á Germano, e guardou comsigo a carta, parecendo querer reflectir.

Octavia não procurou mais durante todo o dia fallar ao barão; este, porem, na manhã immediata, á mesa do almoço e estando Julia presente, disse, dirigindo-se áquella:

— Dona Octavia, o carro estará prompto ao meio dia, e eu a acompanharei, pois que Julia não quer sahir e a baroneza não pode deixal-a só.

Octavia respondeo com um simples signal de agradecimento, pois que nem sabia de que pretexto se servira o barão para explicar a sua sahida com elle, e para levar Julia á recusar-se á acompanhal-os.

Ao meio dia em ponto o barão e Octavia entrarão no carro que os levou ao *hotel de...*

Quando o carro parou á porta do hotel, a pobre mãe, que durante o trajecto se conservara muda, murmurou:

— Ainda aqui!...

— Sim; mas trazida pelo avô de sua filha, disse o barão

XII

A LUVA DE ANNA DE ALENCASTRO

O barão ajudou Octavia a apeiar-se do carro e entrou com ella no hotel.

Germano, que os esperava, foi recebê-los, e encontrou-os ao atravessar sala commum, onde alguns hospedes se achavão.

— Já vê que fomos exactos! disse o barão sorrindo-se; sua futura sogra estava impaciente...

E andando e fingindo-se alegre, continuou dizendo:

— Tem que ouvir-a, e que sofrer-a! as sogras fazem o tormento dos genros!...

Fallando em voz baixa o barão fazia-se calculadamente ouvir pelos estranhos.

Octavia entrara no hotel sem commoção nem repugnancia, e tranquillisara-se perfeitamente, contando com a presença do barão;

mas poucos minutos depois de achar-se na sala particular de Germano, contrariou-se, vendo que o *avô de sua filha* se levantava da cadeira que acceitara, e tomava o chapéo.

— Quero que tenham *liberdade plena*, disse o barão repetindo as palavras da carta: o noivo e a mãe de Julia tem esse direito de familia que é hoje mais do que direito, sendo dever de amor. Dona Octavia, está sob a minha egide e responsabilidade; contra a calunnia estou eu. Ás duas horas da tarde virei buscal-a.

E apertando a mão de Germano, sahio.

O noivo de Julia acompanhou o barão até alem da porta, e, voltando, deixou esta aberta em par, como já uma vez fizera.

Germano e Octavia achavão-se a sós, e em face um do outro.

Mas em pouco mais de um mez que mudança e que revolução se havia operado em ambos!...

Octavia magra, desbotada, e abatida pelas torturas, se ainda conservava graças e bellezas como o sol que ainda luz no crepulo da tarde, não era como d'antes allucinadora e apezar seo voluptuosa.

Era a imagem da dor, e nada mais.

E Germano, o sensualista, apenas a olhava commovido, um pouco vexado e reverente, e todo se entregava aos cuidados da sua noiva. Tinha diante de si Octavia, mas só lembrava Julia, a resistencia desta ao casamento, e seos proprios ciumes, que centuplicavão o merecimento da mulher amada, que elle temia perder.

Foi Germano o primeiro á fallar, e querendo que suas palavras firmassem a confiança mutua, e dessem a Octavia a mais segura garantia de innocencia de seos novos sentimentos, disse perguntando:

— Oh, minha mãe!... que pensa de Julia e de nós?...

No titulo Germano sellára o esquecimento do passado; na pergunta depois do titulo maternal obrigava todas as expansões.

Octavia assim tranquillizada e convidada á amplas franquezas, abriu a alma, e respondeo, resumindo mil juizos:

— Penso que temos uma inimiga atroz...

— E quem?...

— Anna de Alencastro.

Germano que era pallido, tornou-se livido.

Um raio de luz esclareceu a mente do homem astuto, que turbava-se, reconhecendo-se atraído.

— Anna de Alencastro!... murmurou elle.

— Ainda a frequenta?...

— Ainda.

— Ainda a tem por confidente de seus segredos?...

— Ainda, ou por ultimo é ella que m'os arranca do coração...

— É por tanto Anna de Alencastro.

— Talvez... e eu sou inepto... idiota!...

— Como?...

— Ella tem sabido... oh!... confesso-lh'o... eu lhe tenho communicado tudo...

— Tudo?... oh!...

— Não... não, minha senhora; tudo... mas só do que se passa agora...

— Tudo!... que homem, que sabio sem juizo!... ah!... e esta nossa conferencia de hoje?...

Germano respondeo com vexame, dor, e arrependimento:

— Tambem!...

Octavia levantou-se na mais viva agitação e anciedade, exclamando:

— Devo sair... já!...

— E o senhor barão?... disse Germano.

A infeliz senhora não pode responder; tomada de uma vertigem sentou-se para não cair.

Germano correo á trazer-lhe um vidro de essencia odorifera.

Octavia já respirava livre. Agradeceo, mas recusou o vidro, e balbuciou:

— Fora... melhor... morrer.

— Porque?... oh! agora... sim, agora poderemos viver!...

— Tarde! tarde!... murmurou Octavia.

E, cruel por sua vez, disse colerica, fitando Germano:

— O senhor deo a Anna de Alencastro o veneno que vae matar minha filha!...

— Eu a reduzirei á impotente inimiga!... eu a obrigarei á ir de rastos confessar-se aleivosa, e calumniadora!...

-- Tarde!... tarde!...

Mas nesse momento parou um carro á porta do hotel, e Octavia exclamou, estremeendo.

— É ella!...

— Não!... não, disse Germano.

E correu á janella; immediatamente porem voltou-se confuso, disendo:

— É com effeito ella.

Octavia quiz levantar-se.

— Perdão, observou o noivo de Julia; V. Ex. está á espera do senhor barão e eu no meo posto de respeito que não deixarei desmentir.

D'ahi á poucos momentos appareceu á porta da sala Anna de Alencastro que, fingindo surpresa, exclamou:

— Ah!... desculpe-me!...

Germano foi offerecer a mão á velha traçoira, e conduzindo-a á uma cadeira, disse-lhe:

— V Ex. chega sempre opportunamente.

Anna de Alencastro saudou com inclinação leve de cabeça a Octavia, que lhe correspondeo com igual frieza.

Logo depois ella disse:

— Não me demorarei... eu não podia adivinhar. senhor Germano! voltarei mais tarde.

Germano respondeo placidamente, mas com ironico sorrir nos labios:

— Já é inutil a dissimulação: eu acabava

de confessar que V. Ex. fôra quem me aconselhára o pedido desta conferencia.

Anna tornou, dizendo maliciosa:

— A sabedoria dos meos conselhos é sancionada pela sua prompta adopção; mas ainda assim eu sou demais aqui...

E poz-se á rir com injuriosa intenção.

— Ao contrario V. Ex. veio á proposito para ajudar-nos em um...

A velha terrivel interrompeo Germano, perguntando com insinuação indigna:

— Para ajudal-os ?...

E deo ao seo riso proporções de insolente gargalhada.

Germano sentindo o insulto dirigido á Octavia, levantou-se e disse:

— Minha senhora, não esqueço as attentões que devo ao seo sexo e a sua idade, e foi por isso que apenas hia dizer que V. Ex. nos ajudaria a descobrir o nome da intrigante que perturba a paz da mais nobre e distincta familia, e cava a sepultura de uma innocente donzella, quando o meo verdadeiro pensamento era obrigar-a á confissão desse crime diante de...

Germano não acabou, porque, ao voltar os

olhos para Octavia, vic-a desmaiada e cahida sobre o encosto do sophá.

Em quanto elle procurava solícito e agitado acudir a infeliz senhora, Anna de Alencastro ergueo-se, considerou-a de perto e disse :

— Está devéras desmaiada... mas isso passa depressa...

E batendo de leve com a luva no hombro de Germano, accrescentou :

— Agora, ou nunca.

E sahindo logo, a miseravel cerrou a porta da sala.

Germano conteve uma palavra de injuria virulenta que lhe viera aos labios; mas correo a abrir a porta, e tocando a campainha, fez entrar o creado, cuja presença obrigou mandando-o trazer-lhe ora um, ora outro objecto.

O desmaio de Octavia foi de curta duração, e ella recobrando os sentidos volveo os olhos com expressão de horror para o lugar onde Anna estivera sentada.

Á um signal de Germano o creado retirou-se.

Era tempo.

Octavia balbuciou :

— Que infamia !...

E encarou irada Germano.

— Minha senhora, disse este á tremer : ainda uma vez concorri para malfazer-lhe, mas agora innocentemente. Socegue, eu o rogo a V. Ex., pura em sua consciencia e diante de Deos no empenho que hoje tomou, está pura em face dos homens pelo testemunho do senhor barão.

— E ella?... perguntou Octavia convulsa, e essa mulher serpente ?...

— A providencia nol-a mostrou ; nossas duvidas desapparecerão ; a providencia vae salvar-nos á todos.

— Que salve minha filha !... eu não pertenço mais ao mundo ; verá !...

— Oh !... não duvide de Deos ! disse o materialista sem zombar nesse momento.

Octavia levantou os olhos que brilharão com ardente luz, e respondeo :

— Não duvido de Deos ; mas creio tambem no seo castigo !... delinqui ! esqueci-me de mim mesma, de minha filha, da familia e da sociedade, e a condemnação me acompanha par e passo desde a hora da culpa !...

E fitando de novo Germano, perguntou-lhe angustiada :

— Não vê nisto também a providencia?...

E accrescentou logo lugubrememente :

— Oh !... e uma voz mysteriosa... alguma cousa que me conturba e ameaça... me está dizendo que a minha expiação vae alem !...

— Dona Julia não morrerá !... exclamou Germano.

— Ainda bem !... disse o barão, entrando nesse momento.

E olhando primeiro para Octavia e depois para Germano, observou :

— Desconfio que pouco nos adiantamos...

— Não, senhor barão ; conseguimos averiguar um facto, a intriga mais hedionda, e descobrimos a intrigante...

— Uma mulher?...

— Anna de Alencastro.

O barão estremeceo ; mas logo depois disse :

— Sim !... devia ser ella... e só ella !...

E voltando-se para Octavia, convidou-a á retirar-se, mostrando-lhe o relógio, e sahio adiante fortemente indignado.

Germano deo o braço á Octavia e seguirão ambos o barão.

XIII

PASSEIO NOCTURNO DE ANNA DE ALENCASTRO E DE SUA FILHA

O procedimento perfido e malvado de Anna de Alencastro tinha irritado extraordinariamente Germano, que não cuidára estar servindo de instrumento de vingança á velha feroz.

O primeiro culpado era sem duvida elle, que ainda poucas semanas antes alliciara essa mulher para ajudal-o em seos intentos lascivos contra Octavia, e até com ella combinara o plano de fazer a nobre senhora succumbir por surpresa.

Quando pelo amor de Julia esqueceo Octavia, Germano não soube descartar-se da complice, que o illudio e prendeo, lisonjeando a sua nova afeição.

O diplomata exasperava-se, reconhecendo-se

mistificado por uma velha cuja supposta dedicação caríssima lhe custára!...

Alem da hostilidade a mais deshumana e incrível ao seo amor, pois que compromettia a vida de Julia, a vaidade do diplomata enganado, revoltava-se violentamente.

Germano estudou com enraivado exame todas as suas relações com Anna e Paulina, e os motivos de odio, que as podião excitar contra Octavia, o barão e Julia.

Havia inveja da belleza, da idade, e da riqueza.

Havia recente dor de uma desfeita aliás provocada e justa.

Haveria ainda o gosto satânico de fazer mal para impedir o bem, e a felicidade de outrem?...

Mas, alem de tudo isso, Germano tornava á recordar, havia uma lembrança pungente e maligna de passado ainda muito proximo.

Paulina tinha-se empenhado em ser por elle namorada, e procurara indicar que o era.

Anna de Alencastro parecera agradavelmente impressionada da supposta ternura nascente, e quizera protegel-a, attrahindo o namorado para sua casa.

Depois ellas tinham dissimulado o amargor do desengano.

Mas evidentemente a magoa ficára.

Mais tarde a condescendencia de ambas em servir ao *noivo á duas noivas* não provava esquecimento da offensa, explicava-se pelo interesse, pela necessidade de obter dinheiro, pelo incentivo de presentes de joias e de vestidos ricos á mãe e á filha, e provavelmente pelo gosto de levar a intriga e a amargura ao seio da familia, de que ellas tinham inveja e ciume.

Germano sorrira-se raivoso e sinistro, estudando, esclarecendo o abismo da malvadeza de suas duas cúmplices.

Elle pensava tambem em vingar-se das inimigas de Octavia e das assassinas de Julia.

Afigurava-se-lhe isso tão facil!...

Mas o que lhe parecia facil fôra repugnante á honestidade...

É claro que essa consideração não embaraçaria Germano.

Era porem uma idéa, que a situação de Julia, e o seo amor não deixavão dominar o espirito do noivo afflictivamente preocupado.

No entanto o corruptor assanhava-se contra as corrompidas.

Era ainda a providencia á castigar.

Germano concentrou-se, meditou, e, apesar de seos habitos de consummada dissimulação, não se julgou capaz de ser habil comico nesse dia.

Anna de Alencastro esperou-o debalde; mas da falta de Germano concluiu, que o sacrificio de Octavia desmaiada, e que a obrigada reserva do abusivo triumphador explicavão a falha da costumada visita do homem feliz.

A velha odienta e má sorria-se medonha; ás dez horas da noute foi sentar-se á escrever uma carta, que leo, releo depois de escrita, e dobrou e lacrou.

Á meia noute sahio de casa com a filha acompanhadas de um creado.

Era um passeio á pé...

Mas nesse passeio Anna de Alencastro e Paulina passarão pela frente da chacara do barão de... e demorarão-se alguns momentos apoiadas ás grades fronteiras ao pavilhão e como á olhar para o jardim.

XIV

O «SIM» DO MEDICO E O «NÃO» DO PADRE

Desde alguns dias Julia desejava viver.

O barão e Germano tinham de concerto, na tarde que seguira á conferencia no hotel, procurado convencer a joven doente e noiva que ella estava sendo victima de invejoso enredo por elles emfim descoberto, denunciando-lhe a enredadora em Anna de Alencastro.

O noivo foi além, e confessou á Julia que Paulina se empenhára por algum tempo em merecer-lhe amor, e que elle errara imprudentemente, confiando em sua amizade mezes depois do desengano que ella sem duvida não esquecerá.

Julia quiz defender Paulina, talvez para provocar outras revelações, e protestou que durante o tempo em que se incumbira dos recados de Germano, ella se mostrára sempre

dedicada e fiel ao amigo; este, porém, que era consummado em sagacidade e não tinha mais que poupar suas cúmplices, inventou e attribuiu á Paulina tantas informações falsas que o havião naquelle doloroso periodo atribulado e affligido, que a donzella acabou por admittir a culpabilidade da invejosa.

As explicações, os juramentos, as accusações da traição reconhecida abalarão o animo de Julia; o que porém lhe trouxe a convicção da calumnia foi um novo bilhete mysterioso achado no dia seguinte entre as roseiras e madre-silvas.

Anna de Alencastro deo á Julia provas de aleivosa, querendo comprometter de todo e verosimilmente Octavia. Não tendo achado carro da casa do barão á porta do hotel, suspeitou que a misera mãe tinha acudido ao convite de Germano, indo em disfarce, e nada mais foi preciso para que no bilhete que escrevera, dilatasse que Octavia sahira de casa, disfarçara se, onde já sabia e podia fazel-o, e fôra em carro da praça ao hotel de..., e ahi passara longa hora em doces expansões com o noivo de sua filha.

Julia espantou-se da calumnia. Sua mãe

tinha sahido em companhia de seo avô e voltara com elle!...

Desde então a filha de Octavia desejou viver, acreditou nas declarações do barão e de Germano, e abraçando sua mãe, repetio-lhe mil vezes:

— Desconfiei de Germano, mas nem um só instante tornei á suspeitar de minha mãe!

Octavia fingia-se convencida da sinceridade da filha.

O casamento de Julia foi marcado. No fim de quinze dias ella seria esposa de Germano. As vestes de noivado forão mandadas fazer com insistente recommendação do mais apurado gosto e riqueza; o joalheiro da casa do barão recebeu ordem para ir apresentar o que tivesse de mais deslumbrante em joias.

A noiva esperançosa, alegre e condescendente só resistio á uma exigencia : seos avós e seo noivo reclamarão della a exhibição das cartas que recebera. Julia não escondeo que a primeira carta lhe viera no ramalhete de rosas, e que as outras erão deixadas no maciço de roseiras e madre-silvas; teimou porém em afirmar que havia queimado todas.

A verdade era que ella as tinha esquecido

escondidas, e que apressou-se á queimal-as logo depois que forão reclamadas. A filha não tolerára a idéa de deixar ler as calumnias escritas contra sua mãe.

Tornavão pois á acender-se luzes de esperança na casa do barão.

O jubilo de Julia começava de novo á modificar de leve o juizo sinistro dos medicos que, além dos devidos e extremosos cuidados que em todo caso prestarião, acompanhavão com interesse curioso e scientifico as phases da molestia surpreendentemente sujeitas á influencia da causa do mal.

O barão, a baroneza e Germano parecião ter medo de exultar antes de tempo; mas exultavão... e apenas uma desconsolação perturbava as alegrias de todos.

Octavia estava claramente soffrendo muito, e não queria que lh'o dissessem, e se mortificava quando lh'o dizião...

A desgraçada senhora emagrecida, cavadas as faces, alquebrado o corpo, tinha os olhos fundos, as palpebras rocheadas e inflammasdas pelo pranto derramado ás escondidas, e o genio tão alterado, que muitas vezes fugia á filha, que adorava, e todavia assegurava

sempre que não sentia quebra em sua saúde, e irritava-se, ouvindo notar a seo emagrecimento, os seus olhos encovados, e a dor estampada em sua face.

Julgarão que havia na altiva e nobre Octavia magoa profunda das injurias sofridas, padecimento intimo e desolador por isso, e vaidade irritavel de senhora formosa vendo-se abatida pelo annuncio do desmaio de seus encantos, e do eclipse de sua belleza.

Cuidavão pouco em Octavia os egoistas de amor que muito mais e quasi que exclusivamente se preocupavão de Julia.

E ainda bem para Octavia!...

A misera tocava o extremo da expiação do unico erro de sua vida!...

Porque tão horrivel castigo!...

A misera que desde alguns mezes não pensava em si, não reparava em si, não tinha vida nem consciencia de si, despertára um dia horrorisada e obrigada á sentir e á ver em si!...

Octavia alvoroçou-se emfim, reflectindo na perseguição diaria de nauseas e vomitos inexplicaveis, de vertigens que por duas vezes

tinhão facilitado, ou ido até determinar syn-
copes ligeiras, lembrou, espantada do esqueci-
mento, outros phenomenos negativos, ou a
falta de phenomenos naturaes, e convulsou
horriavelmente assustada da suspeita mais cons-
ternadora...

Desse momento em diante ella presentio a
vida em opprobrio, a vida sem direito de
morte, e a vida á matar de desespero a mãe
que se reconhecia diante de Deos obrigada
talvez á matar a filha noiva!...

Octavia tremia apavorada, condemnada,
exasperada, suppondo reconhecer a extrema
expição do seo erro no testemunho revela-
dor, que iria romper de seo ventre...

Era horrivel a supposição!...

Menos que a sua reputação, menos que a
sua honra, a vida de Julia, o casamento de
Julia não tinham um algoz innocente no ven-
tre de Octavia, se a suspeita de Octavia se
demonstrasse verdade?...

Octavia poderia permittir que o pae de seo
filho á nascer fosse esposo de sua filha?...

A desventurada mãe confrangia-se, marty-
risava-se confrangida, esmagada por tres idéas,
a idéa da morte de Julia, a idéa da vida

de seo novo filho, e no meio de ambas e em sua consciencia a idéa suprema de Deos!...

Octavia passou oito dias nesse inferno do coração... oito dias á pedir ao céo, que lhe dissesse-não!... oito dias em que mil conjecturas lhe dizião — talvez ! ou — sim !

E o casamento de Julia se aproximava...

A desgraçada senhora urgida pela consciencia, impulsada pela duvida esperançosa ainda de um desengano, que seria para ella o perdão de Deos e sua inexcedivel felicidade, sahio na tarde do nono dia, pretextando necessidade de passeio...

Deixarão-na sahir sem reparo nem observação...

Octavia, angustiada, anciosa, e em inexprimivel agitação, foi procurar um medico desconhecido, e o padre seo confessor, e prostrou-se diante de um e de outro.

O medico que apalpou-lhe o ventre, disse-lhe: — *sim*.

O padre que leo em sua alma aberta e franca, disse-lhe: — *não*.

E Octavia voltou em consternação e desespero, condemnada pelo medico, e condemnada pelo padre.

Quando ella de volta entrou em casa, Julia feliz e alegre conversava sorrindo com Germano.

E o *sim* do medico e o *não* do padre ião, devião matar aquella felicidade, aquella alegria, aquelle sorriso que promettião a vida de Julia!...

Era a extrema expiação.

Pobre mãe!...

XV

EM DESESPERO

Octavia não poudo illudir de todo a familia; trazia a revelação do martyrio na face decomposta, que ainda mais se decompunha pelas violencias da dissimulação impossivel; resistio porem á todas as perguntas e instancias do barão e da baroneza que, vivamente cuidadosos, pedião-lhe que não occultasse padecimentos que se indiciavão afflictivos.

A infeliz senhora limitou-se á dizer-lhes que o passeio lhe fizera mal, causando-lhe dôr forte de cabeça; mas que já se achava melhor.

Mais teimosa que seos avôs Julia quiz á força de abraços e caricias obrigar mais completas e francas explicações á sua mãe, e sentio e notou que ella ora a apertava á

seo seio com extremosa ternura, ora parecia querer afastal-a de si, e então como que só á força e da má vontade recebia seos afagos.

No entanto insistia sempre Octavia-na resposta que havia dado, reclamando alem disso o direito de ficar em socego.

A chegada de tres amigos do barão interrompeo a amorosa perseguição com que Octavia era attribuida innocentemente pela filha que se arredou desconsolada, apprehensiva, e disposta á observar com solícitude, mas sem impertinencia, sua querida mãe.

Não havia na sala outras senhoras alem da baroneza, Octavia, e Julia. Germano occupou-se desta; o barão sentou-se á mesa do *voltarete* com os seos tres velhos amigos.

A baroneza, perdida a esperanza de vencer as inexplicaveis reservas de Octavia, martyr que não gemia e que negava o martyrio, deixou-a em liberdade.

Dentro em pouco os jogadores esquecerão de todo os circumstantes.

Octavia em almejado abandono volvia-se inquieta, ou cahia em meditação obumbrada,

ou levantava-se para ir debruçar-se á janella.

Julia não a perdia de vista e perguntava á si mesma porque sua mãe tão doente ou tão dolorosamente preocupada, não se retirava para descansar, e se conservava na sala, onde nenhum dever a retinha.

A filha amante e piedosa pensava que Octavia estava assim á atormentar-se para que ella não desconfiasse do grave estado de sua saude, talvez arruinada, afim de que não fosse por isso adiado o seo casamento.

Julgando assim, Julia pedio ternamente o auxilio de seo noivo que, talvez melhor que ella, pudesse descobrir com habil manejo o mal que sua mãe estava escondendo.

Germano não tinha motivos para esquivar-se á deligencia tão santa.

Julia levou Germano á janella, á que pela quarta ou quinta vez Octavia se chegára.

Conversarão os tres por algum tempo sobre assumptos indifferentes; logo depois Julia afastou-se, e pareceo ir ver jogar, olhando para a mesa por cima dos hombros de seo avô.

Octavia tendo os olhos pregados na filha,

disse em voz abafada, tremula, e pungente á Germano, que não tivera tempo de dirigir-lhe a palavra :

— Ás onze horas retiro-me da sala... esperal-o-ei no pavilhão... é horrivel... o que...

— Silencio!... murmurou Germano; ella escuta...

E immediatamente começou á interrogar Octavia, como Julia lhe tinha pedido que o fizesse.

No fim de uns dez minutos, Germano tornou para junto da noiva, que só então deixou de attender ao voltarete.

Os dous noivos forão sentar-se juntos um ao outro.

— Que pode dizer-me?... que soube? perguntou Julia com interesse e abalo.

— Nossa mãe se obstina em guardar o segredo do que soffre, e que talvez não seja tão assustador, como hoje naturalmente chegamos á presumir...

— Oh!... e poderei eu ter socego?... exclamou Julia torcendo suas pequenas e lindas mãos.

— Mas porque se alvoroça tanto antes da certeza do infortunio?... disse o noivo.

— Pois ha duvida?... minha mãe está ali... olhe-a!...

O aspecto de Octavia denunciava certamente dor e confrangimento abafados; Julia porem não tinha mostrado até pouco antes tão agitada preocupação.

Germano esforçou-se por tranquilisal-a, e pouco a pouco foi desvanecendo-se de o conseguir, fallando-lhe do seo amor, e do seo futuro de flores.

Entretanto o noivo, que assim consolava e entreteinha a sua bella Julia, tremia dentro de si, presentindo-se ameaçado pelo golpe da adversidade, cuja natureza ainda ignorava.

E a noiva que se embalava, escutando as doces palavras do seo amado, como que á miudo despertava para observar o rosto de sua mãe, ou embebendo seos olhos nos de Germano ler nestes algum segredo que lhe occultavão.

Julia suspeitava com razão.

Quando deixara Germano ao lado de sua mãe, ella fôra olhar para a meza do volta-rete; mas seos ouvidos tinham ficado prezos á janella, onde os dous devião conversar.

Julia não conseguira perceber o que Oc-

tavia dissera em voz baixa á Germano; sentira-lhe porem o tremor da voz, e ouvira a palavra *silencio* que o seo noivo murmurara, interrompendo a provavel confidencia que lhe era feita.

Era esse o motivo que ainda mais mortificava e abalava a donzella.

Mas ás onze horas da noute Octavia levantou-se, e depedindo-se de Germano, e tendo beijado a face da filha, retirou-se da sala.

D'ahi á poucos momentos a baroneza entrou.

— Minha mãe?... perguntou Julia.

— Recolheo-se, está muito melhor; socéga, respondeo-lhe a baroneza.

Meia hora depois Germano beijou a mão de sua noiva e disse-lhe:

— Houve hoje uma sombra á toldar o ceo da nossa felicidade; mas amanhã, eu o espero, a luz do nosso amor brilhará como hontem e para sempre com todo o seo esplendor, e com a dita e a alegria de todos aquelles que amamos!...

Julia sorrio-se docemente e respondeo:

— Que assim seja; mas amanhã bem cedo!

— Venha almoçar connosco, disse a baroneza á Germano; nós o esperaremos.

— E eu não quero que me faça esperar! observou Julia galantemente.

Germano levou aos labios a mão da baroneza, tornou á beijar a de Julia, e saudando em despedida os jogadores de voltarete, sahio.

Julia foi á janella trocar com seo noivo o adeos de saudade por algumas horas de ausencia.

Passados alguns minutos a joven donzella tambem por sua vez pedio venia para retirar-se.

A baroneza ficou fazendo companhia aos jogadores e sentou-se ao lado de seo marido.

XVI

A EXTREMA ESPIAÇÃO

Octavia arrojava-se ao passo mais arriscado e imprudente, emprazando Germano para ir encontral-a á meia noute ou pouco antes no pavilhão do jardim.

Tres forças impulsoras a tinham determinado á essa audaciosa acção.

A exasperação em que a puzera a certeza do seo estado, ou o *sim* do medico.

O dever absoluto de romper o casamento de Julia e de Germano, como lh'o impuzera implacavelmente a sua consciencia, ou o *não* do padre.

A pressa instante e irremissivel; porque a infeliz senhora hia partir na manhã seguinte para a fazenda de seo pae sem prevenir ao barão, nem á baroneza, nem á sua filha, que só mais tarde receberião cartas

annunciadoras de sua viagem aconselhada por serios deveres.

Mal pensadas ou não; taes resoluções tomadas de improviso e nas angustias de sua horriavel situação, erão difinitivas.

Mas Octavia comprehendera que havia um homem, á quem lhe cumpria dizer tudo, confessar tudo antes de partir: esse homem era Germano, causa do seo mal, o noivo de sua filha.

Causa de seo mal, elle devia conhecê-lo em toda a amargura de suas consequencias, porque, abolido de sua responsabilidade para com ella, corria-lhe em todo caso grave responsabilidade perante Deos e em face da propria consciencia.

Noivo de sua filha, Germano tinha o direito de não ignorar, de ser informado da *extrema expiação* do erro da mãe de sua noiva, para que não se revoltasse algum dia contra a sua desgraçada victima, reconhecendo-se esposo de quem não podia sel-o, quando lhe chegasse ao coração ou ao menos aos ouvidos o grito de uma innocente mas condemnada creatura.

Havia talvez ahí o ultimo e expirante sophisma do amor da mãe de Julia.

Zelo de nome, melindre de honra, cuidado de futuro, já de muito estavam acabados para Octavia. Algum *outro futuro* dependente e obrigador de sua vida teria por si a misericordia de Deos, talvez a compaixão e o amor de seo pae, o velho Affonso de Velasco.

Mas Julia, que ella hia matar, a sua Julia, porquem sacrificaria, e estivera prompta á sacrificar esperança de felicidade, vida, brio, honra, tudo; porem que...

A misera mãe chegára a imaginar perdoavel o olvido do mais santo dever e na luta entre o coração e a consciencia cahira aos pés de um juiz.

E o padre respondera: — não!...

Octavia á lembrar consternada a filha tísica, mas esperançosa de restabelicimento e de vida pelo dita do seo amor, e pelo seo casamento com Germano, propuzera-se em angustias indiseveis á fugir, e ir esconder sua vergonha no seio amante e zeloso de seo pae, deixando na ignorancia do seo es-

tado Julia, que só podia escapar á morte, casando-se com o seo amado.

Mas o padre lhe respondera: — não!

A mãe desorientada, obediente ao ministro de Deos, mas ainda por amor maternal peccadora no pensamento, agarrou-se á um sophisma da consciencia; resolveo retirar-se inopinada, deixando ao barão e á Germano o pleno conhecimento da verdade, segredo para ambos, segredo do confissionario, segredo que ella e seo pae saberião esconder ao mundo.

Ella fugia, porque não lhe era licito convir no casamento de Julia, e menos ainda abençoal-o; mas *deixava sob a egide do segredo* a responsabilidade da *natureza-lesa* ao barão e á Germano.

A pobre mãe queria á todo trance escapar ao supplicio de matar a sua Julia, e quasi que se propunha á pedir ao barão e á Germano que se prestassem á ser escandalosos para salvá-la!...

Era contradicção, sophisma, recurso inconsequente, — religião e peccado — dever e aberração do dever — delirio e demencia; mas em summa era consternado amor de mãe.

Octavia passaria o resto da noute escrevendo ao barão de... a carta mais amplamente franca, na qual tudo, absolutamente tudo, lhe revelaria, tudo e até a resposta e a sentença do padre; inclusas na sua carta destinaria á baroneza e á Julia outras, em que bem ou mal pretextaria motivos ponderosos para explicar sua ausencia, que ella protestaria não ser dilatada.

Á Julia não faltarião sua benção e as effusões do seo amor...

Quanto á Germano, Octavia errára ainda pela ultima vez, julgando indispensavel fallar-lhe...

Pensára tambem em escrever-lhe; mas por um lado tivera medo de confiar a carta ao egoismo amoroso do avô de sua filha, e de ver-se no futuro exposta ás justas exprobrações do pae de seo filho ainda não nascido, e por outro ella não tinha, não sabia á quem confiar tão delicada missiva...

Esse desejo de não escrever, mas de fallar á Germano, era talvez, quem sabe? outro sophisma de consciencia, era talvez um meio de poder assegurar seo perdão de mãe do filho

não nascido ao peccado da escandalosa salvação de Julia...

Quem sabe o que era?... era o desarrasoamento de uma estremecida mãe em delirio e desespero...

Era o ventre á fallar...

Era Julia á morrer...

Era Octavia desatinada.

O que era, digão-o as mães de filhas ameaçadas de morte.

Era a cruz do amor maternal.

Octavia regeitou a idéa de procurar Germano em seo hotel; ella tinha horror á esse hotel, e alem disso para procural-o ali, precisaria adiar, ou demorar sua partida, que devia ser immediata e precipitada.

O encontro no pavilhão foi pois determinado subita, irreflectida, imprudentemente por quem em phrenesi queria pôr termo á seos insuportaveis trances.

Pouco depois das onze horas da noute Octavia deixou o seo quarto, e sahindo furtivamente para o jardim por uma porta lateral, foi sentar-se no banco do pavilhão e esperou.

Era o pavilhão, em cujo seio Julia tinha

pela primeira vez confessado o seu amor á Germano.

— Este pavilhão é o céu!... dissera então Germano.

E de mais longe repetira :

— Pavilhão foi o céu!...

E Julia respondera :

— Oh! não foi! ou pois que o foi, é e seja sempre o céu!...

Quem póde impor á fortuna?!!!

Se Germano chegasse, e Julia occulta escutasse de parte o que elle e Octavia hião dizer-se naquelle mesmo pavilhão!... faz medo pensal-o.

E Germano chegou.

Depois de sahir pelo portão, entrara de novo por elle para ir encontrar Octavia.

A noute era escura; mas Germano ainda assim temera-se de Julia, a quem deixara á janella.

Octavia apenas vio Germano, levantou-se e disse-lhe rapida e com voz resentida da mais forte commoção:

— É a ultima vez que nos vemos e fallamos... e cinco minutos me bastão para dizer-lhe o que é inevitavel...

- Como ?...
- Vou partir e para sempre...
- Dona Octavia !
- Vim dizer-lhe o motivo...
- O motivo...
- É o crime de nós dous...
- Ah !...
- Duas expiações na morte de minha filha !...
- Julia !...
- O seo casamento com ella... é... tornou-se impossivel...
- Não! eu amo sua filha !...
- Embora... embora !... Deos manda que se rompa este casamento .. vim dizer-lh'o de hoje e partirei amanhã... deixo-os para sempre... depois... o senhor que o decida...
- Mas... dona Octavia !...
- Vim dizer-lh'o...

E Octavia tremendo de dôr e de afflicção porque nem mais tremia de confusão e pejo, balbuciou, mal contendo a voz que lhe sahio como em soluços :

- Vou... ser... mãe !...

Um gemido alto, profundo, e despedaçador respondeo de perto á revelação de Octavia.

— Minha filha!.. bradou a desgraçada mãe que reconhecera o gemido agonizante de Julia.

Aos gritos de Octavia acudirão o barão, seos amigos e criados trazendo luzes.

Logo depois chegou a baroneza.

Germano tinha desapparecido á tempo afim de não aggravar com indecorosas suspeitas aquella grande desgraça.

A scena era lugubre.

Octavia estava desgrenhada, e de joelhos abraçando Juli; desmaiada e com os vestidos ensanguentados.

Da boca da donzella o sangue sahia ainda em golfadas.

A consternação era geral.

O barão banhando-se em pranto arrancou Julia dos braços de sua mãe...

Então Octavia em pé, levantando os braços, delirante e desesperada, bradou:

— Eu matei minha filha!...

E cahio no chão, como se tombasse morta.

CONCLUSÃO

Sete dias depois dessa medonha noute da catastrophe a alma de Julia subio ao ceo. Uma febre cerebral prevenio o golpe mais demorado da tísica.

Octavia nem chorou sua filha, nem a prova morta de seo erro que os avós de Julia esconderão zelosos, abafando a vergonha da familia.

Octavia endoudecera e foi cahindo em idiotismo.

Germano não conseguiu tornar á ver em seos ultimos dias de vida a noiva que elle tinha acabado por amar tanto, porque o barão, vendo que Julia em confrangentes de-

lirios repellia com horror a imagem de seo noivo, negou-lhe entrada na sala da agonia de sua neta, e apenas quando elle vinha afflicto pedir noticias da amada doente, lhe concedia o cortez mas frio tratamento á que o obrigavão as proprias conveniencias da reputação da familia.

Germano sentio talvez dor sincera pela morte de Julia ; mas nem assim desmentio seo character e sua natureza sensualista.

Ferido em seo amor, no menos impuro dos seos amores, e duramente contrariado pela perda da fortuna com que tanto calculara, voltou-se contra Anna de Alencastro e sua filha e jurou tomar vingança das perfidias e enredos com que ellas havião conspirado para estorvar o seo casamento.

E a vingança foi tam completa como indigna de um homem honesto e nobre.

Germano frequentou cada vez mais assiduo a casa de Anna de Alencastro.

No fim de dous mezes, uma por uma todas as familias da amizade de Anna de Alencastro tinhamo fechado suas portas á mãe da escandalosa amante de Germano.

No fim de tres mezes o elegante diplomata de *face marmorea* partio para a Europa, deixando Anna de Alencastro e Paulina no chão do desprezo publico e á braços com a penuria que antecede á miseria.

INDICE

—

SEXTA PARTE

	PAG.
I. — Mãe em desespero.....	5
II. — A mãe á mentir.....	17
III. — Germano e suas confidentes.....	31
IV. — Visita inesperada.....	41
V. — Confidencia da abnegação e do egoismo....	55
VI. — Submissão condicional.....	59
VIII. — O Proceder de Octavia.....	67
VIII. — Esperanças.....	73
IX. — Doce violencia.....	85

SETIMA PARTE

I. — A logica dos erros.....	95
II. — Visita perdida.....	109
III. — Octavia e Germano.....	121
IV. — A mulher má.....	133

V. — Corruptor e corrompida.....	139
VI. — Um mez de felicidade.....	157
VII. — Um ramallete de rosas.....	171
VIII. — Os espinhos das rosas.....	179
IX. — A nova intriga.....	185
X. — A familia.....	197
XI. — Uma carta de Germano.....	205
XII. — A luva de Anna de Alencastro.....	213
XIII. — Passeio nocturno de Anna de Alencastro e de sua filha.....	223
XIV. — O <i>sim</i> do medico e o <i>não</i> do padre.....	227
XV. — Em desespero.....	235
XVI. — A extrema expiação.....	243
CONCLUSÃO.....	253

FIM DO INDICE DO TOMO ULTIMO.

OBRAS QUE SE ACHÃO A VENDA NA MESMA CASA :

J. M. de Macedo

A NAMORADEIRA, romance. 3 v. br. 6\$000, enc.....	8\$000
NINA, romance, 2 v. br. 4\$000, enc.....	5\$000
AS MULHERES DE MANTILHA, romance historico, 2 v. br. 4\$000, enc.....	5\$000
A LUNETTA MAGICA, romance. 2 v. in-8 br. 4\$000, enc.	5\$000
AS VICTIMAS ALGOZES, quadros da escravidão. 2 v. br.	5\$000
A MORENINHA. 1 v. com estampas, enc.....	3\$000
A NEBULOSA. 1 v. enc.....	3\$500
CULTO DO DEVER. 1 v. enc.	5\$000
MEMORIAS DE UM SOBRINHO DE MEU TIO. 2 v. enc..	5\$000
MOÇO LOURO. 2 v. enc.....	3\$000
OS DOUS AMORES. 2. v. enc.....	5\$000
ROMANCES DA SEMANA. 1 v. enc.....	5\$000
ROSA. 2. v. enc.....	5\$000
VICENTINA. 3ª edição. 3 v. br.....	5\$000
THEATRO COMPLETO. 3 v. enc.....	9\$000
LUXO E VAIDADE, PRIMO DA CALIFORNIA, AMOR E PATRIA, comedias, 1 v. in-8 br.	2\$000
LUSBELLA, comedia. 1 v. in-8 br.	1\$500
FANTASMA BRANCO, comedia. 1 v. in-8 br.....	1\$500
NOVO OHELLO, comedia. 1 v. in-8 br.	500
O PRIMO DA CALIFORNIA, comedia. 1 v. in-8 br....	1\$000

Machado de Assis

CONTOS FLUMINENSES, contendo: Miss Dollar, Luiz Soares, A mulher de preto, O segredo de Augusta, Confissões de uma moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva. 1. v. enc.....	3\$000
CHRYSALIDAS. Poesias. 1 v. in-8 br. 2\$000.....	2\$600
PHALENAS. Poesias. 1 v. in-8	3\$000
RESURREIÇÃO, romance, 1 v. in-8 br 2\$000, enc...	3\$000

Bernardo Guimarães

O GARIMPEIRO, romance. 1 v. in-8 br. 2\$000, enc.	3\$000
O ERMITÃO DO MUQUEM, ou historia da fundação da romaria do Muquem, na provincia de Goyaz; romance de costumes nacionaes. 1 v. enc.....	3\$000
LENDAS E ROMANCES: Uma Historia de Quilombólas, a Garganta do Inferno, a Dansa dos Ossos. 1 v. br. 2\$000, enc.....	3\$000
POESIAS. Cantos da solidão. 1 v. enc.....	6\$000

Rozendo Moniz

FAVOS E TRAVOS, romance. 1 vol. in-8 br. 2\$000, enc..	3\$000
--	--------

J. de Alencar

TIL, romance brasileiro, 4 v. in-16, br. 4\$000, enc.	6\$000
IRACEMA, lenda do Ceará, 2ª edição. 2 v. br. 2\$000, enc.	3\$000
VIUVINHA e os Cinco Minutos, 2ª edição. 1 vol. broch.	2\$000
enc.	3\$000
O GUARANY, 3 edição, 2 v. in-8 enc.	6\$000
A mesma obra, 2 v. in-4, encadernados	10\$000
AS MINAS DE PRATA, romance historico, complemento do precedente. 6 v. in-8, br. 12\$000, encadernado	16\$000
O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª edição. 1 v.	1\$50,
AS AZAS DE UM ANJO, comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo	2\$000
2ª edição. 1 v.	2\$000
A MAI, drama em 4 actos, 2ª edição. 1 v.	2\$000
VERSO E REVERSO, comedia em 2 actos, 2ª edição. 1 v.	1\$000

Senio

O GAUCHO. romance brasileiro. 2 v. in-8 br. 4\$, eno..	6\$000
PATA DE GAZELLA. romance brasileiro. 1 v. in-8 br.	2\$000,
enc.	3\$000
O TRONCO DO IPÊ. romance brasileiro. 2 v. in-8 br.	4\$000,
enc.	6\$000

G. M.

DIVA, perfil de mulher. 2ª edição. 1 v. enc.	3\$000
LUCIOLA, perfil de mulher. 2ª edição. 1 v. enc.	7\$000

J. M. Pereira da Silva

JERONIMO CÔRTE REAL. 1 v. enc.	3\$000
MANOEL DE MORAES. 1 v. br. 2\$000, enc.	3\$000
GONZAGA. Poema. 1 v. in-8 enc.	3\$000

Moreira de Azevedo

OS FRANCEZES NO RIO DE JANEIRO, romance historico. 1 v.	
in-8 br.	2\$000
LOURENÇO DE MENDONÇA, romance historico. 1 v. br..	1\$500

L. Guimarães Junior

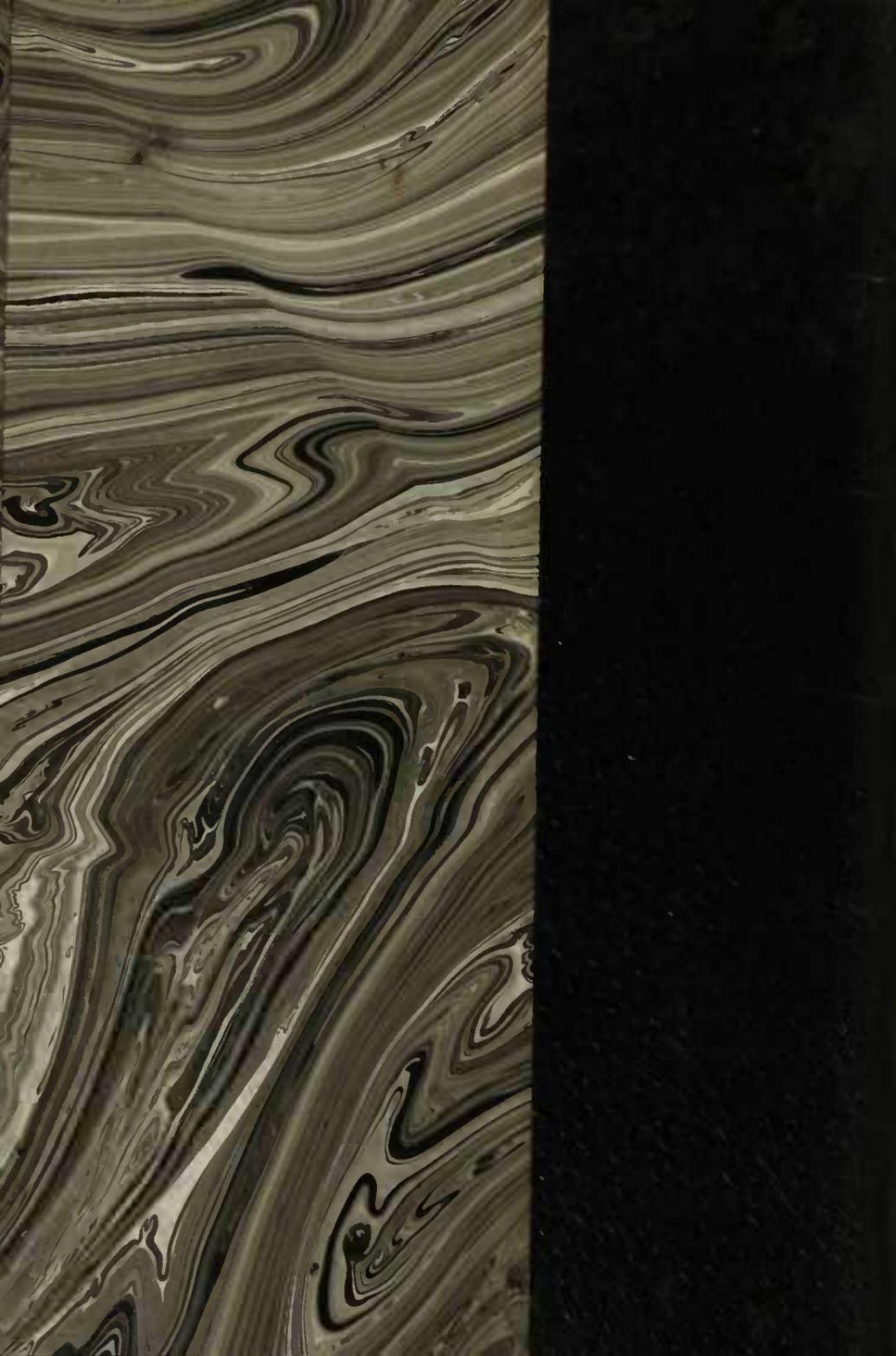
HISTORIA PARA GENTE ALEGRE. 2 v. in-8 br.	4\$000
CURVAS E ZIG-ZAGS. Caprichos humoristicos. 1 v. in-8º	
br. 2\$000, enc.	3\$000

Th. Fix

HISTORIA DA GUERRA DO PARAGUAY, traduzida por A. J. Fernandes dos Reis e annotada por *** 1 v. in-8º enc.	5\$000
--	--------







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).